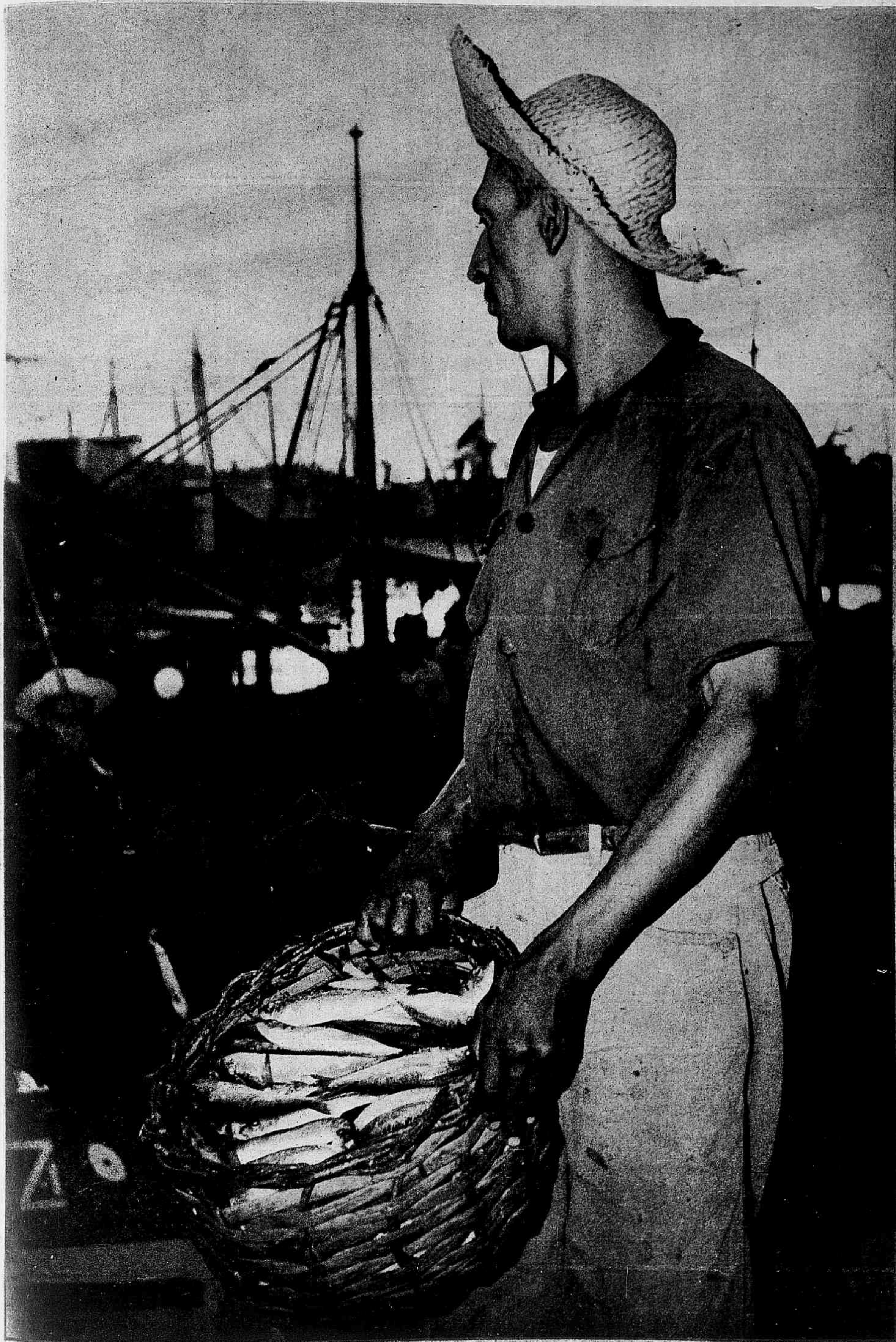


ANO XLIV
N.º 10

Revista da Semana

6 de Março
de 1943
Cr\$ 1,50 em
todo o Brasil

[Handwritten signature]



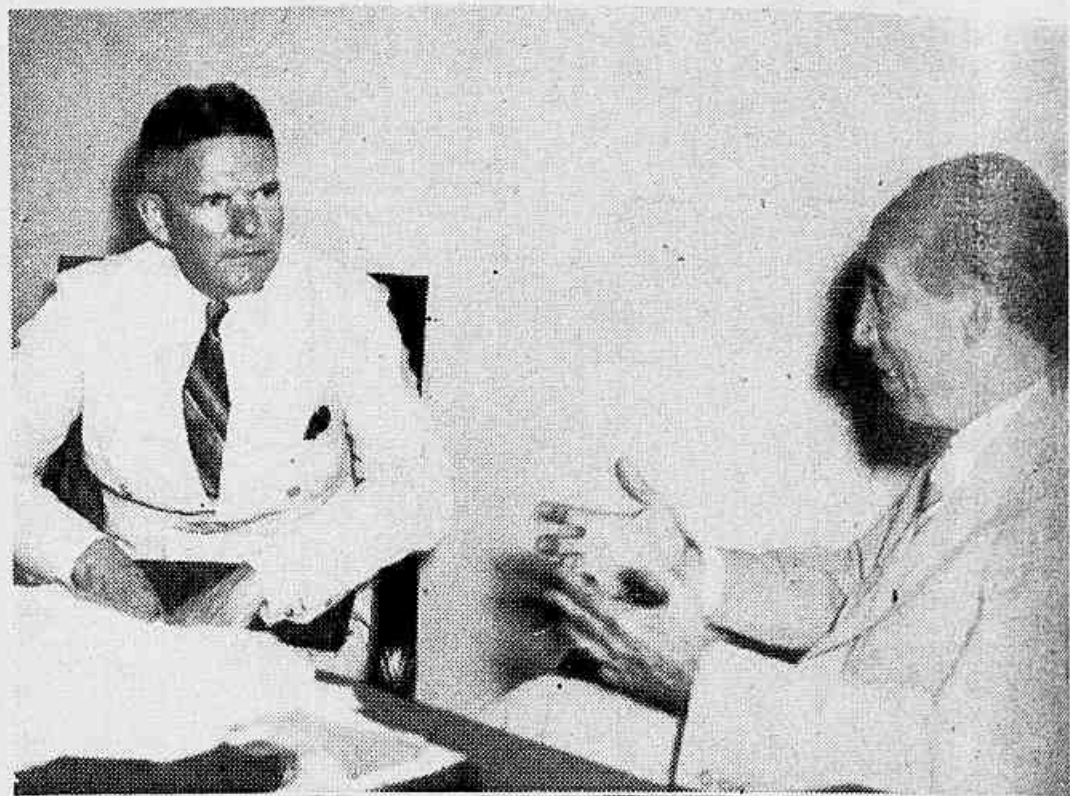
PEIXE, PARA A MESA DO CARIOCA

(REPORTAGEM NO TEXTO)



Aspecto apanhado no Palacio do Catete, por ocasião da entrega das credenciais do novo Embaixador do Equador, senhor Gonzalo Zaldumbide, que se vê em palestra cordial com o Presidente Getulio Vargas, minutos depois da cerimonia.

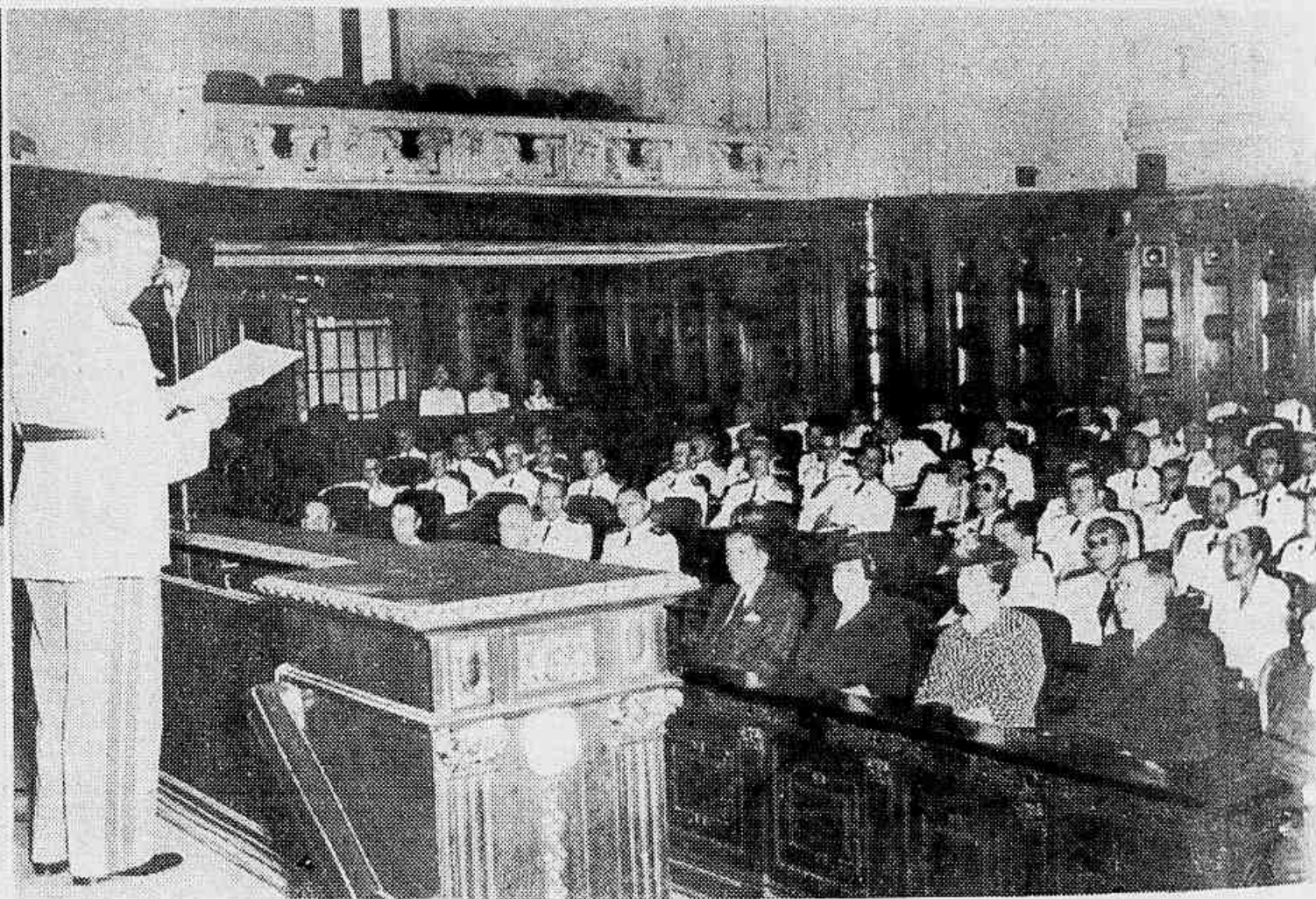
FIGURAS E FATOS



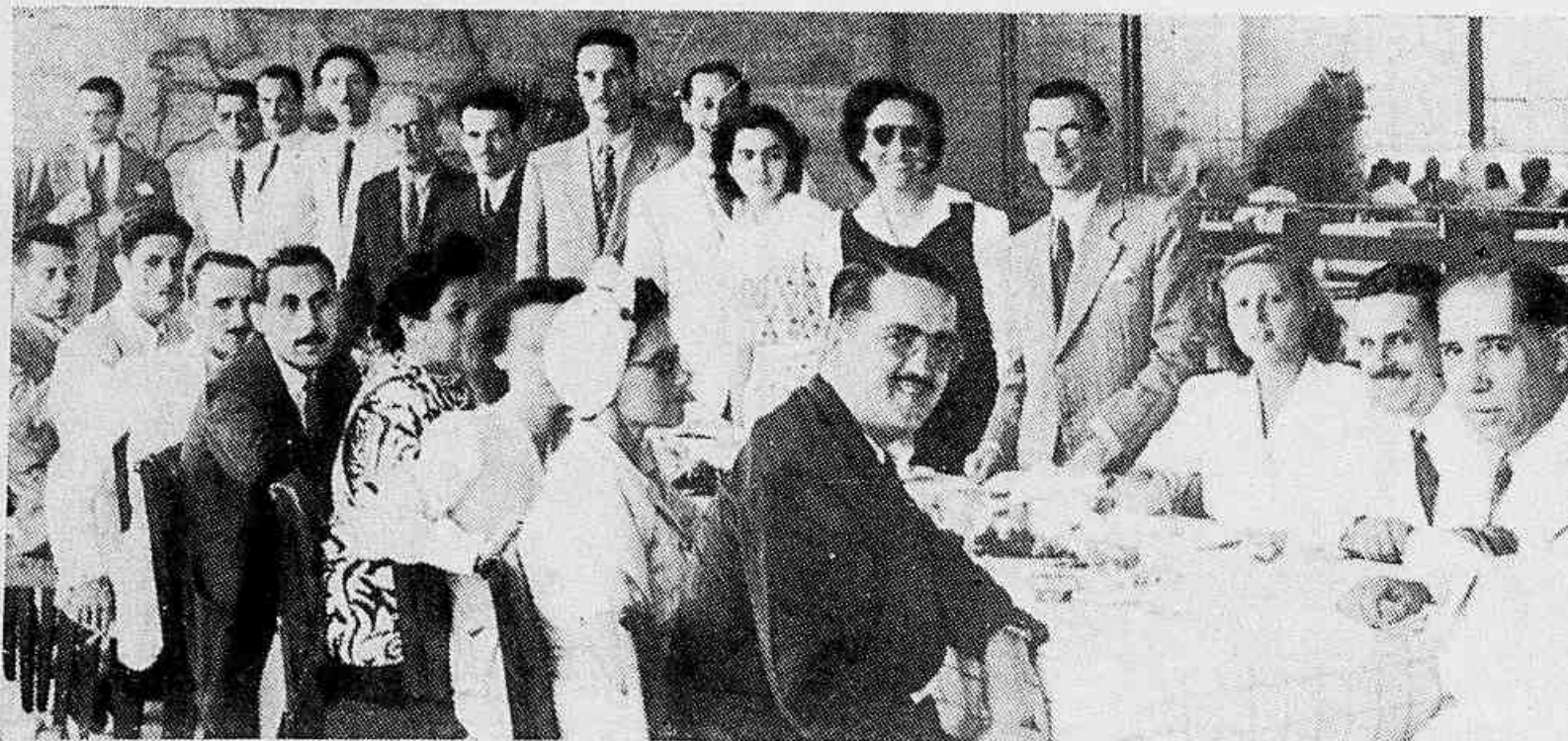
O ministro João Alberto, coordenador da Mobilização Economica, recebendo no seu gabinete o senhor Warren Lee Pierson, presidente do Export and Import Bank dos Estados Unidos.



A COMEMORAÇÃO DO CENTENARIO DE TAUNAY — Das solenidades que assinalaram a passagem do centenário do nascimento do escritor Alfredo d'Escagnolle Taunay, destacaram-se a que foi realizada no Instituto Histórico e Geográfico e a realizada no Palacio Tiradentes. A sessão do Instituto foi presidida pelo embaixador Macedo Soares, tendo comparecido o chanceler Oswaldo Aranha que representou também o presidente Getulio Vargas, os socios do Instituto, pessoas da familia do imortal autor de



“Retirada da Laguna” e numerosa assistencia. Falaram nessa ocasião: pelo Instituto Histórico, o sr. Wanderley Pinho que exaltou a vida e a obra do autor do “Inocencia,” e o sr. Afonso de Taunay que agradeceu, em nome da familia do romancista. No Palacio Tiradentes, foi orador o general Souza Doca, que teve a ouvi-lo uma grande assistencia. Os clichés mostram o sr. Wanderley Pinho e o general Souza Doca, quando pronunciavam as suas conferencias.



Após curto afastamento de suas atividades na gerencia da Emp. de Propaganda Standard Ltda., por motivo de doença, o sr. Alfredo da Fonseca foi alvo de expressiva homenagem dos funcionarios daquela organização publicitaria. A mesma consistiu de um almoço no restaurante do Aeroporto Santos Dumont, fixando o “cliché” um aspecto da mesa, a cuja cabeceira estão o homenageado e o sr. Cicero Leuenroth, diretor da Empresa de Propaganda Standard.



Fotografia tomada na posse do sr. José Firmo, no cargo de Presidente da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Imprensa Nacional. O ato, que se realizou no Conselho Nacional de Trabalho, foi presidido pelo Cel. Silveira Peixões de Goes Monteiro e teve uma concorrida assistencia. O novo presidente da C. A. P. I. N. é figura de projeção nos circulos intellectuais do pais, redator da “Gazeta” de S. Paulo e diretor da União Brasileira de Imprensa.

V A R I A Ç Õ E S

SOBRE O ANUNCIO

Por EUGENIO GOMES

Revista
da
Semana

O anuncio... Coisa cacete? Coisa prosaica? Algumas vezes, sim; mas quem já se teve a pensar na substancia estética do anuncio? Não nos enganemos, é o mais difficil dos generos literários. Pouco importa que não tenha sido até hoje incluído em qualquer História de Literatura. Não o será nunca; entretanto, como literatura, o anuncio é um gênero difficilissimo.

Os norte-americanos tiveram o privilegio de recriar a arte nada desinteressada do anuncio dando-lhe a expressão dinamica e o prestigio conhecidos.

A sedução do anuncio americano, quem não na sentiu ainda? A imagem gráfica que me acompanha com maior fidelidade, desde a infancia até os dias que correm, é a do homem da emulsão com um grande peixe ás costas. Cem anos que eu visse, cem anos teria essa figura gravada no fundo de minha retina.

Hoje, quando abro uma revista americana não é para os contos ou qualquer outra materia original que os meus olhos correm mais avidamente, é para os anuncios, os deliciosos anuncios, que tornam essas publicações singularmente sugestivas e sedutoras ás nossas vistas.

Cada conjunto de anuncios americanos é um verdadeiro "key-note" do espirito criador do grande povo de pioneiros da civilização moderna.

Não ha por onde se possa explicar melhor o "humour" peculiar á gente yankee, com as suas desconcertantes extravagancias, do que através de seus admiraveis anuncios comerciais.

Nenhum outro povo compreendeu mais nitidamente o anuncio como uma arte, e arte que se nutre de todas as outras, da musica, da poesia, da prosa, da pintura, do desenho, da fotografia, do cinema.

O sentido popular e democratico do anuncio, tal como o vemos expandir-se na terra de Tio Sam!

Achava Goethe que só devia escrever para o publico quem tivesse um milhão de leitores. O escritor de anuncios está nesse caso.

O fato de serem poucos os que lêem anuncios espontaneamente, antes de constituir motivo de ceticismo ou desanimo, é um estimulo á capacidade inventiva, pois a arte do anuncio deve ter por fito principal atrair a atenção de todos, arrefecendo e desarmando por fim as prevenções individuais que a propaganda desperta um pouco geralmente. E' claro que, para isso, não basta o elemento decorativo, o desenho, a imagem, o colorido, mas tambem o conteudo, a sintese.

Não sei se já se tentou fazer a classificação psicológica dos anuncios. As nossas reações perante os cartazes de rua, em que Alvaro Moreyra surpreende o sorriso da cidade, facilitariam a tarefa. Oh, as diferentes especies de anuncios! O anuncio antipático, mas fortemente gradativo, que apesar de toda a nossa intima repulsa, adere á pele de nossa sensibilidade e nos segue um dia, um ano, a vida inteira! E o anuncio brutal? Encon-

tramo-lo por toda parte. O anuncio agradável e sedativo, falando antes á sensibilidade do que á imaginação. O anuncio bucólico... O que nos mostra aspectos atraentes da vida rural: montanhas, vales, aguas correntes, arvores de sombras gordas, vacas pastando á-tôa, uma casa no alto. O anuncio galanteador e amavel, como o que encontramos diariamente no bonde, alusivo á "bela passageira que o senhor tem a seu lado...", curada antigamente de uma bronquite. E' possivel que a passageira ao lado não seja bela, mas o anuncio não peca por ser galanteador. O anuncio tradicional, destinado a atravessar séculos, como o do homem que carrega o peixe ás costas. Quem não traz um anuncio destes na lembrança pela vida afóra?

O anuncio liberal tem a sua expressão mais representativa no "trailer" cinematográfico. O "trailer" é o tipo acabado de anuncio generoso. Anteriormente, a propaganda cinematográfica limitava-se a um ou outro cartaz choradinho. Ha quem se baste do "trailer". E, ás vezes, basta mesmo.

Encontra-se tambem um anuncio de feição ou espirito liberal na resenha que certos livros trazem do próprio conteudo na folha de cobertura. E' a ponte por onde deslizam os noticiaristas que não têm animo ou tempo de remexer o miolo do livro. Esse tipo de anuncio, em que Chesterton via um caso de simples candura comercial, inspirou ao escritor de "Orthodoxy" um poema de raro sabor humoristico.

Mas existem contrastes gritantes entre os anuncios. Estamos habituados a encontrar frequentemente o anuncio sumitico, casquinha, miseravel. São os forretas da publicidade. Parece terem receio de proclamar abertamente as virtudes daquilo que anunciam.

Ha o anuncio criador, como o da propaganda do espinafre, que engendrou Poppeye, os seus comparsas e toda uma mitologia absolutamente maluca. Quem diria que uma erva tão rasteira, tão desengraçada e, o que é mais, tão antiga como a terra viesse a adquirir o viço de novidade e o prestigio colosal que o criador do invencivel marinheiro lhe assegurou com os improvisos do seu espirito inventivo?

A vida imita a arte, tambem no mundo do anuncio... E' o caso das três irmãs galantes que passaram a ser chamadas de Caxambú, Lambary e Cambuquira. Eram altas, loiras e costumavam aparecer sempre juntas, tal como as figuras do famoso cartaz que já não se encontra em nenhum muro. O povo deu com a analogia e, desde então, as três irmãs só eram conhecidas como Caxambú, Lambary e Cambuquira. Ainda uma vez, a vida imitava a arte, a arte do anuncio.

Entretanto, não é só a imaginação popular que se inspira no anuncio. Um dos nossos poetas dedicou uma balada ás três irmãs do Sabonete do Araxá. Isso mostra o poder sugestivo do anuncio, cuja poesia mergulha raizes, mais profundas do que se pensa, em nossa sensibilidade.

6 de Março de 1943
ANO XLIV - N.º 10



Repouso em clima adorável, 500 mts. alt. Passeios, águas minerais, matas, cascatas, agude, diversões. Fazenda Santa Rita (Parada Eng. Neri Ferreira), a duas horas do Rio. Tel. Mendes 61 — No Rio. Confeitaria Pascoal.

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo,
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações da asma, como dispnéas, influências, defluxos, bronquites, catarrhos agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocação, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogarias
Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência 22-2550; Redação 22-4447;
Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

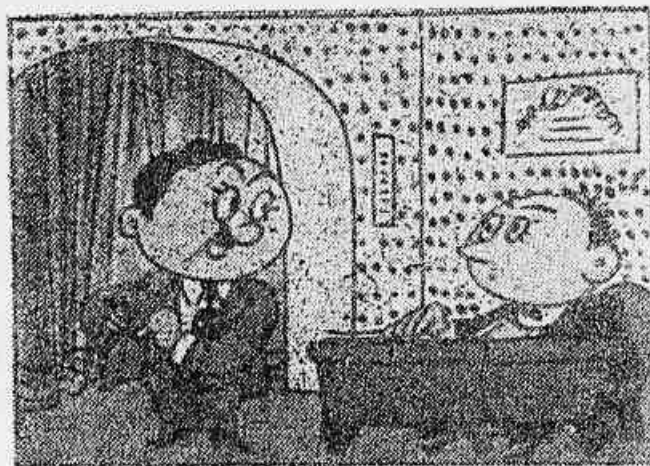
Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

OUTROS RIRAM...



— Perdi o meu livro de cheques!

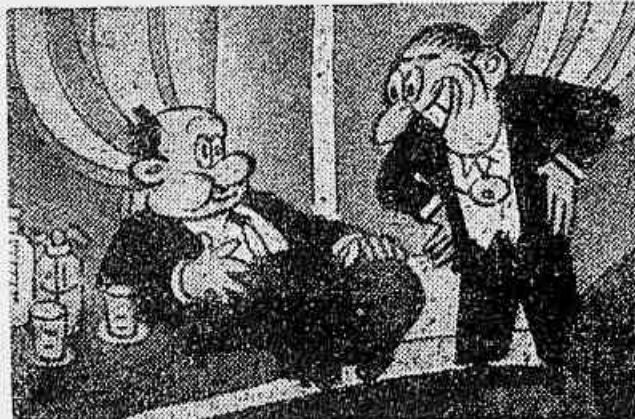
— Oh, diabo, que perigo.

— Não faz mal. Não podem falsificar a minha assinatura porque eu os tinha assinado, todos.



O ensaiador — Agora a condessa desmaia e o senhor leva-a nos braços para dentro.

O ator — Não seria melhor mandar vir uma ambulância?



— Não sei como ha quem suporte carne de cavalo. Comi-a uma vez, em Berlim, e toda a noite me andou dando voltas no estomago.

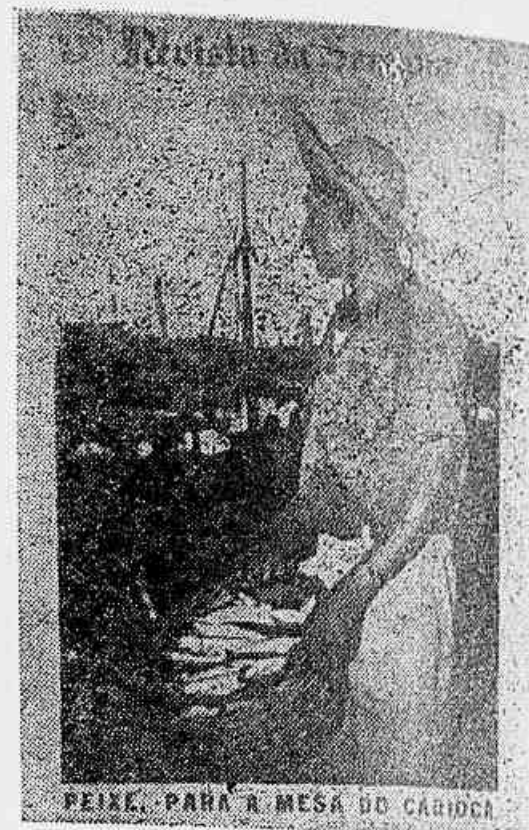
— Era talvez um cavalo de circo...



— Gastámos de mais, querida, na nossa viagem de núpcias.

— Não faz mal. Para a outra vez gastaremos menos.

A nossa capa



Da vasta reportagem deste numero, dedicada ao fornecimento do peixe para consumo da mesa do carioca, destacamos a belíssima fotografia da capa de nossa Revista de hoje, da autoria do sr. Arnaldo Vieira.

É uma homenagem expressiva que prestamos ao pescador destemido que vai lá fóra, mar alto, como os seus irmãos nordestinos, os jangadeiros da raça de Francisco Nascimento, libertador dos escravos do Ceará, em sua faina árdua e cheia de perigos, buscar do seio das ondas rebeldas o peixe saboroso e farto para delícia do nosso paladar.

Nesta hora de sobressaltos e de vigílias, o pescador constitui ainda a reserva mais eficiente dos nossos marujos de guerra. Conhecido de todos os segredos do mar, dos ventos e das procelas, animoso e riço para vencer os embates das ondas adversas, — é um elemento de primeira ordem para a defesa da nossa costa, com que o Brasil pode contar em qualquer emergência.

Ao fim da labuta de que acaba de regressar, mirando o horizonte varado pelos primeiros clarões do dia, este robusto homem do mar tem no todo alguma coisa de simbólico, alguma coisa que personifica o sentido atual de nossa terra, de corpo e alma entregae á nobre tarefa de vigiar e lutar pela conservação das nossas prerogativas de liberdade.



"ISTO É O QUE EU PRECISO PARA CURAR O MEU RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

ALIVIA RAPIDAMENTE OS RESFRIADOS

Basta applical-o no PEITO na GARGANTA e nas NARINAS.

A SEMANA EM REVISTA

A CIVILIZAÇÃO OFERECE ESPETACULOS

Deveras espantoso imaginarmos a série de catástrofes a que estamos constantemente sujeitos, nesta agitação que caracteriza o século. Edifícios enormes podem incendiar-se no momento em que estivermos no seu interior. Descarrilamentos, naufrágios, desastres de toda ordem podem suceder a cada instante, envolvendo-nos em suas trágicas consequências. Pensem só na fisionomia de uma cidade americana moderna. Atividade febril nas ruas. Veículos transitando repletos, lojas regorgitantes, apitos estridentes lançando aos céus a mensagem alegre do trabalho. Pois foi em um momento assim, quando toda a população se entregava à labuta quotidiana, que aconteceu este fato tremendo: um enorme avião espatifou-se de encontro a um arranha-céu, caindo incendiado aos pés do mesmo. Além dos tripulantes, desapareceram vinte pessoas que empregavam atividades numa indústria localizada no prédio atingido. Mas, removidos os escombros, recompostas as partes danificadas, tudo recomeçou, no dinamismo de sempre. É o mundo moderno...

AUTARQUIA

Mesmo nesta época de coisas fantásticas, de acontecimentos monstruosos que se sucedem através do mundo com uma frequência verdadeiramente alarmante, não poderíamos deixar passar, sem um registro especial, esse fato sucedido em Minas — um médico foi o seu próprio operador!

A aventura deu-se em Patos, sendo o herói o diretor da Casa de Saúde Miguel Couto, daquela cidade. A operação — uma apendicetomia — desenvolveu-se normalmente, havendo dela minucioso documentário fotográfico obtido por um médico assistente.

De muitos ângulos poderemos analisar o acontecimento. Em primeiro lugar tributáramos uma homenagem ao cirurgião; ele demonstrou, incontestavelmente, que acredita na sua ciência, que confia na sua própria perícia, coisa de bastantes méritos nestes tempos de mistificações que atravessamos. Em segundo lugar, evilienciáramos o aspecto militar do fenômeno. Sem dúvida, todo aperfeiçoamento nas forças armadas tende para um único objetivo que, embora distante, nunca deixou de empolgá-los belicistas — auto-suficiência do soldado.

O equipamento do combatente moderno é um arsenal, em comparação com o do antigo. Os paraquedistas, por exemplo, costumam levar desde o alimento para vários dias, até uma bicicleta para a locomoção em terra. Esse médico, sem o suspeitar, foi um pioneiro da auto-cirurgia. Quem poderá dizer que, amanhã, mediante uma preparação prévia das vontades, não serão os soldados seus próprios médicos e enfermeiros, num milagre de autarquia individual, de que haveriam de sorrir, incrédulos, os grandes generais da História?

O HABITO DE MORRER

Embora a civilização haja semeado sobre as velhas planícies, a floresta babilônica das cidades, e as descobertas científicas nos hajam possibilitado o domínio pleno das forças da natureza, o homem continua — tal qual nos primórdios da História — a preocupar-se com certos problemas relacionados com o mistério mesmo das coisas. O problema da morte é um deles. Sucodem-se as religiões, aparecem e desaparecem os profetas e quase toda a inquietação religiosa dos povos se desenvolve em torno do enigma da morte. A idéia de limite, de fim que ela contém, é um dos maiores motivos de tortura para os homens — eles se prezam demasiadamente para conformar-se com a possibilidade duma extinção total, positivada na morte.

Pois tudo isso parece desmentido com o que foi recentemente descoberto na Hungria. Um pescador adquiriu o estranho hábito de morrer. Sim senhores, o hábito de morrer! Todas as noites o seu coração paraliza por completo e, pela manhã, reata o fio de uma vida normal... Decifrem isso os cientistas.

MATERNIDADE REQUINTADA

Decididamente nem as crianças escapam mais a isso que se chama, vaidosamente, os confortos materiais da civilização. Antigamente dava-se um berço, um brinquedo e deixávamos que o garoto se arranjasse. Hoje, não. O garoto é perseguido metodicamente, desde a primeira hora, com certos cuidados que deverão aborrecê-lo profundamente. Ora é uma vacina, uma injeção, ou qualquer instrumento de suplicio que lhe é aplicado sob esta ou aquela justificativa.

O pretexto desta nota é um melhoramento introduzido em um hospital-maternidade de São Paulo. Houve ali, simplesmente, a inauguração de um pulmão de aço, destinado a remediar asfixias nos recém-nascidos. O fato foi largamente noticiado pela imprensa, a qual louvou, unânime, os benfeitores a quem se deve o empreendimento.

Cá por cá, achamos apenas uma brutalidade mimosar os bebês com uma coisa desse gênero. Um pulmão de aço! Seria mais humano que se cuidasse de dar nada mais do que alimento e chocalho aos que não recusassem, no primeiro instante, o ardo quente de viver...

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gesteira**

DESTRUIÇÃO DE UM SIMBOLO



A crença que a humanidade deposita nos símbolos é antiquíssima. A maior força dos Estados e dos exércitos sempre residiu nas suas bandeiras, nos seus hinos. Pode também haver símbolos de outro tipo — um objeto qualquer, uma simples palavra, pode possuir uma força mágica em virtude da confiança neles depositada pelos homens. Entre os símbolos mais prestigiosos da França, antes desta guerra, situava-se a **Linha Maginot**. Esta fortificação, estendida ao longo da fronteira oriental significava aos olhos do povo a intangibilidade das fronteiras gaulezas, o *cheque* da segurança nacional. Essa convicção — seria quase desnecessário relembrar — foi duplamente perniciosa aos destinos da Pátria de Joana d'Arc; nas classes governamentais, contribuiu para que os homens descurassem da guerra ofensiva, baseando toda a engrenagem militar do país num sistema *defensivo* apenas; outrossim, estimulou as competições personalistas, as inglorias lutas partidárias, com as quais lucravam sempre os inimigos. No seio do povo, determinou o completo relaxamento no esforço de cooperação nacional, clima ótimo para a ação corrosiva da 5ª coluna.

Depois de todos esses anti-serviços, a Linha Maginot fracassou na sua verdadeira função — a defesa militar. Telegramas de Zurique falam que os alemães estão dinamitando o remanescente da fortaleza, para aproveitamento do ferro nela empregado. Quem sabe se essa destruição, no seu simbolismo, não seja um grande serviço prestado à França? Quem sabe?

LUTOU ATE' AO ULTIMO OVO

Mais sensacional do que as notícias de guerra — bombardeios, naufrágios, incêndios — acaba de chegar da Europa um despacho capaz de surpreender a qualquer um.

Certo contingente cercado e ameaçado de aniquilamento, em Portugal, resistiu a ovos. Gastou duzias e duzias de ovos, enquanto reina a fome mais negra em toda Europa, onde falta tudo.

A coisa se passou da seguinte maneira. Uma família residente em Marvão, próximo à fronteira espanhola transformou a própria residência num entreposto de contrabando. A polícia desconfiando — e com razão — que lá estava um grande *stock* de ovos e açúcar, investiu contra o celeiro ilícito, determinando as medidas de defesa.

Uma velha atirou-se do alto de uma escada sobre 500 duzias de ovos depositadas numa garagem, com o objetivo — disse ela — de *destruir as provas*. A filha, mais ponderada nas atitudes, entrincheirou-se em outro aposento da casa, defendendo-se desesperadamente com ovos. Vários impactos diretos atingiram a cabeça dos policiais.

Depois de esgotadas as munições, as duas valentes, assim como os cúmplices, foram parar na cadeia.



FLÁVIO

A distribuição desta revista na Capital do Estado de São Paulo está a cargo da "Agencia Siciliano", á rua D. José de Barros n.º 323, telefone 4-7866.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Bríg. Luíz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos!
NOME: _____
ENDREÇO: _____

A CASA DE COLOMBO

Em 1878 foi demolido no Funchal o historico e velho solar do opulento genovês João Esmerault, onde, segundo a tradição, viveu por algum tempo o homem que mais tarde devia descobrir o vasto e fértil continente americano. Em seu lugar ficou uma ruína triste e pouco frequentada, que denominaram de Christovão Colombo, e que serve de ligação entre as ruas do Sabão e do Esmeraldo. Casado com a filha do primeiro donatário da vizinha ilha de Porto Santo, Christovão Colombo, que aí por 1474 se entregava em Portugal á copia de roteiros e cartas, e ao fabrico de agulhas de marear, desejoso de conhecer de perto as primeiras ilhas descobertas pelos portugueses, embarcou para a Madeira em companhia de seu cunhado, que aqui vinha reivindicar os seus direitos á Capitania do Porto Santo, que a mãe alienára durante a sua menoridade. João Esmerault, que então vivia no Funchal, alegre e generosamente hospedou o seu illustre compatriota. Já então germinára no cérebro de Colombo a idéa de chegar á Índia por caminho diferente daquele que levára o Gama. E diz-se que fora ali naquela casa, duma arquitetura de transição entre o gotico e a renascença, que mais se radicaram as suas idéas. Al interrogou ele os velhos marinheiros, que porventura aportavam á Madeira, colhia informações e punha em ordem os seus apontamentos. Dali contemplou ele, melancólico e pensativo, as aguas do Oceano, que devia ser muda testemunha das suas esperanças e dos seus receios, das suas glórias e das suas desventuras.

O nome do possuidor do solar foi-se apagando a pouco e pouco, e o povo começou a designá-lo por "casa de Christovão Colombo". O tempo, irreverente, roeu-lhe as frontarias e o camartelo demolidor que não respeita a tradição, lançou por terra o historico edificio, que bem digno era de ser conservado como uma reliquia sagrada do passado.

Uma das razões que levaram Christovão Colombo a vir em busca do Novo Mundo foi o desejo de conquistar novos povos para Jesus Cristo.

Como lhe perguntassem, depois de uma de suas viagens, o que tinha encontrado nesses longínquos paizes, descreveu suas riquezas e maravilhas e acrescentou:

"Sim, a Índia é bela e rica; mas a pérola da Índia é a alma do indio".

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos os volumes III do tomo XIX e I do tomo XX do Mensario do "Jornal do Comercio". São as edições correspondentes a Setembro e Outubro de 1942.

PRISÃO de VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

Numeros atrasados desta Revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

Medendo os pés



O RETRATO

Conto dos escritores franceses J. -- H. ROSNY

Os homens que tem temperamento de jogador... disse lentamente Martial — não podem deixar de ligar a idéia de sorte a todos os acontecimentos da vida. Para eles a Sorte tem uma existência positiva, como Deus para os religiosos e a força para os materialistas.

— E então? Que tem a ver com isso o caso de Jorge Salusse?

— Justamente. É um caso de sorte. Ouçam e dir-me-ão depois.

Jorge Salusse era um destes homens de quem se diz que dormiram em berço de ouro. A sua infância fora ditosíssima e a sua primeira mocidade um encanto. Por volta, porém, dos vinte e dois anos, deu-se no seu destino uma reviravolta pavorosa. Salusse foi apanhado por três ou quatro furacões financeiros e os seus haveres voaram como folhas secas. Aos vinte e cinco anos, a sua ruína era completa. Sem habilitações para exercer uma profissão determinada começou a dar lições de francês, de desenho e até de piano. Mas aquilo pouco rendia. Para andar com um paletó ainda de cor definida, calças quasi sem joelheira e sapatos, era Salusse obrigado a poupar qualitativa e até quantitativamente na alimentação. Privava-se de carne. Contentava-se com pão, queijo a peso, leite, legumes. E ainda esse modesto passadio sofria interrupções! Dias havia em que tudo se reduzia a pão seco — e nada entristece uma pessoa como o abuso do pão. Chegando aos trinta anos, entrou a considerar a conveniência de estourar os miolos. Como, porém, esse problema não reclamava solução imediata, Salusse ia-o deixando para o dia seguinte, para a semana proxima. E nesse entremetentes o acaso o fez travar conhecimento com uma viuva americana que se queria aperfeiçoar no manejo do nosso idioma. Por que motivo ela preferia, para esse aprendizado um professor a uma professora, não sei nem realmente me importa. O certo é que o fez sem segunda intenção. Tornou-se uma discípula atenta, compenetrada, sizerdissima. Note-se que era uma bela criatura, clara de espírito como de pele, graciosa de maneiras como de formas e com uns cabelos entre o castanho e o cinzento, tão sedosos e evidentemente tão macios que qualquer homem pensaria logo em mergulhar neles as mãos apaixonadas. Jorge, porém, não amava mistress Wildbird, pensava apenas que seria delicioso ama-la como pensava que seria delicioso voltar a ter fortuna. Enquanto isso, ia-se a viuva familiarizando com a prosódia francesa. Já conseguia pronunciar os *au* e não engulir os *rr*.

Ora, uma tarde quando Jorge chegou para a lição não tinha a senhora Wildbird voltado dum passeio. Os criados entregavam-se naquele dia a uma especie de limpeza geral, "a fundo", e por esse motivo foi Salusse conduzido a uma sala pequena e distante, onde nunca entrara. Para entreter o tempo, examinou os moveis, os objectos de arte distribuidos pelo aposento. De repente, deteve-se, tomado de emoção. Sobre uma meza, numa moldura cujo dourado se desfizera, reconheceu o retrato de sua bizavô materna, um retrato do século XVIII, mal pintado, aliás, e assinado por um artista completamente obscuro. Salusse embasbacava para o retrato, quando a Americana entrou sem fazer o menor ruido. Considerou o professor um bom momento e depois disse-lhe alegremente:

— Parece que esse retrato lhe interessa deveras, não?

— Interessa-me muito... murmurou Salusse. — Assemelha-se extraordinariamente a um que eu perdi haverá dez anos.

— Perdeu mesmo? insistiu a Americana, singularmente impressionada. — E como o perdeu?

— A dizer a verdade, roubaram-me com outros objectos e algum dinheiro. Roubo relativamente modesto, porque o ladrão podia ter levado muito mais coisas e melhores. E não sei realmente por que motivo ele juntou ao monte este retrato sem valor, sem nada de interessante.

— Não o sabe? Sei eu!

— Como assim? exclamou Salusse, espantado.

— Perfeitamente. Sei. É bastante repugnância me causou esse retrato. É lembrança dum ladrão, duplamente ladrão, porque abusou da minha confiança,

fiança, casando comigo. E até hoje, quando em tal penso, me sinto humilhada e triste. — Corara um pouco. Duas lágrimas lhe assomaram aos olhos. — Vim a saber tudo depois de ele morrer, pelos seus papeis, pois que ultimamente lhe dera a mania de escrever as suas Memórias. Quando ele arrombou a sua porta, não sabia a quem ia roubar. E queria obter apenas o bastante para embarcar para a América. Levou, pois, esse retrato, como documento ou indicação, pois tencionava, se voltasse à Europa, indenizar todo o prejuizo. A morte tornou impraticavel esse projecto. Resolvi eu executá-lo e fiz o possivel para isso. Puz inúmeros anúncios nos jornais. E só o senhor sabe porque não recebi resposta alguma veridica... Sim porque, naturalmente, não faltaram cavalheiros de indústria a responder.

— Não soube de nada. Nunca leio anúncios.

— Faz mal, como está vendo... Bom, mas isso passou. O senhor apareceu, é quanto basta. E já sabe o que desejo, o que quero. Foi com o seu dinheiro que meu marido... e desta fortuna não podia eu aceitar um dólar desde que lhe soube a origem. Está na América e na Inglaterra, em diversos bancos, crescendo devagar mas crescendo sempre. É a sua!

Salusse tinha empalidecido. A sua frente erguia-se uma vida nova e magnifica. Tudo o que era feio, grosseiro, enxovalhado amarratado num momento se converteu aos seus olhos em mocidade, alegria, esplendor. Mas bem depressa tal júbilo se dissipou. A idéa de espoliar aquela bela criatura, todo o seu ser se revoltou.

— Impossivel! Nunca assentirei em a despojar dos seus bens!

— Pois eu quero! replicou com extrema veemencia, a Americana. — Esse dinheiro de ladrão me estragaria todos os minutos da existencia. Acha ainda pouco que eu tenha sido esposa dele?

— Mas eu não posso receber uma fortuna em troca dalguns mil francos.

— Pode, sim, senhor, uma vez que foi o seu dinheiro que produziu o resto!

Olhavam-se, ele perturbadissimo, ela cheia de decisão. O sentimento que a discípula logo despertara em Jorge agora se tornava mais e mais ousado. O coração batia-lhe apressadamente. E, deixando-se levar pela comoção, o nosso heroi exclamou com força:

— Ainda se pudéssemos dividir...

— Mas eu não quero um dolar! feimou a viuva.

— No entanto, haveria um meio... insistiu ele, baixando a cabeça. — Porque, enfim, se a senhora não quer, eu não posso. — E, em voz mais baixa: — Sim, haveria um meio. Era casar-mo-nos. Mas a senhora também não ha de querer isso.

De novo os seus olhares se encontraram. A viuva córou um pouco; ele empalideceu um pouco mais.

— Não... replicou ela. — Um casamento que fosse um simples acordo de interesses, não o quereria nunca. Queria agradar primeiro.

— Mas a senhora me agrada! bradou ele, com ardor. — Se não me faltasse a coragem, eu a teria amado desde os primeiros dias. Nenhuma mulher me pareceu ainda tão sedutora, tão...

Mrs. Wildbird córou mais ainda e desatou a rir:

— Então? Então, que é isso? Que coisa engraçada, se eu me tornasse a esposa dum homem de bem, depois de haver tido por primeiro marido um gatuno... Sim, engraçado... e encantador.

Deixou-se prender as mãos que Salusse cobria de beijos. E seis semanas depois, o *maire* da 8.^a circunscrição lhes conferia legalmente o direito de se beijarem um ao outro a vida inteira.

Ora... concluiu Martial — se esta história lhe não parece um bom exemplo da Sorte, que preside aos nossos destinos, então, francamente, é porque vocês são dificeis de contentar!

SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE BOM BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

A fascinante autobiografia de

ANDRÉ MAUROIS

o maior biógrafo do século

Quando pensamos em Shelley, Disraeli, Lyautey, lembramo-nos logo de MAUROIS, que soube, como ninguém, descrever a vida desses grandes vultos da história e da literatura. Agora o grande biógrafo vem contar-nos a história de sua própria vida, a história de um homem que prestou relevantes serviços à sua pátria, de um homem que conhece todo mundo e escreve sobre todos e até sobre si mesmo, com franqueza, correção e brilho incomparáveis.



LEIA

MEMORIAS

primorosa tradução de MONTEIRO LOBATO



Outras obras do mesmo autor:

A VIDA DE DISRAELI
Trad. de Godofredo Rangel... Cr. \$12,00

A VIDA DE SHELLEY
Trad. de Manuel Bandeira... Cr. \$12,00

LYAUTEY
Trad. de Gustavo Barroso... Cr. \$12,00

VOLUME ENCADERNADO MAIS CR \$6,00

A venda em todas as Livrarias
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Atendemos pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal.
— Livraria Civilização Brasileira, Rua Ouvidor, 94 —
Rio — Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo.

TRADIÇÃO E NOVIDADES EM POESIA

Por mais nova que pretenda ser, uma arte não passa de tradição. Musset o disse em um desses alexandrinos que nos lembram que, quando se fala na estética do verso, Boileau nunca está longe: "C'est imiter quelqu'un que de planter des choux" — e mesmo quando as plantas de raiz para o ar — acrescentamos nestes tempos de inovações e de alcebiadismo exasperado. Os gestos são quase os mesmos que para planta-los de raiz para baixo.

Não se encontrou ainda o meio de poetar sem palavras. Ora, falar, servir-se de palavras é imitar os mortos, é aceitar uma enorme tradição. Quando um "poeta" publica um poema, em que parece ter empregado trinta palavras tiradas por sorte do dicionário, o simples fato de empregar essas palavras importa na aceitação mais humilde do mais milenar passado. Ele é, com isso, infinitamente tradicionalista, pois lembra nesse momento o longínquo quadrumano, que, juntando o que lhe servia de lábios em sua face ainda animal, criou a linguagem para pedir os seios maternos, balbuciando: "Ma-mã."

A última escola, que pretende fazer taboa rasa de todo o passado e recomençar tudo a partir do primitivismo absoluto, está mal denominada. Em vez de "dadaísmo" devia chamar-se "mamaismo". A primeira palavra de quase todas as línguas é "mamã". "Dada" já é uma alteração do grito primitivo: "dada" já é decadente.

O que é verdadeiro para as palavras é também para os ritmos. Não se pode exceder a tradição.

Ha trinta anos se repete que ha outros ritmos além dos habituais. Decerto. Mas esses ritmos são também muito menos perceptíveis. Pois isso mesmo são menos usados.

Sejam empregados no verso livre e aproveitados no verso regular. Mas não se mata, nem se mata o verso regular. Aliás, ele se defende muito bem, neste momento.

F. GREGH

MOVIMENTO

Desenham sombra e sol, uns pequenos quadrados
Na pelúcia macia e verde dos gramados.
Passa o rio a cantar, lá junto às bananeiras,
Uma alegre canção. E as águas bandoleiras
Fogem, rindo, a pular, sobre as pedras brilhantes.
Joga pródiga a luz punhados de diamantes.
Na superfície azul, tranquila da piscina.
Vespas cruzam o espaço, asas de renda fina
Abrindo. E, às mil, se vão inquietas e sequiosas,
Beijar, no roseiral, lábios rubros de rosas!
Ha corolas por lá clamando por socorro...
Anda o céu salpicado, em hortênsias, no morro,
Onde, de quando em quando, o olhar surpreso avista
Das acácias em flor a petulante crista.
Cigarras em delírio, entre os ramos metidas,
São como a própria voz das ramagens floridas!
São como a própria voz do verão moço e ardente
A sonhar alto e a rir na manhã confiante.
Nas minhas mãos então, apoiando o meu rosto,
Sinto, sem me explicar um exquisto gosto,
De ali permanecer, muito quieta, sentada,
Como a beber com a alma a luz quente e dourada!

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LITERATURA, de Cécil Meira — Rio de Janeiro, 1943.

Não hesitamos em qualificar este livro de excelente. Todos os jovens escritores o deviam estudar e meditar, com verdadeira vontade de aprender o que nele se contém. Os jovens, especificamos, porque os velhos, em geral, não tiram proveito de obras desta natureza. Ou sabem o que elas dizem ou já lhes não adianta querer sabê-lo. Mau escritor velho — diz o ditado, pouco mais ou menos — mais vale matá-lo que ensiná-lo.

Com efeito, não traz o sr. Cécil Meira elementos novos para elucidação ou orientação dos que desejem familiarizar-se com os princípios, as escolas, os gêneros de literatura. Perante as leis que se estabeleceram na prosa como no verso, não ha, rigorosamente falando, inovação possível. Quando o cultor das letras julga que, abandonando uma forma consagrada, cria outra mais bela ou dalgum modo melhor, em geral se engana. O resultado da sua tentativa vem a verificar-se justamente ao contrário do que ele esperava. E, pensando obter um progresso e um aprimoramento, em verdade cometeu um erro, recuando ao tempo em que o modelo perfeito, definitivo, não fora ainda fixado.

Sensatamente, não se pode exigir do autor dum tratado ou compêndio de literatura que invente preceitos técnicos, improvise padrões de beleza ou harmonia. Reclamando-se-lhe proporção e seguimento na exposição; clareza bastante nos meios de definir e explicar; independência e segurança na análise; propriedade e amenidade no comentário — marcam-se os limites da sua missão. O sr. Cécil Meira, em linguagem sempre cuidada mas sem sombra de pedantismo, organizou uma série de lições de pura índole doutrinária. Estudou conscienciosamente as matérias a que se propunha dar mais ampla divulgação. E o seu livro tem outra virtude preciosa, que é a da oportunidade. Na época literária que atravessamos os livros como este se tornaram altamente necessários. E muito lucrariam em seguir o "curso" do sr. Cécil Meira certos escritores em voga, a quem ele começaria por observar que a palavra "literatura" dos latinos correspondia, entre os gregos, o termo "gramática".

LE SIEUR DE BEAUMARCHAIS, peça em quatro atos e sete quadros, de Cláudio de Souza, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1943.



Poder-se-á imaginar um *tour de force*. Não ha tal. Se nessa maneira de considerar houvesse encômio, o sr. Cláudio de Souza não o mereceria. Os quatro atos da peça presente não lhe custaram um trabalho parecido com qualquer dos sete de Hercules. *Le Sieur de Beaumarchais* não constitui absolutamente uma façanha. Doutra modo se define o seu merecimento. Outra, bem outra é a sua virtude.

O sr. Cláudio de Souza, autor de larga experiência e desde o princípio habituado ao bom êxito, abordou serena e prazenteiramente o assunto da carreira de Beaumarchais, tratado no próprio idioma e na linguagem do tempo. Não se deu a esse empreendimento — para outros de certo aterrador... ou impossível — pela sedução das dificuldades a enfrentar ou pela glória da proeza a realizar... Distingamos a sua tarefa de certos cometimentos literários, mais atléticos ou esportivos do que outra coisa. Para este comediógrafo, sobretudo se tratava dum enlevo do espírito, um regalo do gosto, umas férias do sentimento. Afastou-se durante algum tempo, quer dizer: algumas horas por dia ou

de vez em quando, dos homens e das mulheres, modelos dos seus personagens; retirou-se do seu habitual ambiente de observação; saiu do seu tempo; e não haverá grande impropriedade em se dizer que substituiu, à mesa de trabalho, a sua individualidade pela do creador do *Barbeiro de Sevilha*. Nós, pelo menos, enquanto liamos *Le Sieur de Beaumarchais*, tivemos diante dos olhos o gentilhomem do pastel de Perroineau, reproduzido na Collection des Grands Classiques Français et Étrangers: vestido de veludo ou setim, com o peitinho encanudado, os punhos de renda, a peruca branca amarrada atrás por um grande laço e, na fisionomia alta, aberta, o sorriso dos que, sofrendo embora na vida, podem interpretar como entendam e queiram. Tal o olhámos e admirámos, repetido nas duzentas páginas do livro. E estamos certos de que o eminente acadêmico brasileiro não desdenharia de se assemelhar — peruca inclusive — à imagem daquele outro imortal.

A peça compreende apenas — e disso são os leitores prevenidos numa nota liminar — parte da vida de Beaumarchais. É o período capital das suas lutas, onde os revezes chegam ao máximo e o triunfo vai começar. O protagonista aparece ladeado das suas duas criaturas, como ele impercíveis: Figaro e D. Bazilio; e no diálogo surgem, de onde em onde, frases, reflexões e até uma ou outra réplica de cinco ou seis linhas, copiadas dos papéis primitivos. Mas esses enxertos, entre aspas no volume, nada tem de abusivo ou comodista. Veem ali com toda a propriedade, toda a oportunidade. E a circunstância de não destoarem do resto ou, mais propriamente falando, de não destoarem deles nem os conceitos nem o estilo do *Sieur de Beaumarchais* bem revela e bem prova a autoridade e o engenho com que foi executada toda a obra.

SOES E LUARES, versos de Elóira Possólo Chaoul — Rio de Janeiro, 1942.

É um livro de paisagens e idílios. Traz-nos, de vez em quando, à lembrança — *excuses du peu* — certas páginas da *Alma em férias*, de Junqueiro. A sra. Elóira Possólo, que amara e louvara apaixonadamente a cidade, a sua grandeza, o seu tumulto, a sua força criadora, a sua glória esplendorosa, e até os seus espectáculos de dor e de miséria, recolheu-se... pelo menos como poetiza, a um canto da natureza serrana, cercada de árvores, cheirando a plantas bravias e a flores em liberdade, recebendo diretamente do céu, ora limpo de toda a nuvem ora lavado e repolido por tempestades passageiras, um sol de júbilo e de ternura, como especialmente temperado para aquelas paragens... Assim a autora da *Carota moderna*, romance, e do *Mal divino*, poesia, a quem só um grande centro de vida e de emoções poderia inspirar, agora se entrega à contemplação dos cenários rústicos, quanto mais conhecidos mais atraentes, quanto mais familiares mais ricos, de beleza surpreendente e enlaidadora. Todos os quadros em torno do seu retiro — serenas voltas de estrada, trechos de rio, vermelhidões de ribanceira escalarada, colônias de parasitas em árvores meio exaustas, e os próprios canteiros do jardim doméstico e o vaso florindo no peitoril da janela — todos os aspectos distantes ou próximos a seduzem, lhe sugerem as criações do espírito e as expansões do sentimento. Tais os motivos dominantes neste livro de superior sinceridade: *Canto ao silêncio*, *Manhã de verão*, *Alma da tarde*, *Março*, *Senta-te ao Sol*, *Pedras*, *No jardim*, *Depois da chuva*. Governos a refulgência e a graça da *Manhã de verão*:

Deliciosa manhã de verão! Luminoso
É leve e perfumado o ar, torna-se um gozo
Respirá-lo, sentada assim sob as ramadas,
A olhar, altas, ao longe, as montanhas douradas!

LITERÁRIO

CÂNTICOS MILITARES, coletânea organizada por Mariza Lira — Rio de Janeiro, 1942.

Foi sem dúvida por ligar à idéia de Pátria o sentimento religioso que a sra. Mariza Lira escolheu esse título geral para as canções, hinos, cânticos de marcha e outras composições tão louvavelmente reunidas neste volume.

Aqui se encontram nada menos de vinte trabalhos consagrados à glória do Brasil e aos seus defensores em armas. Não é necessário insistir quanto ao vulto e importância da tarefa de procurar pelo país inteiro a letra e a música de tantas produções, algumas de êxito limitado a uma região ou uma localidade, outras de voga efêmera, mas que nem por isso deixassem de merecer o respeito dos bons patriotas... A sra. Mariza Lira, cujo entusiasmo, poderíamos dizer cuja paixão de folclorista os leitores da REVISTA DA SEMANA — e também, está visto, os seus colaboradores — têm admirado, consegue dar às matérias estudadas um desenvolvimento e um rigor de exatidão que não raro surpreendem. É o caso do presente volume, de mais de duzentas páginas, no qual não faltam as preciosidades pouco conhecidas ou quase por completo ignoradas, cujos autores agora figuram a seguir aos nomes ilustres de Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque, Guimarães Passos, Luiz Murat, Goulart de Andrade. E com a música de Francisco Braga, de tão nobre inspiração, vem o Hino à Bandeira para o qual Olavo Bilac, observando o ritmo mais consagrado no gênero, escreveu estes versos excelentes:

Salve, lindo pendão da Esperança,
Salve, símbolo augusto da Paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
E o esplendor do Cruzeiro do Sul...

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há-de ser.

Sobre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da Justiça e do Amor!

ESTRIBILHO

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!



ALIMENTAÇÃO, INSTINTO, CULTURA, de A. da Silva Mello — Rio de Janeiro — 1943.



Uma tarde, encontraram-se na ante-sala do consultório do dr. Silva Mello dois cavalheiros de brilhante situação na sociedade carioca. Havia entre eles certa familiaridade, certa amizade. E não tardaram a incorrer na pécha que Miguel Couto atribuía aos seus clientes, aos neurastênicos em especial, dizendo-lhes risonhamente, com aquela doçura inimitável, para os induzir a conversar sobre outras coisas e alheiar-se tanto quanto possível das respectivas enfermidades: "Falar muito de si é falta de educação." Os dois amigos trocaram sobre os seus achaques o maior número possível de informações. E tão interessados se tornaram, tão solidários entre si, que o primeiro atendido ficou à espera, na saleta, que terminasse a consulta do outro — naturalmente para permutarem novas confidências e impressões. Ao serem acompanhados até à porta pelo dr. Silva Mello, ainda lhe pediram uma opinião bem singela e em resumo, para melhor a compreenderem. E o ilustre clínico, adotando uma forma *terre à terre*, assim lhes declarou:

— Os dois casos são simples e dalgum modo se correspondem. O senhor pesa dez quilos mais do que deve e o senhor dez quilos menos. Assim, pois, o que nós vamos fazer, e em relativamente pouco tempo, é passar os dez quilos dum para o outro.

Esta história correu sensacionalmente de boca em boca. A nós, quem no-la contou foi o Ministro, então Desembargador, Ataulpho de Paiva. E toda a gente a ficou conhecendo — menos, talvez, o dr. Silva Mello. Caso, porém, rigorosamente exato ou com o seu que de lenda, tem a mesma significação de homenagem excepcional. Tomando-a como fantasia, temos de concluir que só um grande prestígio a podia ter inspirado. Ninguém se lembraria de aplicar tal anedota a um clínico de reputação vulgar. Só realmente a tornaria possível a noção relativa a uma limpidez de diagnóstico e a uma segurança terapêutica das que provocam a admiração incondicional, qualquer coisa parecida com o fanatismo. E nós, pessoalmente, nos inclinamos a acreditar na veracidade do fato.

Foram alguns decênios de observação, de experiência, de infatigável estudo da máquina humana, tão maravilhosamente organizada e que nós tanto fazemos por desorganizar; foram milhares e milhares de exemplos de doença autêntica ou imaginária, de carreira constituído por este livro. É uma realização em tudo grande e atraente. Estas quinhentas páginas de vasto formato continuamente nos dizem coisas belas e proveitosas. Em qualquer ponto que, ao acaso, abramos o volume, nos sentimos cativos; e continuamos, e nos entregamos, sem dar pelo tempo da leitura. A Silva Mello, homem de ciência, se iguala Silva Mello, homem de letras. E, tendo percorrido as três páginas do prefácio, modelares pela clareza e da mais comunicativa sinceridade, ninguém deixaria de querer conhecer a obra inteira.

J. L.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome, endereço e fins a que as mesmas se destinam.

Príncipe de Galles

NÃO HA CHARUTO IGUAL AO PRINCE DE GALLES!

Costa, Penna & Cia

FELIX-BANIA

PILULAS DE FOSTER

Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinárias e na uricemia e suas manifestações.

REUMATISMO GOTOSO

Dores musculares e articulares são frequentemente causadas por excesso de ácido úrico no sangue. Não haverá alívio enquanto os RINS não forem atendidos. Os ácidos venenosos causam ainda outros sintomas como sejam: dores lombares, inchaço dos pés, tornozelos, mãos ou sob os olhos. As PILULAS DE FOSTER aliviam esses sintomas porque desinfetam os RINS. Há varias dezenas de anos que as PILULAS DE FOSTER vêm aliviando os males dos RINS.

PILULAS de **FOSTER**

PARA OS RINS E A BEXIGA

Anúncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 196 em 2-4-41

THERMOMETROS PARA FEBRE

CASELLA-LONDON

Mr Casella London 84014

FUNCIONAMENTO GARANTIDO

Coragem!

FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!
E O TONICO DE TODOS

DYNAMOGENOL

É um produto do Laboratório Sian

Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, -- 15 Telefone 22-2550

ESCRAGNOLLE DORIA

DO ALTO DO TINTEIRO

Remoendo inverdades, aceitando como informação certa o dize-dize de épocas passadas, sem exame de atas ou vista de fontes seguras, sem folhear um documento, há muito afoito julga personagens e sucessos históricos. Espirituoso autor francês os qualificou dando-os pelos que ajuisam personagens e acontecimentos de antanho, "do alto do tinteiro", isto é, sem critério algum.

Por isso um professor de Historia Universal inimigo do alto do tinteiro, pensou um dia, a bem da mocidade, em escrever compendio fóra do ramerrão pedagógico de copiar, expungido de apreciações falsas, injustas, partidárias ou escandalosas, sem apagar com tudo o lado humano dos personagens, ou esconder a parte também humana dos sucessos, sem zina de louvor ou detração.

Desejava o professor uma epigrafe para o projetado livro. Foi-lhe proposto um conceito de Luis XVIII: "o mal tem azas, o bem padece de gota". E' facil estabelecer sensível diferença de movimentos entre um voador e um gotoso. O professor conceio na epigrafe proposta, acrescentando que ao preparar diariamente as suas lições, habito não comum em docentes, verificára que o mal, ou a mentira considerada Historia voáva, e o bem ou a verdade ia a passo de gotoso. Nunca mais tivemos noticia do professor, o qual desistio da idéa ou lhe adiou a realisação com medo de, por falta de tempo para pesquisa passar a juiz do alto do tinteiro.

Em umas tantas obras, em uns tantos compendios e discursos de improvisado estudado, ou em artigos de imprensa escritos a galope de pena, Luis XIII, o Bourbon francês, é apreciado do alto do tinteiro. O exemplo multiplica-se, contentemo-nos com o relativo a Luis XIII. Por um se avaliam os demais exemplos, servindo de ponto de apoio para a evocação justa de Luis XIII a copiosa documentação acumulada na obra sobre aquele grande e mal apreciado rei de França escrita pelo coronel Romain apreciando-o sob muitos aspectos inclusive o militar.

Física ou historicamente Luis XIII aparece em quatro retratos em nada parecidos. O retrato fisico mais vulgarizado do filho de Henrique apresenta-o exangue, lívido, minado pela enfermidade em garra de morte a homem de quarenta e dois anos de idade. Outro é o retrato de Luis XIII nas telas dos grandes mestres do século XVII, apresentando-o jovem, elegante, intrepido ou destro cavaleiro, aproveitado discipulo de Pluvinel, o mestre da equitação.

Historicamente Luiz XIII tem igualmente dois retratos. Aqui está o primeiro, o de tantas obras de historia diluida em ficção ou de inverdidas peças teatrais, assim a *Marion Delorme* de Victor Hugo.

O falso primeiro retrato historico de Luiz XIII é o de um monarca, "sombrio, taciturno, especie de Hamleto coroado sem Ofelia, de pouca inteligencia, fantasma de rei em sombra de poder". Tal a imagem preferida por dramaturgos, romancistas, sociologos e publicistas. Apresentam Luis XIII no palco ou no livro como um homem de agua morna. Porque soube escolher um grande ministro, Richelieu, ha de ser um incapaz de governar alem de um incapaz de armar por não querer amantes, um pobre de espirito "quando apenas um simples".

Teve Luis XIII defeitos graves? Sim. Pecou por moleza? Não, por excesso de vigor. Aqueles defeitos não se encontram todavia entre os que geralmente lhe atribuem.

As correspondencias diplomaticas, as memorias do século XVII, oriundas de gente que muito e de perto vio Luis XIII e poderiam ter dele motivos de queixa ou antipatia, atestam o valor do soberano. Para complemento de documentação variada cumpre consultar o *Diario* de Herodot, medico de Luis XIII desde a infancia deste. Antoine, o criado particular do rei, também redigiu *Diario*, e quanto a Luis XIII, nele se desmente o proverbio de não haver grande homem para o seu criado de quarto.

Da reunião de documentos, um informa isto, outro adianta aquilo, Luis XIII sae apontado como de costumes rigidos, amigo da frugalidade, cortês para com todos, cuidadoso de traje, piedoso sem beaterio, levando a despretenção a ponto de ajudar Antoine a fazer a cama. Nas caçadas entrava em casas de pobres, ajudando estes, acanhados com a presença do hospede de patente, a ajuntar lenha, a acender fogo, a preparar a refeição. A beira-mar Luis XIII pagava a pescadores o peixe que lhes comprava.

Madrugador, não raro estava de pé ás três e quatro da madrugada. Só tinha um luxo a sua coleção de armas. Na caça ou em passeio, Luis XIII desmontava para examinar um monumento, vêr funcionar um forno ou um moinho. Um curioso do util.

Presando a pesca e a arte venatoria, desde cedo Luis XIII estimou a educação fisica. Gostava de dansar se não dansava bem. Segundo ele o trabalho e as fadigas conservam a saúde. Resistente a valer, Luis XIII afrontava chuvaradas, cair de neve, força de vento, excesso de calor, apto pois á vida militar.

Soldado, Luis XIII primava como chefe, ótimo artilheiro, conhecedor de topografia, fortificação e da arte de sitiar. Inspetor constante de fortalezas e de tropas. Luis XIII sabia levantar mapas, estudar terrenos, passar subitas revistas de exercito. Na guerra não mandava só, pelevava, entendendo que para exemplo os chefes deviam entrar em combate, arriscando-se.

Permaneceu Luis XIII de guarda até manhansinha para se inteirar das funções e do cansaço das sentinelas. Cumpria contel-o para impedil-o de pôr-se á frente de cargas de cavalaria, expondo-se mesmo quando rei sem herdeiro.

Sem gabar o autor, não poucas operações de guerra felizes foram devidas ao



Luis XIII em traje militar. De 3.º centenario de morte a transcorrer a 14 de Maio de 1943.

tino militar de Luis XIII: Para obter exito não hesitava em contrariar conselheiros. Em certa ocasião Richelieu opinou por uma retirada, Luis XIII transformou-a em vitoria.

Atento ao soldado, ás precisões deste, o rei de França recompensava-o até no campo de batalha, visitando-o no hospital. Chefe militar, conforme o coronel Romain "sem possuir o genio de Henrique IV, Luis XIII, mostrava decisão, energia golpe de vista."

Na sua epoca, lembre-se sobretudo hoje, Luis XIII já cogitava do emprego de bombas na guerra. Lembre-se também hoje que Luis XIII tinha a ofensiva por tática predileta e caír a fundo sobre o inimigo embora se expondo, lhe foi proveitoso.

"Não logrou Luis XIII fama de grande capitão por ter virtude pouco vulgar nos reis, mormente capitães vitoriosos, a virtude da modestia."

Estabelecendo paralelo entre os três primeiros Bourbons, Saint Simon o admiravel má lingua, atesta aquela virtude de Luis XIII. Acrescenta o coronel Romain que o rei nunca procurava evidencia, detestando louvores, de bom grado reportando aos soldados o merito dos triunfos como na vida politica reportava-os aos subordinados. Realmente sem braços o que faz a cabeça? Para Luis XIII o exito era tudo, o resto pouco se lhe dava.

Até aqui o Luis XIII militar, agora o Luis XIII politico: A principio cercou-se de ministros que, apesar de reunidos em conselho duas vezes por dia, não o deixavam comer, dormir, a incomodal-o até enfermo. Daí exclamar Luis XIII: "Acabarei criado de Ministros. Procuram-me quando lhes agrada e a mim não. Marcar-lhe-ei hora e não lhes tomarei tempo. Sou o chefe".

Pensaram por isto os ministros que Luis XIII se afastava do governo. Nomearam a valer, resolveram questões graves contra a opinião do rei. Despedio-os este e formou novo conselho dirigido pelo marquês de Vieuville, intendente das finanças.

Soava na Historia a hora de Richelieu, o bispo de Luçon na Vendée, de mitra aos vinte e um anos. Nos Estados Gerais de 1614 sobresaio Richelieu, dialectico, eloquente, *beau parleur*. Na minoridade de Luiz XIII, Maria de Medicis o chamou aos conselhos da corôa, a dirigir os negocios da Guerra e dos Estrangeiros.

Desavindos Maria de Medicis e Luis XIII, este ordenou a Richelieu regresso a Luçon. Ao que parece Richelieu quiz resignar o bispado, tornando-se frade cartuxo qual o irmão mais velho. Nunca havia de sôar a hora da Cartuxa na vida de Richelieu. Mais politico e soldado que sacerdote, Richelieu "ao unir-se á Igreja realison um casamento de conveniencia e não de amor."

Manobrando, como dizem os francezes soprando frio e calor, Richelieu reconciliou Luis XIII e Maria de Medicis. Para selar a nova harmonia de mãe e filho houve condições, uma foi a do negociador ser cardeal. Pela frente official Luis XIII pediu ao Papa o desejado chapéu, por detrás da cortina fez saber que para a cobertura cardinalicia não havia pressa. Richelieu mordeu-se por dentro e rio por fóra, durante dous anos de espera e o tempo de espera custa a passar.

Luis XIII de começo antipatisou com Richelieu. O papel deste na reconciliação com Maria de Medicis se lhe afigurava "o dos bombeiros que ateiam incendios para chamar a si o merito de apagal-os". Aos poucos a antipatia foi cedendo, Richelieu chamado por Luis XIII a negocios publicos com voto apenas consultivo. Luis XIII entrou a estudar o estagiario. Ministro dirigente em 1624, ministro principal em 1629, Richelieu, mais velho desesseis anos que Luis XIII, entrou em progressiva e estreita colaboração com o soberano, nunca "rei escravo" como sabem os que leram a correspondencia particular trocada entre Luis XIII e Richelieu e publicada pelo visconde d'Avenel.



O cardeal Richelieu. De 3.º centenario de morte transcorrido a 4 de Dezembro de 1942.

Luis XIII mostrava-se afetuoso com Richelieu quando lhe parecia, autoritario se preciso. Disse-o Richelieu, declarando que "se opôr ás vontades soberanas de Luis XIII era cuspir para o céu". De um bispo a declaração merece credito.

Venha exemplo. No fim de reinado entendeu Luis XIII nomear mestre de campo o marquês d'Andelot, filho do marechal de Chatillon. Acabava este de perder a batalha de La Marfée. Richelieu objectou. Recompensar o filho de um general vencido ha pouco. E' inaudito, Senhor. Luis XIII replicou tranquilamente: Nem sempre as batalhas se perdem por culpa dos generais. E promoveu o marquês d'Andelot.

Luis XIII e Richelieu eram dous autoritarios, portanto tinham de embater sem desestimar-se, contrariando-se admiravam-se. Richelieu não deixou de tentar sobrepôr-se a Luis XIII, mas não foi adiante na tentativa e declarou por fim "os quatro pés quadrados do gabinete do rei me dão mais que pensar do que o resto da Europa."

Um dia rei e ministro discutiram asperamente, á noite, nos temidos pés quadrados. Ao sahirem ambos deles, Luis XIII convidou Richelieu a transpôr primeiro a porta. "Passe, pois o disem o verdadeiro rei". Sentindo o perigo da observação publica, Richelieu dá mão de circunstante apanhou mais que depressa uma tocha acesa, observando obsequioso: "Senhor, passo adiante só para iluminá-lo".

Grandes figuras se não analisam em ponto pequeno: Pintando-as aqui demos apenas ligeiros traços, ás figuras de Luis XIII e Richelieu, aquele musico e compositor, este dado ao versejo, mencione-se a titulo de curiosidade. Não só Ingres teve violino, presando-se de arranhar-o quando tão superior lhe eram pincel e palheta.

Em 1642 Richelieu definhava, a morte o procurando a passos lentos, cousa terrivel. Vendo-se descarnado Richelieu exclamou: *Quid est homo?* Tendo sido tudo antevia o nada. Em Dezembro de 1642 expirava. Cinco mezes e dez dias depois tinha Luis XIII vez de tumulo, no dia da Ascensão, no aniversario do obito do pai Henrique IV. Jesus — foi a ultima palavra de Luis XIII e a palavra, para o crenete, bem lhe abre a eternidade.

De olhos na documentação, procuramos, embora servindo dele, não dizer nada do alto do tinteiro.

DURMA

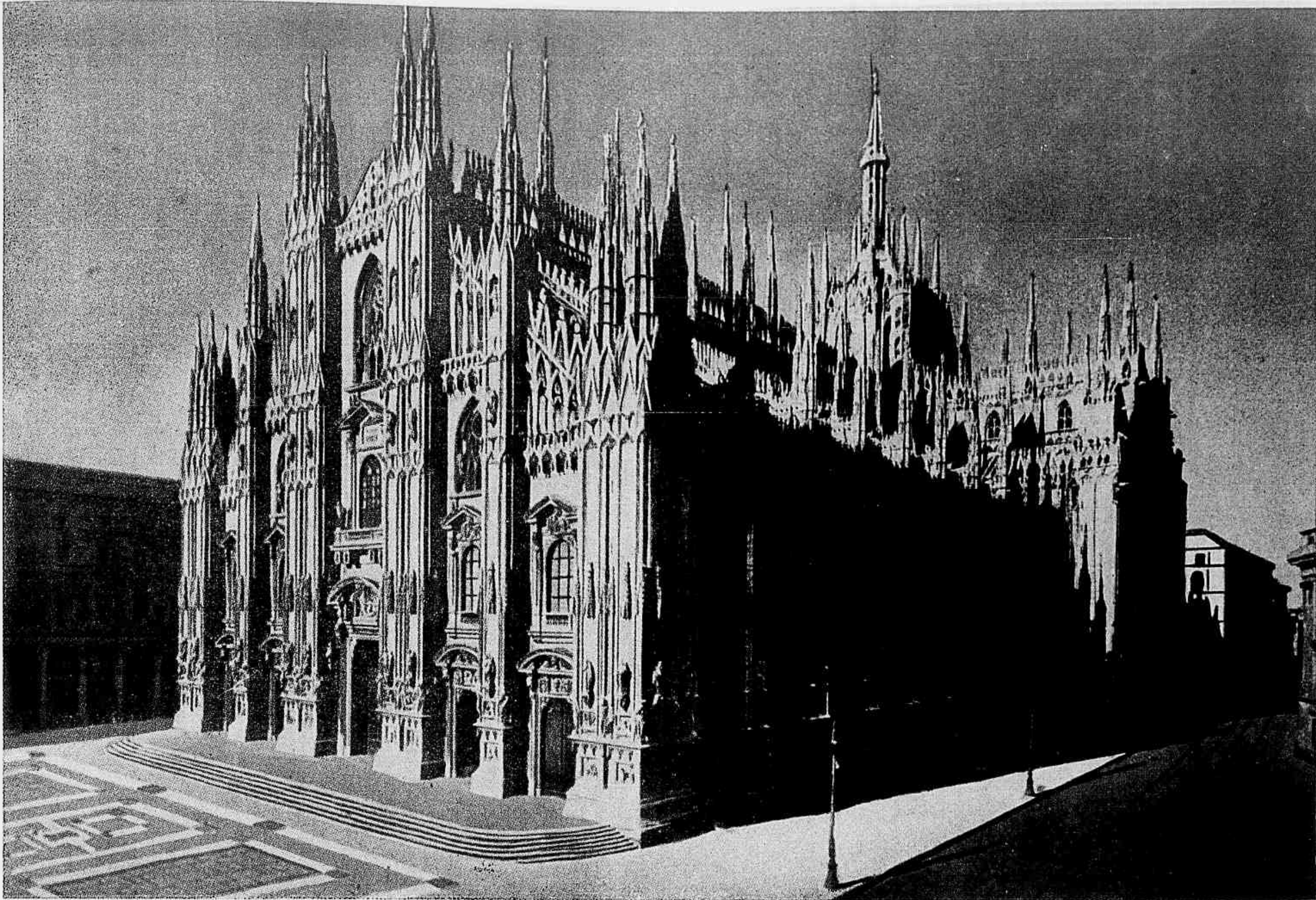
feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molat

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Secção dirigida por
GILBERT DE PAIS



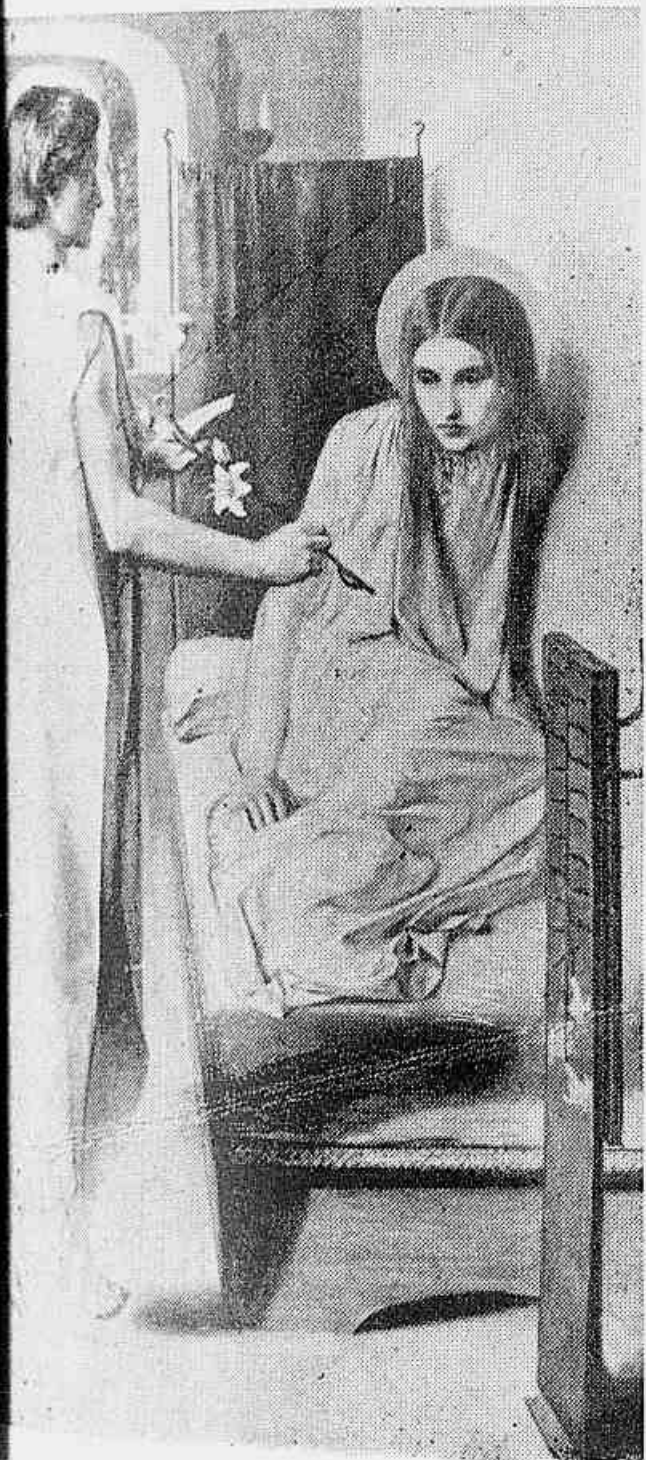
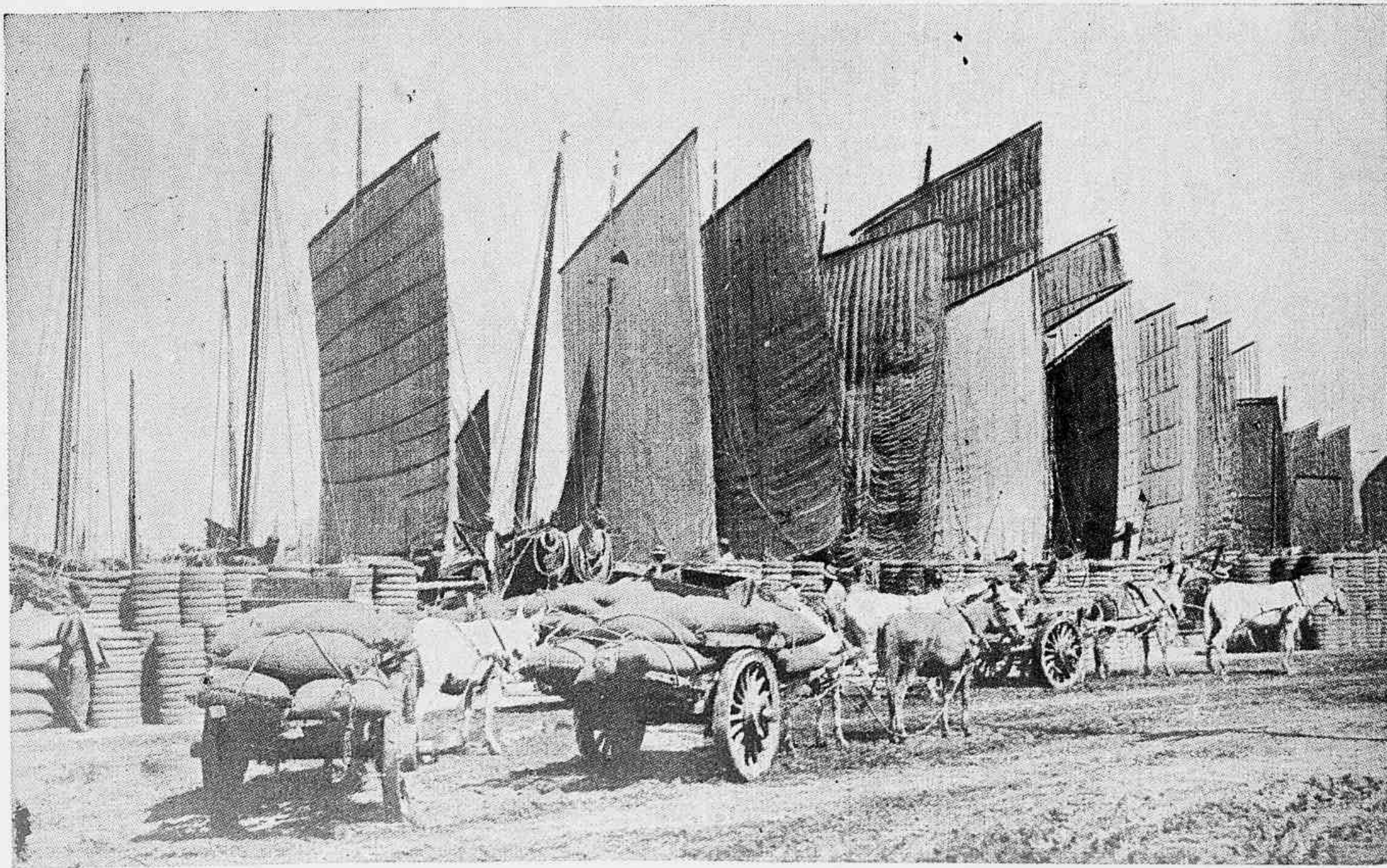
O famoso Duomo de Milão, verdadeira montanha de mármore cor de rosa, lavrado e rendilhado por obra e graça de várias gerações de canteiros de mãos leves como as dos joalheiros florentinos. Pelos panos da fachada, pelos contrafortes do teto, no abrigo dos nichos, por todos os ressaltos da pedra, uma infundável multidão de santos, apóstolos e arcanjos — dizem que sete mil ao todo — fazem desta catedral maravilhosa um pedaço do Paraíso, na eternidade da arte. Eternidade da arte — a de toda essa estupenda floração de pedra! — até que o homem tivesse a idéia de jogar dos céus a brutalidade das bombas de milhares de quilos que vão abrir nas cidades seculares — a nova geografia das crateras, em substituição aos monumentos pulverizados e aos pacíficos quarteirões residenciais.

Quem sabe lá o que restará hoje dessa obra prima em cuja construção perto de 800 anos se passaram, num contínuo anseio de beleza de milhares e milhares de humildes obreiros de Deus?

No pesadêlo desta guerra, que já vem durando há quatro anos, a mais tremenda e irreparável das desgraças é a mutilação das obras de arte que o tempo jamais devolverá. As gerações passam e se refazem, sem descontinuidade. O que o sonho de gerações e gerações de artistas concebeu e executou, durante séculos para enlêvo e admiração da posteridade, como a oração de pedra que são as catedrais antigas — estará no entanto perdido para sempre se a graça de Deus não desviar desses divinos alvos a destruição e a morte.

TAPETE MÁGICO

Um recanto da Mandchúria, com os leves "juncos" chineses alinhados á beira do cáis, na descarga da mercadoria. O porto é Newchwang, um lugar quieto e povoado por uma gente amigável e diligente, cuja vida, desde 1936, tem sido ininterruptamente convulsionada pelas cubiçosas atividades nipônicas.



Na Inglaterra da metade do século XIX floresceu uma estranha comunidade de pintores-poetas, cuja inspiração e modo de pintar eles queriam que remontasse aos tempos de antes da Renascença Florentina. Eram os "prerafaelistas", evocadores de quadros da Bíblia, imagens de sonho e de poesia a que fossem alheias as preocupações materialistas da arte do seu tempo — a arte dos naturalistas franceses, ao jeito de Courbet.

Dante, Gabriel Rossetti, Hunt, Burne Jones, Madox Brown eram outros tantos sacerdotes da nova seita. O mais sutil talvez nas suas concepções seria o de doce nome italiano — autor desta admirável e casta "Anunciação", verdadeira sinfonia em branco, que até o começo da guerra era uma das visões de graça da Tate Gallery de Londres.



VILAR, O REI DO CAÇÃO — Numa completa intimidade com os "peixinhos", aí vemos o maior pescador de cação do Rio de Janeiro. Dias existem em que ele chega a trazer até seis mil quilos de pescado. Ostentando nos gestos a alegria comunicativa da raça, ama o mar e os seus perigos, reafirmando as tradições náuticas da luzitana gente. A pesca do cação tem os seus segredos; exige coragem e força daqueles que se entregam à sua prática. Quando o "espínhel" é recolhido, trava-se entre o homem e o monstro marinho, uma verdadeira luta no tombadilho acanhado da embarcação. Daí, só se dedicarem a ela os que têm nas veias sangue de marinheiro.

SEPARANDO O JOIO DO TRIGO — Ainda que para cada espécie haja uma "técnica" de pesca diversa e exista entre os barcos uma relativa especialização, é inevitável que o produto das pescarias seja de certo modo híbrido. Assim, é indispensável um trabalho de seleção como se o observa no momento do desembarque. Pescadinhas, bagres, sardinhas são convenientemente separados — com a máxima rapidez — por um homem que, por medida de higiene, mete-se dentro dos caixotes com grandes botas de borracha.



PEIXE PARA A MESA DO CARIOCA

Incontestavelmente o ponto vital das grandes cidades não está nas ruas de comércio elegante, nos quarteirões dos cinemas e teatros, nem nos bairros aristocráticos, onde a população se empoleira nos arranha-céus ou se espalha nas praias. Esse ponto vital reside nos centros de abastecimento, nos mercados e feiras através dos quais a cidade provê às suas necessidades de boca. Neste sentido o Entrepósito de Pesca do Rio de Janeiro, localizado naquele amplo e imponente edifício da Praça 15 de Novembro, desempenha um papel notável. Assim, foi o nosso permanente desejo de manter os leitores informados de tudo que mais diretamente lhes diz respeito que nos levou, numa destas manhãs claras e cheias de sol, àquele local de trabalho intenso, ponto obrigatório de desembarque de todo o peixe consumido à mesa do carioca.

Magnífico o espetáculo que os nossos olhos descortinaram. Uma multidão de homens, algaraviando toda espécie de linguagens, agitava-se por ali, desembarcando peixe, transportando-o para as pedras de venda, pesando-o, vendendo-o, num dinamismo só mesmo compreensível num mercado onde tudo deve ser feito no mínimo de tempo possível, em virtude da vulnerabilidade da mercadoria ao calor.

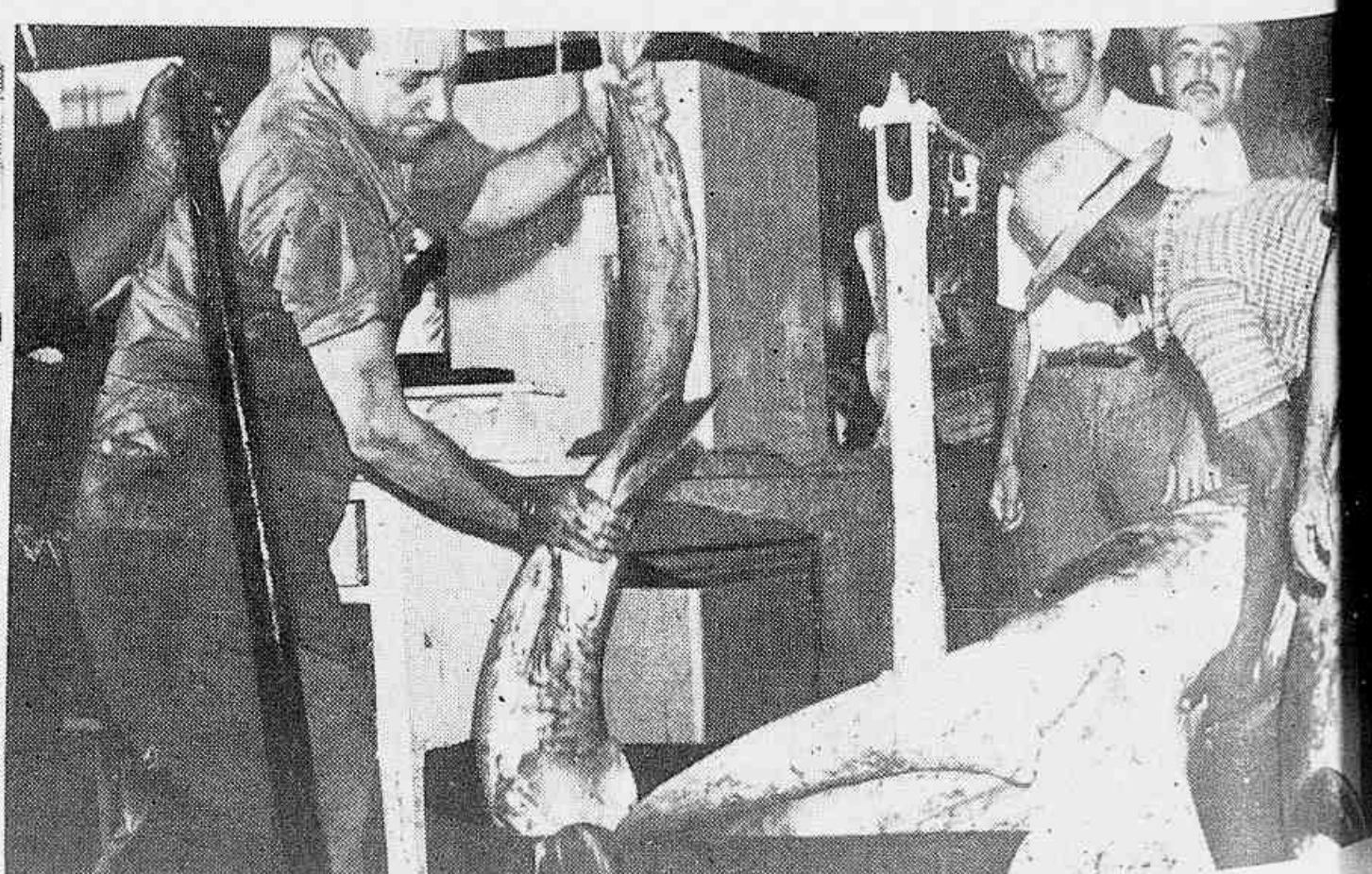
O surgimento do Entrepósito marcou época nos anais da pesca brasileira. Antes, os pescadores se matavam, nos rudes trabalhos do mar, e eram espoliados no produto do seu esforço quando chegavam em terra, pelos compradores, donos de um autêntico monopólio de venda, proveitosíssimo, sem dúvida, para eles. A criação do Entrepósito visou, justamente, organizar o comércio de peixe, evitando as explorações e facultando a cada pescador as melhores possibilidades. Deste modo, amparou-se a classe, a laboriosa classe dos pescadores. Hoje todos eles estão alegres. Todos podem utilizar-se das instalações confortáveis do Entrepósito, vendendo diretamente o seu peixe ou então pagando determinada quantia a um pregoeiro para fazê-lo. De outro lado lucrou a população com a escrupulosa higiene com que se faz o desembarque do pescado e pela severa vigilância que se executa sobre o seu estado de conservação, tarefa atribuída a uma equipe de médicos veterinários.

Para que se tenha uma ideia do verdadeiro movimento deste mercado, alinharemos aqui alguns números, algumas cifras. Em 1954, ano em que foi criado o Entrepósito, a produção dos pescadores cariocas foi de 13.030.674 quilos, no valor global de Cr. \$ 16.746.782,60. Em 1941 atingiu 19.185.318 quilos, na importância de Cr. 28.527.059,30. Em 1942 houve um grande decréscimo em virtude da carência do combustível. Mas uma cifra quase fantástica é a que se refere a todo o movimento, de 1934 a 1942: R\$ 146.787.275,4 computado em Cr. \$ 222.405.281,50!

Os peixes trazidos em maior quantidade ao Entrepósito são: sardinha verdadeira grande (maromba), sardinha verdadeira pequena, sardinha longa, badejo de alto mar, batata, camarão verdadeiro, camarão lixo, camarão rosa, corvina fresca, corvina congelada (do Rio Grande do Sul), chupe, enchova, garopa de 1ª e de 2ª, namorado, palombêta, muzundú, xerelete, pescadinha de alto mar e pescadinha bicuda.

Até entre os peixes existe hierarquia. Há o peixe das classes altas e o peixe do proletário; o que se destina às mesas finas, como a garopa, o badejo, o chupe, o xerelete, o namorado, o palombêta, o muzundú, o xerelete, o pescadinha de alto mar e a pescadinha bicuda.

PESAGEM — Uma das operações iniciais, desde que o peixe penetra no Entrepósito, é a pesagem, para avaliação do seu respectivo valor. Vemos aí a balança de um dos pregoeiros no instante em que se processava a pesagem dos cações do Vilar. Com as múltiplas aplicações industriais que tem, o cação é uma riqueza cujo comércio desenvolve-se dia a dia. Em fábrica do Rio e Niterói, faz-se o preparo da sua carne, seca como a do bacalhau. Do seu fígado extrai-se um óleo, cujas aplicações crescem seja para fins industriais ou medicinais.



Na entreposto de pesca do Rio de Janeiro — Cenas pitorescas á beira do cais — Sardinhas só com "black-out" ... — Cifras que surpreendem — Como se chamam os peixes que a cidade come.

Fotografias de ARNALDO VIEIRA
 Texto de ANSELMO MACIEIRA



VELHO MARUJO — Afeitos às aventuras do mar, parece que os marinheiros acabam guardando nos olhos o retrato de sua imensidade e no andar, nos gestos, o constante oscilar das ondas. Na beira do cais, enquanto outros desembarcam o pescado, eles ficam de cachimbo á boca, nostálgicos da solidão e do vento. E que histórias, que lendas não sabe um homem desses! Os seus segredos são grandes como o próprio mar. Ai aparece o velho Camilo, a bordo do "Cavalo Russo".

tão, sem o saber, prestando um serviço inestimável á Pátria. São as sentinelas das costas, a reserva natural de nossa marinha de guerra. Aprendendo a arte de navegar ao acaso dos incidentes sobrevividos durante as viagens, conhecendo os astros e os mistérios do tempo, eles substituirão amanhã os nossos bravos marujos de guerra, se preciso fôr, ajudando a defender esta Pátria que recebemos dos nossos ancestrais.

N. R. — Esta reportagem poudo ser empreendida graças á boa vontade do dr. Ascanio Faria, diretor da Div. de Caça e Pesca do M. da Agricultura, do sr. Honorário Lamblet, encarregado do Gabinete de Estatística, do Sr. Gladstone Marques, administrador do Entreposto e de outras pessoas a quem deixamos aqui consignado o mais sincero agradecimento da REVISTA DA SEMANA.

tião, o anequim e outros — os chamados "peixes do pobre" — isto é, a sardinha, a palombêta, o muzun-du, o xerelête, araiá e a "mistura", em que se classificam várias espécies.

É preciso salientar que tudo isso não é pescado indistintamente, por processos idênticos. Existem diversas maneiras de pescar. A pesca de traineira, por exemplo, só pôde ser empreendida em noite bem escura, sem nenhuma estrela, porque só então a fosforescência das sardinhas permite que se localizem os cardumes e que se lance proveitosamente a rede. Em noite clara os cardumes transitam "protegidos" pela luz... A pesca de arrastão já é coisa diversa; o barco é provido de braços especiais em cada bordo — as "portas", destinadas a sustentar a rede, que é "arrastada" bem no fundo do mar em local, é claro, onde não haja pedras). Existe ainda a pesca de linha, feita por pescadores em pequenos caiques, soltos em mar alto pelos barcos grandes (cada um leva de 10 a 20 daqueles). Os pescadores vão cá para pescar nos Abrolhos, na costa da baía, a quarenta e poucas horas de viagem, ou então no "Mar Novo", que é uma faixa de oceano que se estende da altura de Cabo Frio até Santa Catarina. A pesca do cação é levada a efeito nas proximidades do Rio, e nela se utiliza o "espinhel", isto é, um cabo comprido, do qual pendem vários anzóis. Os barcos que pescam de traineira e de linha levam, em média, de 10 a 20 dias em viagem.

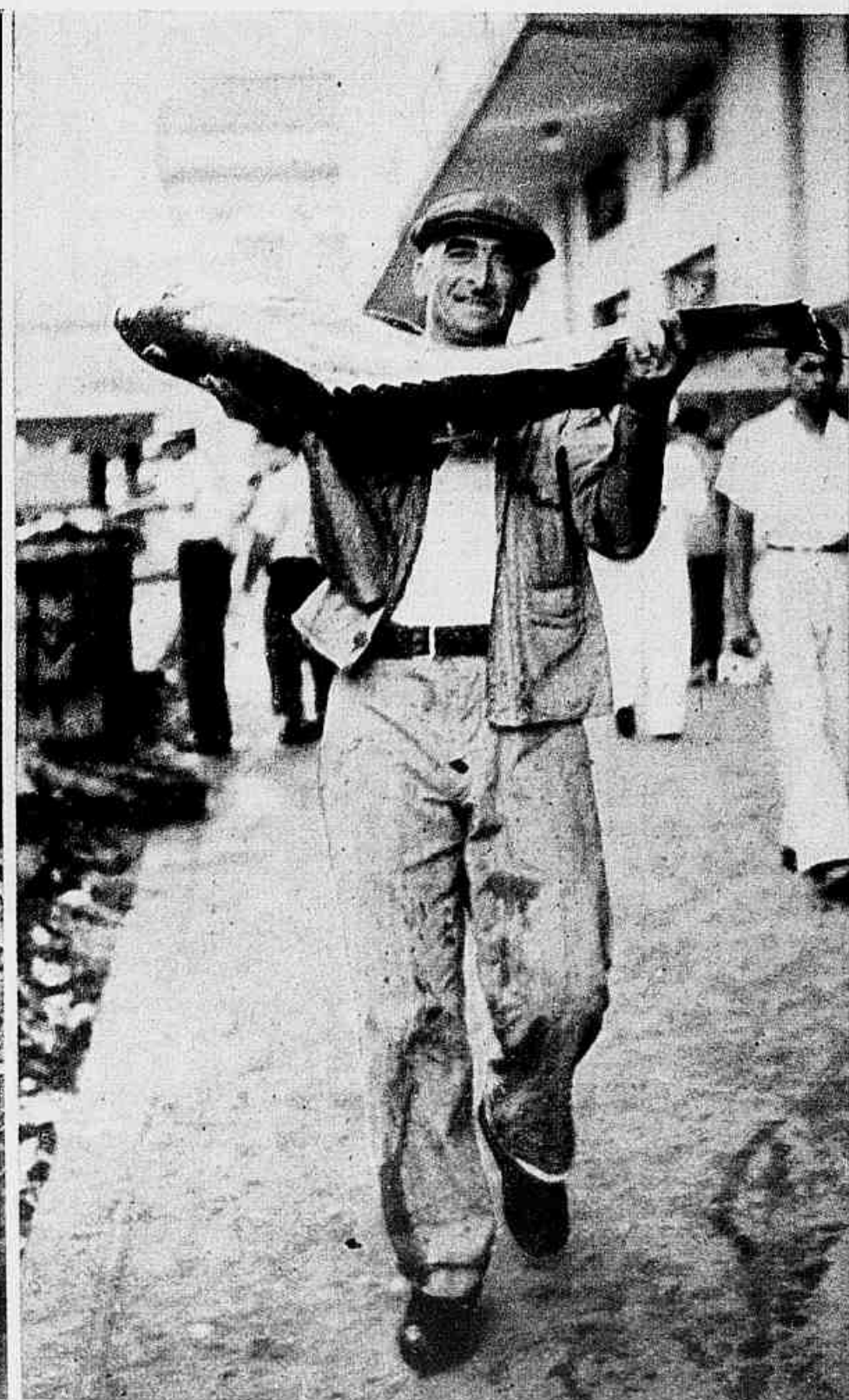
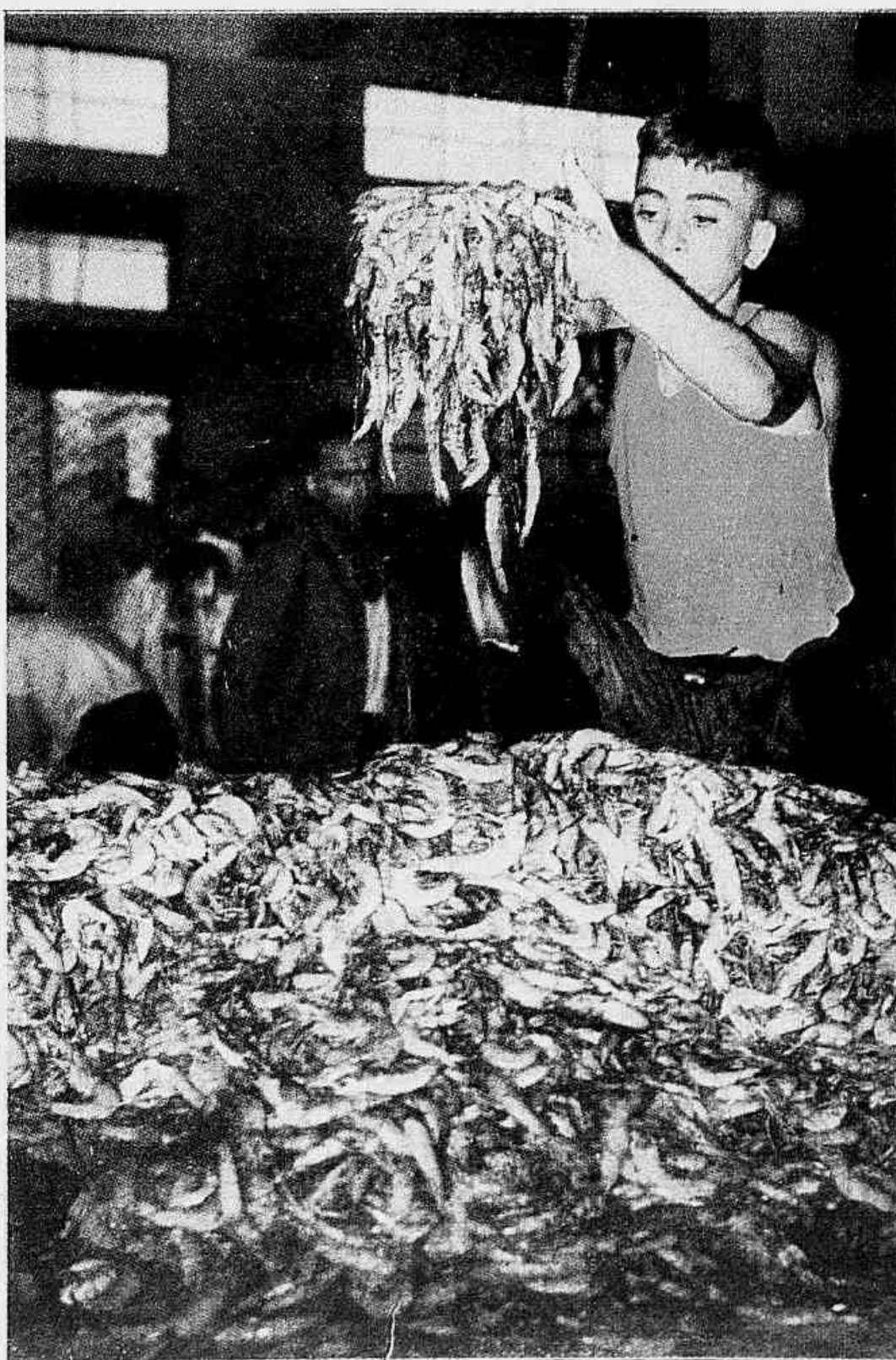
Nas embarcações de alto mar o contrato de trabalho que vigora pôde ser de dois tipos: o regime de "partes" e o de "ordenado". No primeiro convencionase que o produto da pescaria será dividido em um numero X de partes — tantas para o barco, tantas para o mestre e tantas para cada um dos membros da tripulação.

Assim trabalham os pescadores do Brasil. E na sua faina pelo mar es-

VENDEDOR DE PEIXES — Este garoto está pronto para iniciar sua faina diária. Equipado com o seu cesto de sardinha "maromba", sua balança e seu bom humor, ele irá percorrer em breve as ruas da Cidade, levando ás donas de casa o que os barcos trouxeram do mar. Diante deste quadro, meditem os leitores no heroísmo anônimo dessas vidas que se agitam, humildes no seio tumultuoso desta babilônia. Que você faça uma boa fêria, gurá — é o nosso voto.

CAMARÕES — Em cada pedra do Entreposto, avistamos uma variedade da riquíssima fauna ostiológica dos nossos mares. Ora, os cações escuros, pesados e enormes, lembrando — na inércia de hoje — a fêra agilíssima de ontem. Ora os montes de sardinha — sardinhas de múltiplos tipos — reverberando á claridade do sol. E ainda muitas outras. Dir-se-ia que a natureza manifesta verdadeiros caprichos de artista, seja na configuração morfológica, seja na coloração variada dos peixes. Abaixo está um filho de pescador arrumando camarões, êsses camarões que se destinam aos restaurantes e casas de luxo.

PARA O MERCADO — Qual será a história deste badejo? De que misteriosas regiões netunicas teria vindo ele — incauto — cair á rede traçoeira do pescador? Ninguém o sabe. Ha enigmas indecifráveis no seio das aguas. Ao egoismo dos homens, uma vez que o peixe é arrancado ao seu habitat só interessa trazê-lo, o mais breve possível, á mesa de refeições. Ai, por exemplo, vemos um badejo sendo conduzido para o mercado. Que surpresas lhe reservará o futuro, depois?





UNIFORMISADOS — Grupo de tripulantes do barco "Vicereense II", após o encerramento do trabalho de descarga, pousam alegremente para o fotógrafo, numa demonstração evidente, de que, apesar da guerra e das ameaças que os podem surpreender lá fora, durante as longas viagens pelo litoral os nossos marujos estão sempre de bom humor, prontos a devorar distâncias. Repare-se aí o uniforme espontaneamente adotado pelos tripulantes deste barco, exemplo aliás, já seguido, por outros.



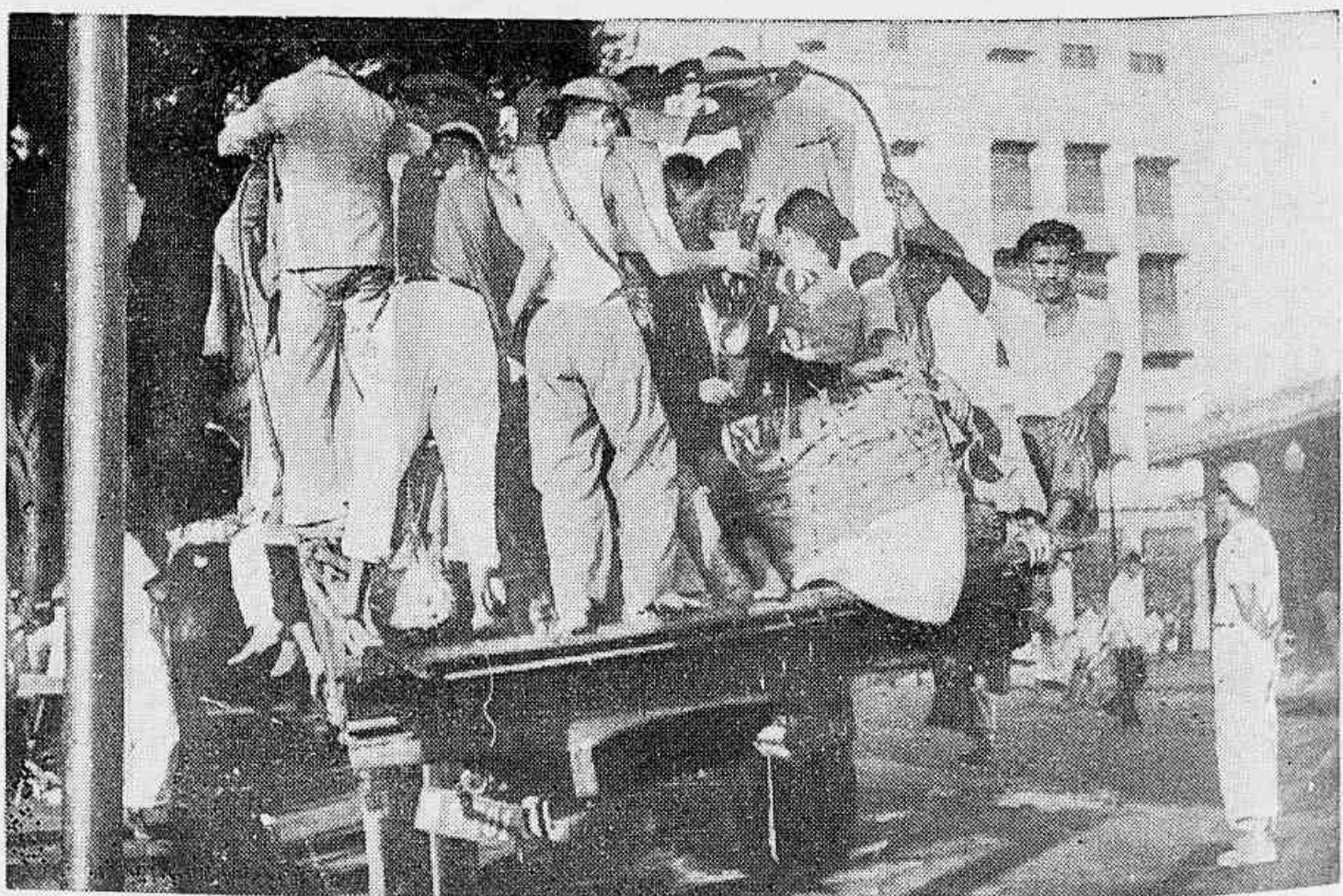
LAVANDO PEIXES — Os mercados e feiras são férteis em tipos humanos, os mais curiosos possíveis. Principalmente nas metrópoles do litoral, onde estão localizados numerosos representantes de raças e terras diversas. No Entrepósito de Pesca, numa agitação febril, encontramos portugueses, italianos, espanhóis, todos confraternizados na harmonia formidável do trabalho. Através da presente fotografia poderemos ter uma ideia bem viva do esforço do imigrante aqui, no Brasil. Esta mulher incumbe-se de lavar o peixe, após o desembarque, mediante uma pequena contribuição dos pescadores.



DE ABROLHOS — A maior parte do peixe vendido no Rio de Janeiro é pescado na região de Abrolhos, na Baía, litoral êsse extraordinariamente piscoso. A cena focalizada aí, fixa o descarregamento dos barcos de traineira locupletados de sardinha, daquela procedência. O homem que está no barco joga o cesto cheio (18 quilos.) para o que fica em cima do caís.



ANGU' DA BAIANA — No Rio, quem não conhece a "baiana", vendedora de cocadas, bolinhos de mandioca e outras coisas? Gordas, baixas, com um vestuário polierômico e um olhar maternal elas sentam, com o seu taboleiro á beira, dos passeios, na soleira das igrejas, próximo ás aglomerações operárias e fazem o seu comércio, desempenhando, sem o perceberem, uma função social interessante. Habitando homens de muitas nacionalidades aos mesmos pratos, aos mesmos tempêros, ela vai homogeneizando os paladares, vai "naicnalizando" pela cosinha. Ai vemos Nair Costa vendendo o seu famoso prato de angú, no seu ponto da Praça 15.



PEIXE PARA OS SUBURBIOS — Quando a atividade decresce naquele vasto edifício da Praça 15, os vendedores começam a encaminhar-se para toda a cidade, levando os depósitos peçados de mercadoria. E' um espetáculo quasi festivo, evidenciando, outrossim, o capacidade de cooperação desses homens, associando-se para resolver o problema do transporte. Este caminhão que se destina ao Engenho de Dentro, conduz dezenas de vendedores, moradores em todo o percurso, dando cada um, uma pequena contribuição para êste transporte.

O QUE EU QUERO DA VIDA

Por A. J. CRONIN

Este artigo é escrito por um homem que há menos de dez anos era totalmente desconhecido e andava perto de se esgotar de trabalho excessivo. Hoje, seus livros vendem-se às centenas de milhares, como A CIDADELA, AS ESTRELAS OLHAM PARA BAIXO, AS CHAVES DO REINO. Se quisesse, bem poderia ele passar o resto de seus dias em seus domínios de Sussex, na Inglaterra, sem necessidade de mexer mais um dedo, para viver. Aqui está o que lhe parece melhor da vida:

NAS histórias populares e nos contos de fadas de uma dúzia de terras diferentes, há a história do maltrapilho que é presenteado de repente com um anel mágico ou um amuleto encantado capaz de lhe conceder tudo o que desejasse.

Desejaram, essas criaturas sofregas, ouro, riquezas, diamantes, poder, grandes domínios de terras, beleza, palácios, reinos. Um até mesmo desejou ser o Papa!

E qual foi o fim desses desejos? Em todos os casos o fim foi uma decepção — um desejo exasperado de retornar à condição humilde, para ser de novo um pescador, um simples camponês, um belo guardador de porcos bem sujo.

Ha, posso garantir-lhes, uma moralidade nesses contos primitivos, para o descontente que vive desejando a lua: o homem que sonha vencer o Irish Sweeper, a pequena que anseia por uma carreira fulgurante no mundo do cinema. Quer me acreditem, quer não, estou convencido de que a maioria das pessoas deseja o que é errado. E é uma sorte que não consigam essas coisas.

Minha própria experiência prova isso à saciedade.

Quando, na idade de trinta e cinco anos, me vi transformado de médico desconhecido num autor de éxito, o mundo, como se diz nas novelas românticas, jazia aos meus pés como uma bola de foot-ball.

Mas, depois da novidade de alguns pontapés, cansei-me logo do jogo.

Descobri que a adulação de mulheres bobas, nas reuniões literárias, era menos estimulante do que eu tinha imaginado. Eu era obrigado a ajeitar minha filosofia. Fugi de Londres para o campo.

Era e é ainda um refúgio que eu não lamento nunca. E se me perguntassem qual seria meu pedido mais empenhado na vida responderia sem hesitação que seria viver no campo.

Aqui, nas dunas de Sussex, nós conhecemos o encantamento das manhãs orvalhadas e das noites cheias de estrelas. A'queles que são inclinados a sorrir de Sussex e a trocar de seu encanto urbano ou suburbano, eu diria que no meu cantinho de terra ainda ouvimos o grito das corujas e o latido da raposa; que da janela do meu escritório posso contemplar trinta milhas sem ver um sinal de habitação; que o estrepito do tráfego mecanizado e o cheiro de gasolina não nos perturbam por aqui.

Louvem as atrações da vida na cidade, se gostam. Embora eu as aprecie (e quem não gostará delas?) algumas vezes, repito que o campo me seduz. E não o deixarei nunca.

Meu pedido seguinte é — trabalho.

Pode parecer um estranho pedido a fazer á vida, e no entanto é para mim uma pura necessidade.

Talvez eu tenha sorte em achar meu trabalho agradável. Experimento a ardente sensação de estar criando alguma coisa que penetrará nos lares e talvez, se minha correspondência não me engana, no coração de muitas criaturas.

Conheci outrora um velho médico que se entregara á sua profissão de corpo e alma, durante mais de quarenta anos.

Lembrei-me bem do dia em que ele veio ver-me e me disse, exultante, que ia vender tudo. Estava saturado de tudo aquilo: chamados á noite, preparo de drogas, ausculta de corações de doentes e histórias de desgraças. Ia agora gozar de um legítimo repouso. Aposentava-se.



E seis meses depois estava morto. E morto de uma doença com a qual jamais sonhara: puro tédio e nada mais.

Não me acusem de vulgaridade quando digo que o trabalho é o sal da vida. O homem vadio é um homem infeliz. E umas férias que não têm fim são a ideia que faço do inferno.

O dinheiro não é a principal finalidade de meu trabalho. A história está cheia de autores de éxito que se mataram para fazer fortunas fabulosas. Eu sempre procuro me lembrar, o que somos tão fáceis de esquecer, que a felicidade não depende de posses materiais. O homem mais rico que eu conheço parece tão miserável quanto um mule francês.

Qual é a vantagem de empilhar as riquezas quando uma palavra dum ditador pode fazer evaporá-las da noite para o dia?

Isto não é, prestem atenção, um argumento em favor da pobreza. Mas, enquanto se tiver o bastante para as necessidades imediatas, o dinheiro, como fiz Cristina dizer em *A Cidadela* — não vale um caracol!

O que importa é a amizade e isto eu coloco em terceiro lugar na minha lista.

Talvez porque eu não seja fácil de fazer amigos, ligo grande importância á lealdade e ao afeto que me chegam ao alcance.

E, desde que estou agora em confissão franca, acrescentarei, embora não seja um patriarca, a lealdade e o afeto de minha família. Celibatários e homens sem filhos não conhecem nunca a alegria integral, ansiosa, exasperante da vida familiar, que pode ser um flagelo mas pode ser também uma benção na existência de uma pessoa.

Espero que não esteja aparecendo sob uma luz muito ordinária para os gostos de vocês. Simplesmente, estou procurando ser honesto comigo e com vocês. Ha, naturalmente, inumeráveis prazeres menos etéreos que eu aprecio e me dão uma satisfação infinita.

Gosto, por exemplo, de uma boa partida de tennis. Gosto dos romances do senhor P. G. Wodehouse, do espirito sempre alerta do senhor James Agate. Gosto — não muito frequentemente — do perfume outonal, de pudim preto, de Beethoven, de olhar as vitrinas, duma viagem repentina a Viena, de purée de batata, com carne fria de segunda-feira, de acertar num alvo de feira de diversões, dos quadros de Matthew Smith, de colher cogumelos, do fumo da Virginia e de cricket jogado com meus dois guriis.

Mas, quando lhes apresento este catalogo — e poderia estendê-lo infinitamente — estou apenas aflorando a superfície da realidade. Estas, afinal de contas, são as minúcias da vida, e são as coisas graúdas que aqui me interessam.

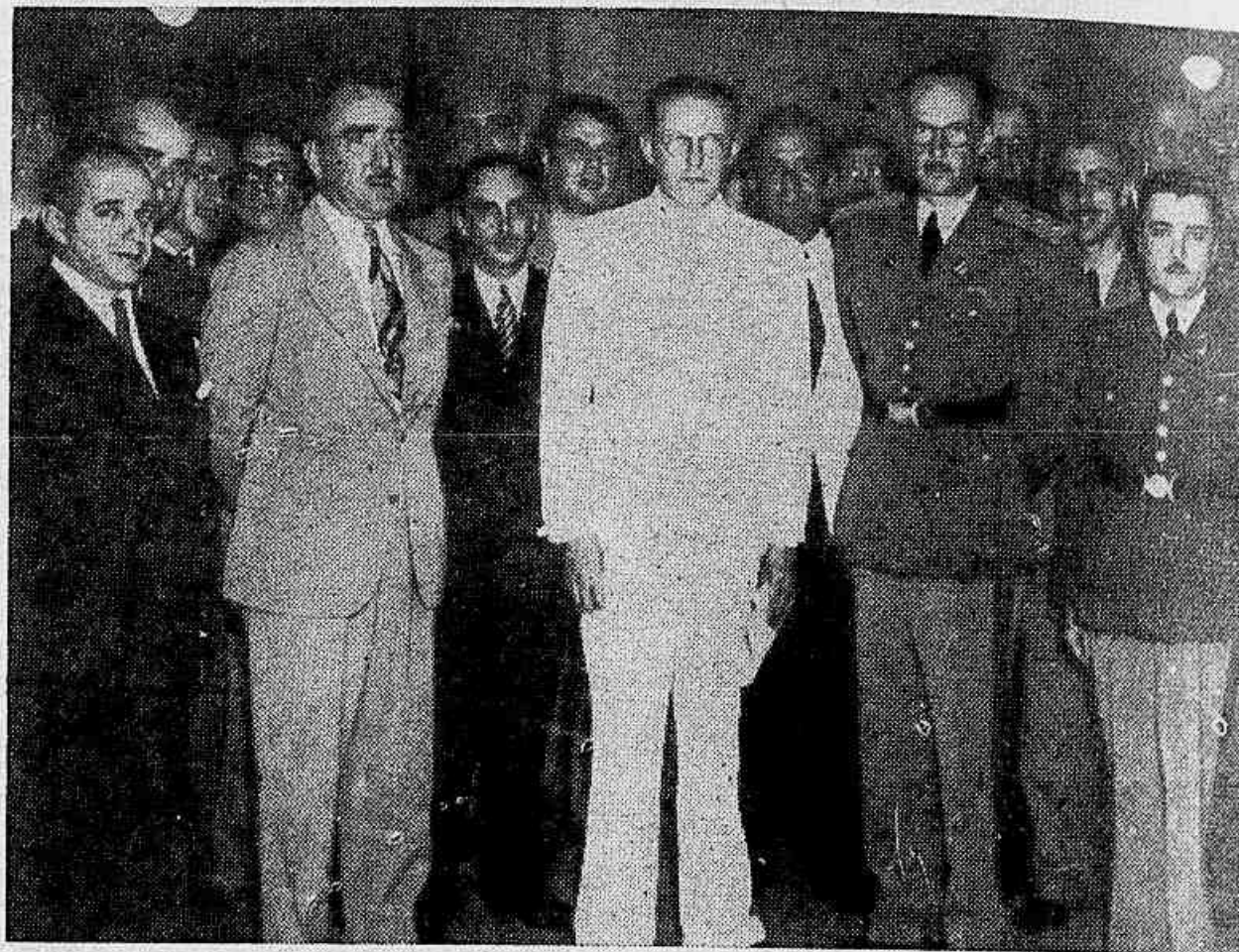
Dêem-me, no entanto, uma vida campestre, liberdade para prosseguir no meu trabalho e um pouco de amizade verdadeira, e deixarei que o resto vá rolando!

De São Paulo

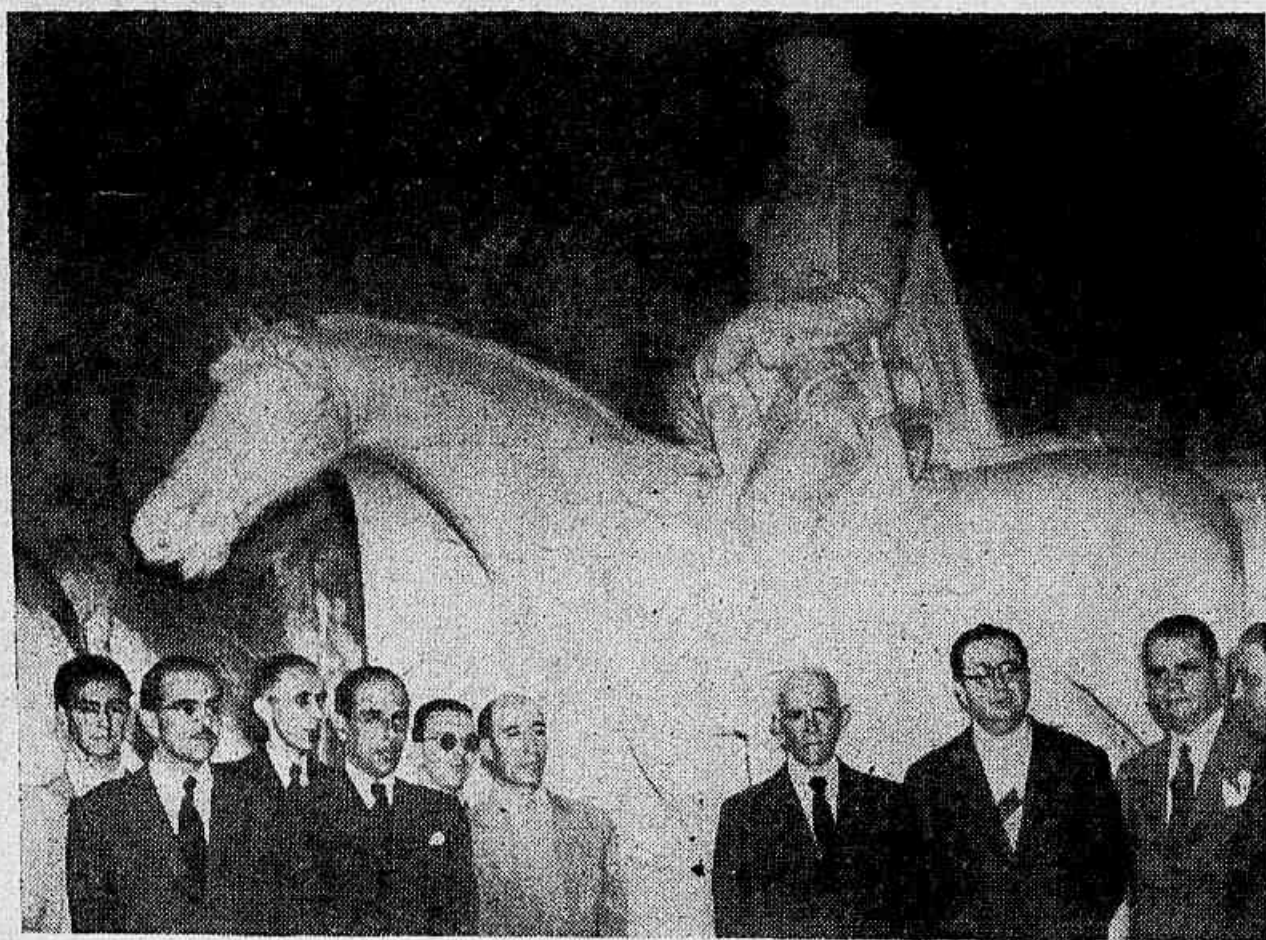
INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —



Entrega do título de sócio honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao professor Waldemar Berardinelli.



Encerramento na Faculdade de Medicina do Curso de Psiquiatria de Guerra, organizado pelo professor Pacheco e Silva, que foi homenageado pelos médicos que acompanharam o curso.



Visita da imprensa às obras do monumento que a população de S. Paulo está erguendo ao Duque de Caxias, pelo escultor Victor Brecheret.



Estiveram presentes o coronel Paulo de Figueiredo, chefe do Estado Maior da região, dr. Prestes Malta, prefeito de S. Paulo; dr. Candido Mota Filho e Mario Guastini, do Deip e varios jornalistas.



Quando fôr a São Paulo
... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA
Successora de **MAPPIN STORES**
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

Aspecto tomado por ocasião dos exames do Curso de Corte e Costura do Departamento "Casa do Trabalho", anexo à Casa da Criança, à rua Humaitá n. 107.

Uma história para os homens livres

Aqui está a sugestiva história de um belga que fugiu aos nazistas, para se juntar à luta pela liberdade.

Por Emilio X

(De "The New York Times Magazine")

Londres (pelo telégrafo).

Desde que as primeiras tropas belgas fugiram para a Inglaterra, no verão de 1940, para formarem o núcleo do atual exército belga na Gran Bretanha, esse exército tem crescido resolutamente. Quasi metade dos homens das forças belgas combatentes, que se acham agora na Inglaterra, escaparam dos países ocupados, por um meio ou outro, e novos recrutas estão ainda chegando de todos os recantos da terra.

A maioria desses homens só chegaria aqui depois de longos meses de aventuras desesperadas. Alguns, a bem dizer, cruzaram o globo terrestre, antes de chegarem a seu destino. Todos deixaram suas famílias e seus lares que talvez nunca mais verão de novo. Viveram caçados, como fugitivos, viajando à noite e escondendo-se de dia, pondo a vida em mãos de estranhos, passando sem comer nem beber dias seguidos, fugindo de campos de concentração uma vez por outra.

Eu sou um desses homens. Escrevo minha história, na esperança de que meus leitores possam compreender as duras penas e perigos que meus concidadãos belgas — soldados, marinheiros e aviadores ainda em luta pelo seu país — têm sofrido afim de escapar a uma vida que a nova ordem de Hitler tornou intolerável. Póde parecer-lhes incrível. Ha três anos também teria parecido incrível a mim mesmo.

Antes do rompimento da guerra eu era um banal professor numa pequena cidade de Flandres. Minha ambição era levar uma vida quieta, possuir minha própria casa, tratar do meu jardim, brincar com minhas filhas depois das aulas. Se alguém me dissesse naquele tempo que eu seria priso em três países e que passaria a maior parte de dezoito meses vagando pela Europa, disfarçado, com documentos falsos, roubando comida, trapaceando, mentindo, cruzando fronteiras como um criminoso, forçado a remar em pleno Mar do Norte, num bote desabrigado, eu teria sorrido tranquilamente e sacudido a cabeça. "Não — teria replicado. "Eu não sou homem para essas coisas".

Todavia, o desespero transforma qualquer um de nós em aventureiro. Simples professor de escola aldeã, viajei mais de 2.000 milhas através da Bélgica, da França ocupada, do território de Vichy e da Espanha, em busca de um caminho para a liberdade, longe do alcance da Gestapo e do som de botas dominadoras. Eventualmente, depois de muitas decepções, atingi minha liberdade.

Eu era um soldado da defesa do Canal Alberto, quando Hitler despejou seus exércitos dentro do meu país. Retirei-me para a França com outras centenas de soldados belgas, na hora em que meu rei se rendeu. Estivemos lutando por lá mas depois dum breve período nos vimos cercados perto de Calais.

Resolvi então jogar uma partida desesperada. Os alemães ainda estavam a algumas milhas. Dirigi-me à fazenda francesa que ficava mais perto e arranjei com o fazendeiro uma roupa civil e comida para dois dias. Então começou meu jogo de cabra-céga com o exército alemão.

Eu estava decidido a voltar para casa. Precisava saber se minha mulher e meus filhos ainda estavam vivos. Embora soubesse que poderia ser fuzilado sem julgamento se fosse apanhado, a ansia de ver minhas queridas criaturas era mais forte do que o meu medo de morrer. Durante uma semana viajei resolutamente à noite, passando através das linhas alemãs, roubando um pouco de



comida enquanto viajava. De dia, dormia nos campos, escondido nas ervas altas. A sorte parecia proteger-me. Cada noite que se passava eu dormia um pouco mais perto da fronteira belga.

Minhas esperanças reanimavam-se. Depois deu-se um desastre inesperado, quando uma noite eu ia pé ante-pé atravessando uma aldeia que acreditava livre de alemães. Soltaram um berro de "Alto" e antes que eu pudesse refazer-me do susto, me achei levado perante um oficial boche. Esse pediu meus documentos para examinar. Eu tinha apenas meu cartão de identidade belga, com o carimbo de meu regimento, coisa que eu havia esquecido, pois do contrário o teria destruído. Fui posto no xadrez, para ser julgado pela manhã.

Todas minhas esperanças de fuga achavam-se agora desvanecidas. O acabrunhamento dominou-me. Mas, do seio das trevas veio o violento ronco de aviões de bombardeio que se aproximavam e com o sibilo da primeira bomba que caía se estabeleceu a confusão na aldeia.

Ouvi os guardas gritando e correndo e o barulho de paredes desabando, quando uma bomba caía em cheio. Os ingleses estavam atacando o lugar — e Deus foi generoso. Arrebentei a janela da sala de minha prisão no andar terreo, enfiei-me por ela e corri para os campos próximos. Mal prestava atenção as bombas que continuavam a chover sobre a aldeia. Uma vez mais estava livre.

Como consegui alcançar minha cidade natal não posso compreender bem. Continuei a viver como um animal. Comia cenouras cruas, batatas cruas e rabanetes crus, quando podia achar alguns nos campos desertos que atravessava. Passei uma noite inteira numa fabrica de cerveja cheia até o teto de obuses alemães, enquanto as bombas inglesas caíam por todo canto, em derredor. Achei um automovel abandonado e nele viajei até a gasolina acabar. Roubei uma bicicleta e pedalei até que um pneu estourou. Cruzei a fronteira e entrei na Belgica, sem ver um só alemão no meu caminho.

Novamente no meu país, respirei com maior desafogo. Duas vezes dei de cara com grupos de soldados alemães. Mas por esse tempo eu estava tão destrozado que me acreditavam quando eu dizia que era um refugiado civil de regresso á casa e me deixavam em paz. Uma vez viajei mesmo num caminhão alemão. Os soldados estavam se comportando amavelmente com a minha gente.

Disseram-me, todavia, o que blasonavam fazer quando invadissem a Inglaterra "dentro de duas semanas".

Depois de passar por Bruxelas, onde uma tia me deu comida, cama limpa para dormir e alguma roupa lavada, achei-me denovo na minha marcha para a costa. Ao aproximar-me de casa, tornei-me temerário e fui preso, por ter ficado na rua depois da ordem de fechamento, porém me arranjei de modo a safar-me do contratempo. Depois de mais de três meses, passei finalmente o umbral de minha casinha.

Não faz parte da minha história descrever meu encontro com minha familia. Meus leitores bem o podem imaginar.

Em poucas semanas tinha voltado á minha antiga ocupação de professor. Mas a vida era agora diferente do que tinha sido. Todas as familias estavam de luto. Não havia comida suficiente. Os alemães tinham imposto tantas restrições sobre o que devia ser ensinado na escola e sobre o que devia ser omitido que principiei a pensar fixamente em fugir. Senti que poderia ser mais útil á minha familia, juntando-me aos meus patriotas na Inglaterra. Aqui podia fazer pouco por ela. Na Inglaterra, afinal, poderia lutar pela sua libertação.

Visitando a costa, não longe da cidade onde vivia, descobri um barco de pesca de cerca de dois metros e meio, abandonado na areia da praia. Pus-me a imaginar como poderia roubá-lo. Meus amigos, com os quais me abri a respeito, riram de mim. Sabiam que era uma coisa inviável e por fim concordei em abandonar a idéia. Todavia, o desejo de fugir recrudesceu, á medida que aumentava o meu odio pelos nazistas.

Passaram-se muitos meses antes de conseguir as devidas ligações e me tornar membro duma das sociedades secretas que, a despeito do maior perigo, conseguiam manter-se bem nas vistas dos alemães. Eu ainda continuava a lecionar, embora, por esse tempo, tivesse sido "degradado" ás classes mais baixas da escola, por causa de meus "descuidos" nas aulas de história. Este assunto era tabu e os alemães tinham ordenado que todas as referencias a eles fossem eliminadas.

Meu trabalho escolar era agora apenas um disfarce para minhas outras atividades e durante esse tempo todo eu estava planejando minha fuga. Chegou o dia, no entanto, em que tive de agir. Estava em Gand, quando veio o aviso de que nossos homens tinham sido presos pela Gestapo, minha própria casa estava sendo observada e que eu devia fugir, se queria salvar a pele.

Aqui principia uma odisséia de 1.700 milhas, que me levou duas vezes a rodear a França e a Belgica, em busca duma porta para a liberdade.

Durante três semanas permaneci escondido num celeiro em Bruxelas, enquanto meus amigos preparavam uma série de documentos falsificados, que se destinavam a me permitir viajar abertamente pela França e penetrar na Espanha. Uma vez na Espanha, devia dirigir-me a Lisboa ou a Gibraltar do melhor modo possível. Esses documentos eram falsificados de modo tão admirável e traziam cópias tão perfeitas dos "vistos" franceses, alemães e espanhóis que, embora minha viagem fracassasse, nunca foram postos em duvida.

Na minha passagem pela França ocupada e não ocupada, encontrei vários outros belgas que, como eu, estavam planejando fugir via Espanha. Viajamos juntos, parando sempre em certos endereços que tínhamos guardado de memória, antes de nossa partida. Nesses endereços havia pessoas que nos davam informações a respeito dos melhores caminhos a seguir avisavam-nos dos perigos que havia por deante e nos forneciam comida e dinheiro.

Essas informações tinham um valor incalculável. Em toda a travessia do sul da França fomos detidos e interrogados somente uma vez.

Veiu o desastre quando chegamos a Carcassonne. Ai soubemos de novas exigencias acabadas de ser decretadas pelo governo de Vichy, requerendo um novo carimbo nos passaportes das pessoas em transito para a Espanha. Nossos corações pararam, ao discutirmos sobre o que haveria a fazer. No fim, decidimos cruzar a fronteira e penetrar na Espanha, por um caminho de contrabandistas, pelos Pirineus.

Depois de dez dias dos mais atribulados de minha vida, achei-me metido numa prisão francesa. Tínhamos cruzado com êxito a passagem da montanha — uma terrível prova para quem não estivesse acostumado a escaladas, quando fomos presos por três carabineiros espanhóis, que, depois de consultarem um agente da Gestapo, nos mandaram levar de regresso á França. Ai foi confiscado nosso dinheiro e fomos sentenciados a um mês de cadeia, por tentativa de deixar a França sem o devido visto.

Uma vez que nossa verdadeira identidade não fora descoberta, ainda tínhamos uma "chance". Depois de um mês de cadeia, partimos de novo, dessa vez em direção a Marselha. Ai, Roberto, um antigo aviador da Força Aérea Belga, juntou-se aplainando as dificuldades, tentando induzir vários comandantes de navios a nos receberem como marinheiros, faxineiros — fosse lá o que fosse. Sem os documentos de bordo, isso era impossível.

Então, através de meu desespero, tive subitamente a visão daquele pequeno bote abandonado nas praias de meu país, a 700 milhas de distancia donde estava agora. Uma vez por outra, eu tinha a convicção de que devia voltar atrás a fazer uma derradeira tentativa em favor de minha liberdade.

Roberto insistiu em me acompanhar, embora eu lhe apontasse os perigos, e começamos a pé, nossa longa marcha de regresso. Trabalha lores ambulantes dos vinhados da França têm direito a comida e dormida nas fazendas dos empregadores, como uma especie de adiantamento sobre o seu salário. De vez em quando arranjavamos tais adiantamentos depois seguíamos em direção ao norte, ao raiar do dia.

Passar da França não ocupada para a França ocupada era a parte mais perigosa de nossa jornada. Isso foi feito com a ajuda de um homem que conhecia pelo menos vinte caminhos bons para a travessia. Assim, uma noite nos achamos num bosque onde nosso guia nos apertou a mão, apressadamente e nos deixou para seguirmos sozinhos. Cruzamos a linha a salvo e em poucas semanas estávamos de volta ao celeiro da casa da capital belga, onde nossos amigos tinham planejado nossa fuga.

Tivemos que adotar novos nomes. Eu mesmo abandonei minha própria personalidade e me tornei dois homens diversos, com duas séries de documentos separados. Todas as pessoas, com exceção dos nativos, eram banidos das áreas onde eu tinha de ir e portanto me tornei nativo de cada área. Duas cartas de identidade diferentes foram falsificadas para mim. A primeira, que devia dar-me permissão para entrar em Bruges, tinha um retrato para o qual eu tivera de usar óculos e deixar o bigode crescer. Para o segundo deixei crescer a barba. Dum jeito ou doutro, consegui conservar minha dupla personalidade, sem complicações e penetrei em paz em Bruges.

Ai demorei três semanas, enquanto deixava crescer a barba que tinha posto abaixo, para ficar de acordo com a minha primeira identidade. Então partí no rumo de casa, obcecado pela visão daquele barquinho.

Passei pela minha cidade natal, tarde da noite, no meu calhau para a costa, onde deveria encontrar Roberto. Chovia a cântaros, e foi uma sorte pois a chuva me ajudou a esconder-me dos guardas boches que patrulhavam a cidade.

Esgueirei-me de casa em casa e de repente me achei do lado oposto a minha casinha, onde eu sabia que estavam minha mulher e os meus filhos. Cruzei a rua na sua direção e me encostei na parede. Por um momento minha decisão fraquejou. Deveria arriscar tudo por um minuto junto aos meus entes estremecidos? De dentro de casa veio o vagido dum bebê — meu bebê, nascido enquanto eu estava morrendo de fome numa prisão da França. Todo o meu ser ansiava por vê-lo.

(Continua na pag. 29).

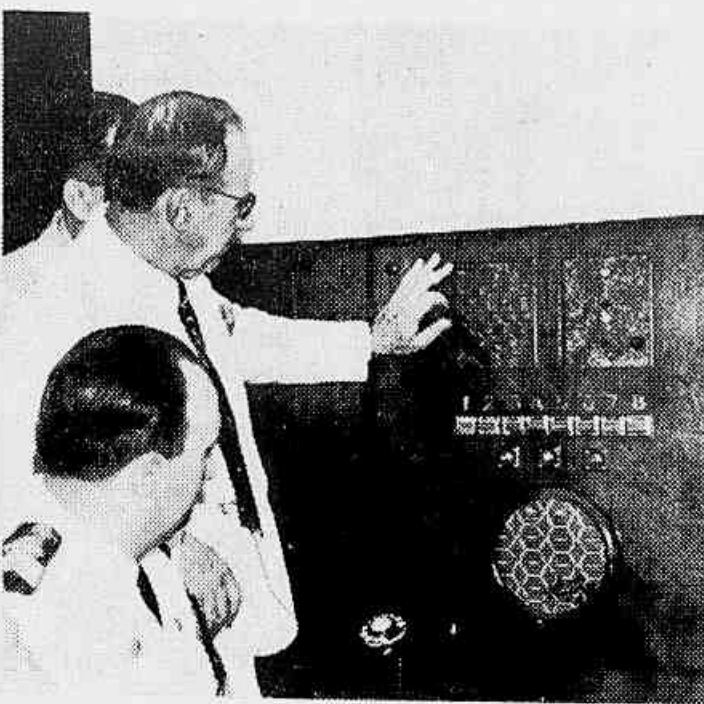


PARA CADA GOSTO UM TOM,
PARA CADA PELE UMA CÔR.

Pó de Arroz
ORYGAM DE GALLY

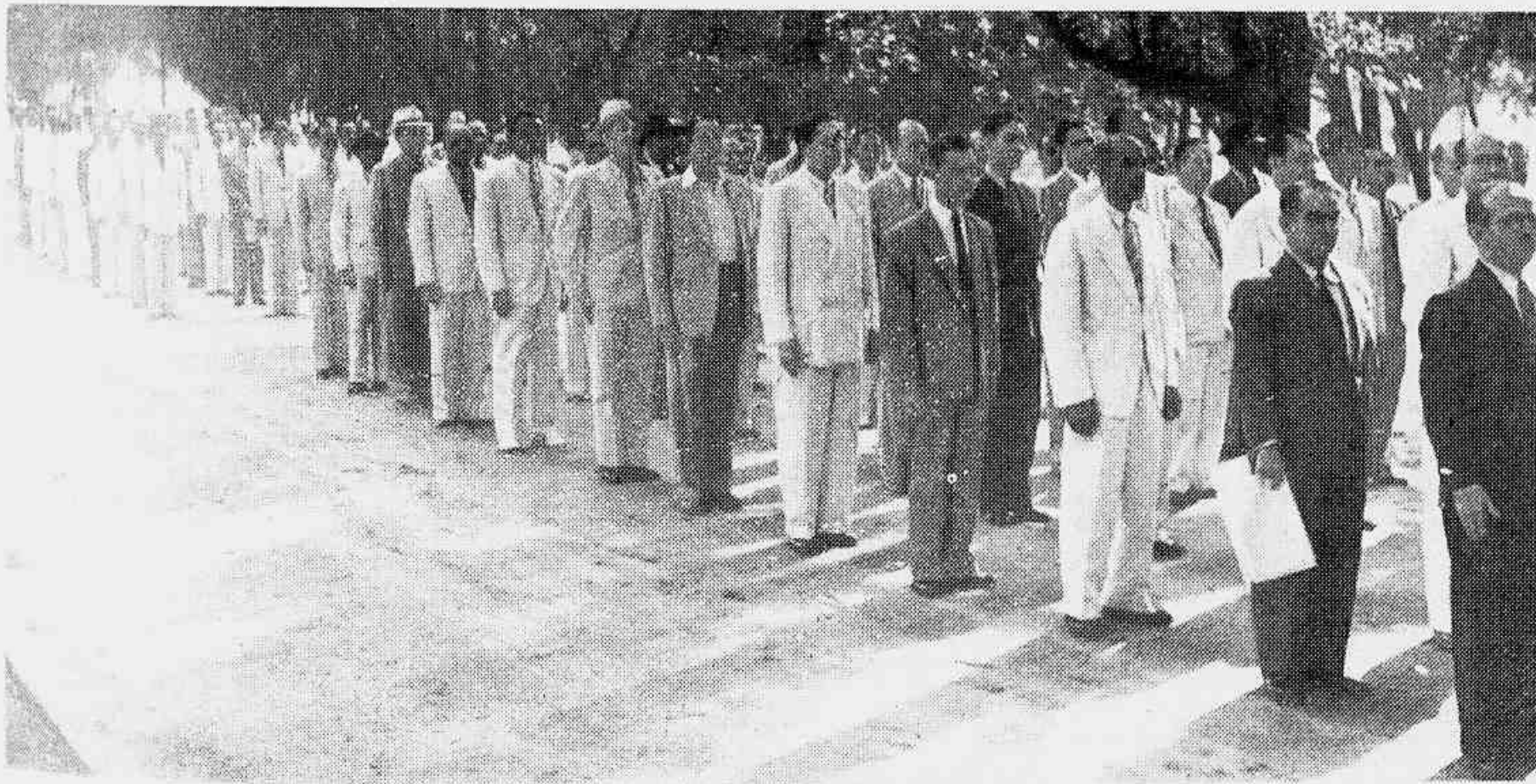
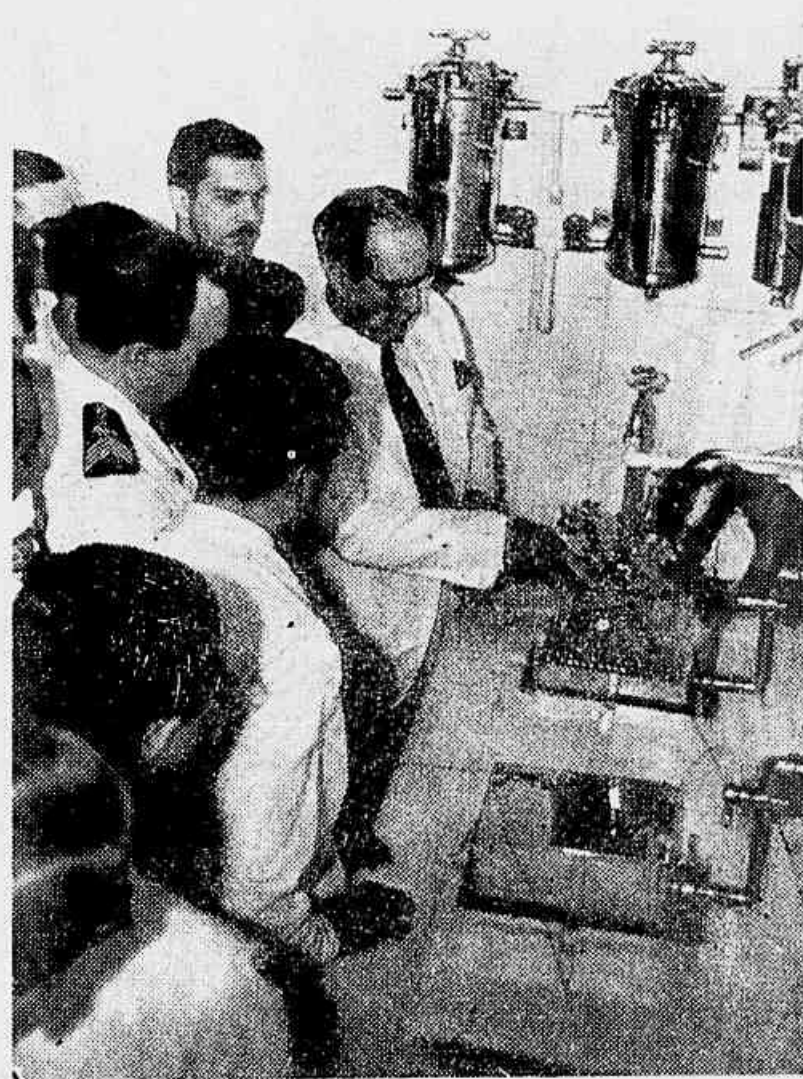
O PÓ DE ARROZ QUE
REALÇA A BELEZA!

A' VENDA EM TODO O BRASIL



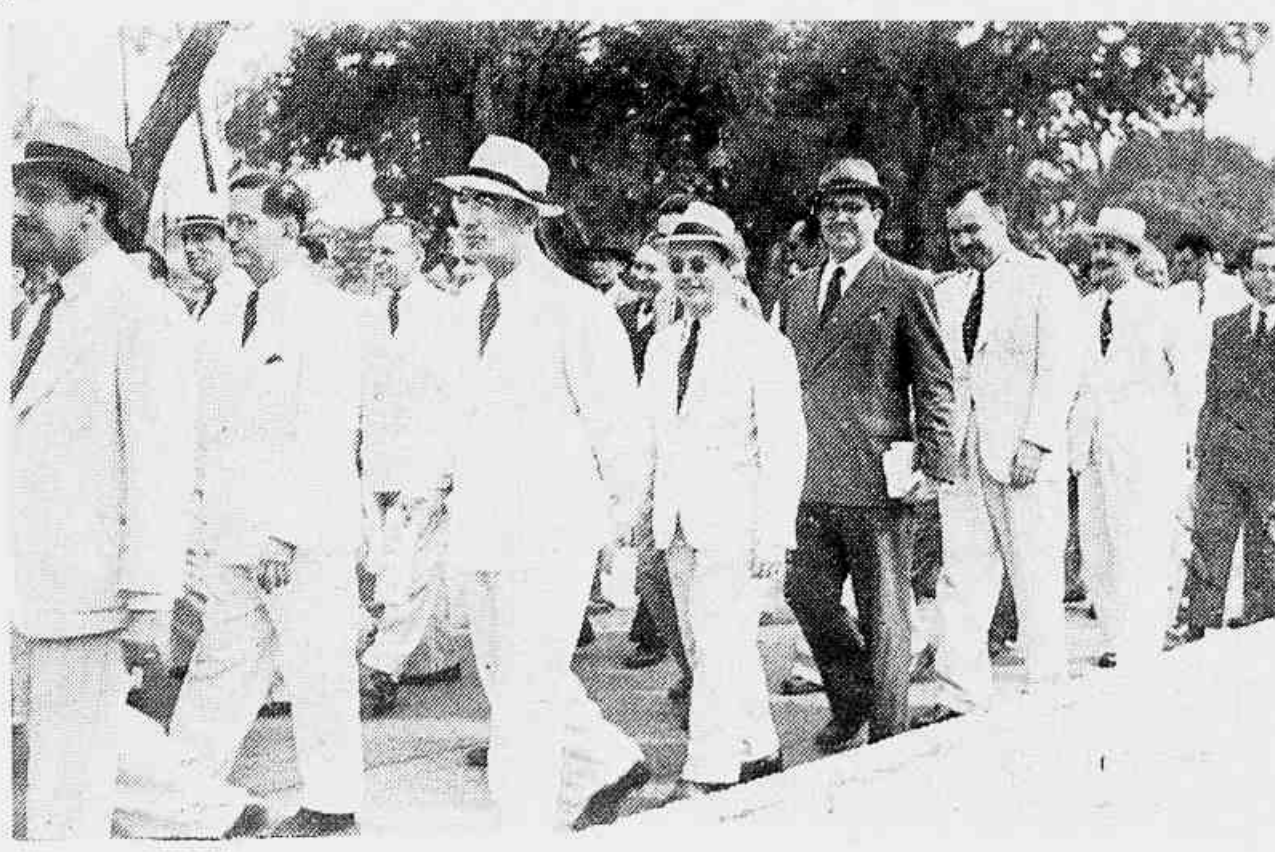
UM GRANDE ACONTECIMENTO PARA A NOSSA INDÚSTRIA

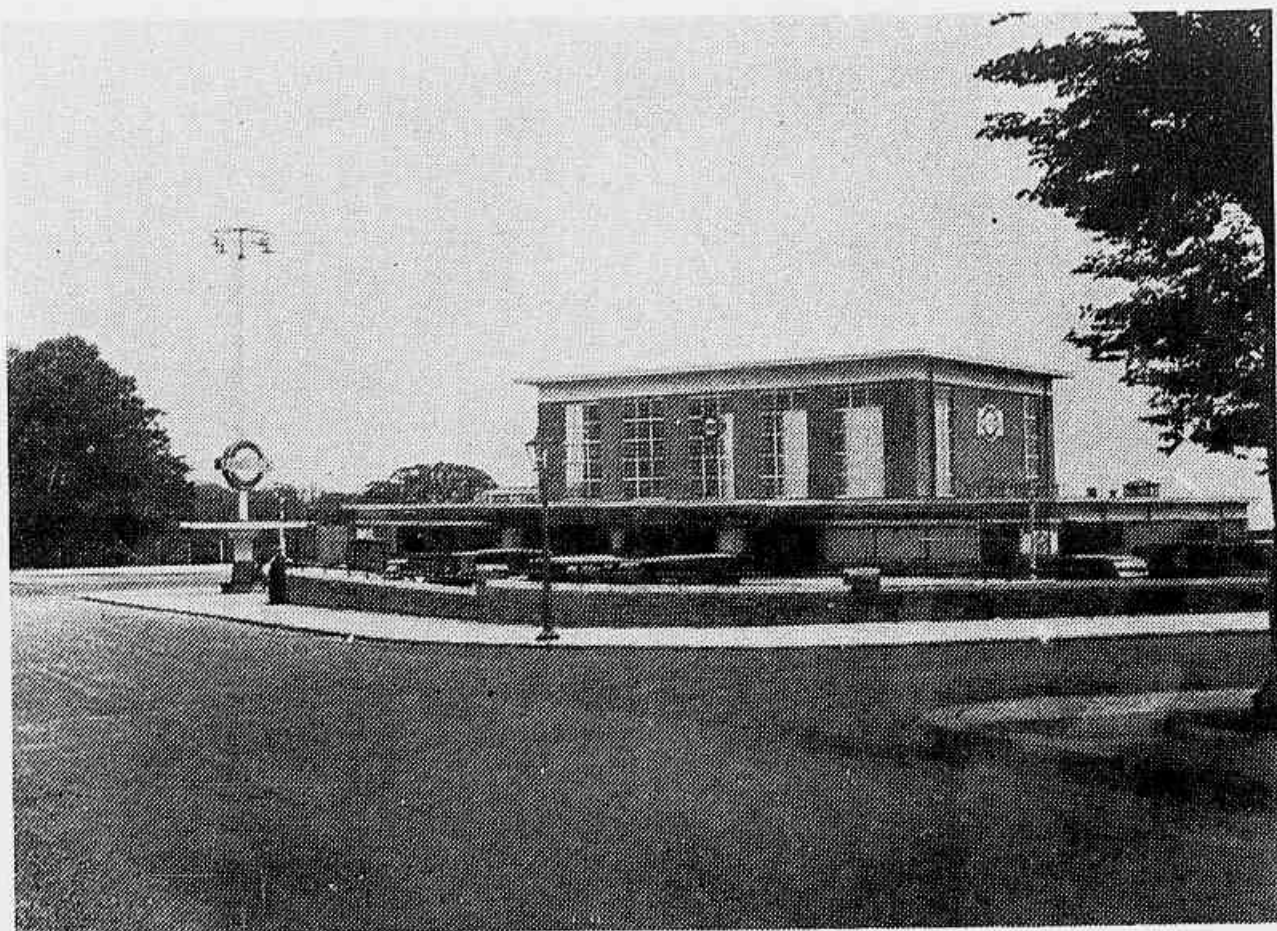
Colocando o nosso país na vanguarda de tudo quanto houver de mais original e moderno no gênero em todo o mundo, o Laboratório do Myrthonil, tão conhecido pelos seus afamados produtos hipodermicos, inclusive o que lhe dá o nome, acaba de ser instalado em nova e luxuosa sede, à rua Adolfo Lutz, nesta capital. São flagrantes da bela festa inaugural o que fixam estas cinco gravuras, em que se vêem, ao alto, e da esquerda para a direita: o conceituado técnico e industrial patricio sr. Luiz de Mattos Brito, chefe da firma, ladeado por sua esposa e uma filha, quando era saudado, ao "champagne", pelo representante do prefeito Henrique Dodswoth; o mesmo industrial explicando o funcionamento do "controlador automático de produção", criação sua e instalado no seu gabinete; e, finalmente, o busto de Oswaldo Cruz, colocado em lugar de honra do laboratório e ladeado, entre outras pessoas, pelo prof. Martagão Gesteira e pelos representantes dos srs. ministros do Trabalho e da Educação e Saúde, e do secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura; ao lado, na mesma ordem, uma demonstração das máquinas "Lumabri", também inventadas pelo sr. Luiz de Mattos Brito, para fechar e para lavar ampolas, aparelhos dos mais simples e engenhosos e que proporcionam extraordinária perfeição e o máximo rendimento ao trabalho. As duas camaras assépticas do novo estabelecimento despertaram também a maior atenção dos visitantes, como verdadeiras inovações em nosso meio.



MEDICINA MILITAR De todas as maneiras intensifica-se o preparo militar do Brasil, desde a mobilização geral dos recursos industriais até o recrutamento intensivo do material humano. Das classes altas e das classes baixas, dentre os profissionais de toda ordem, saem os novos soldados, engrossando as fileiras do Exército de Caxias. Cientes, entretanto, de que a guerra moderna é, sobretudo, uma guerra de técnicos, as nossas autoridades militares se empenham no sentido de aproveitar cada um — sempre que possível — no setor de suas aptidões.

As fotografias desta meia página mostram, justamente, flagrantes tomados na Quinta da Boa Vista, quando a 5.ª e a 6.ª turma do Curso de Medicina de Guerra, num total de 400 médicos, completava o seu período de estágio militar. É diretor do referido Curso o tenente-coronel dr. Marques Porto e instrutor das presentes turmas o sargento Zenith Portilho. Não estará o leitor reconhecendo, no grupo, algumas expressivas figuras do mundo médico brasileiro?





Uma estação do "Underground" num dos subúrbios de Londres, construída com todos os requisitos de conforto moderno, arejamento, aquecimento central, luz bem distribuída.



Aspecto da mais famosa estação do "Underground", a de Piccadilly Circus. À esquerda vêem-se aparelhos automáticos, que não somente vendem as passagens, como trocam o dinheiro.

POR baixo de Londres, correndo em grandes tubos de aço, existe o mais notável sistema ferroviário do mundo: o "Underground", que, durante todo o dia e a maior parte da noite, conduz, para o trabalho ou para as diversões, a população da maior cidade do globo.

O "London Underground" foi a primeira estrada de ferro subterrânea construída no mundo e continua a ser a maior e a mais eficiente. Foi um resultado lógico de uma invenção inglesa, a locomotiva a vapor, que se deve a Richard Trevithick.

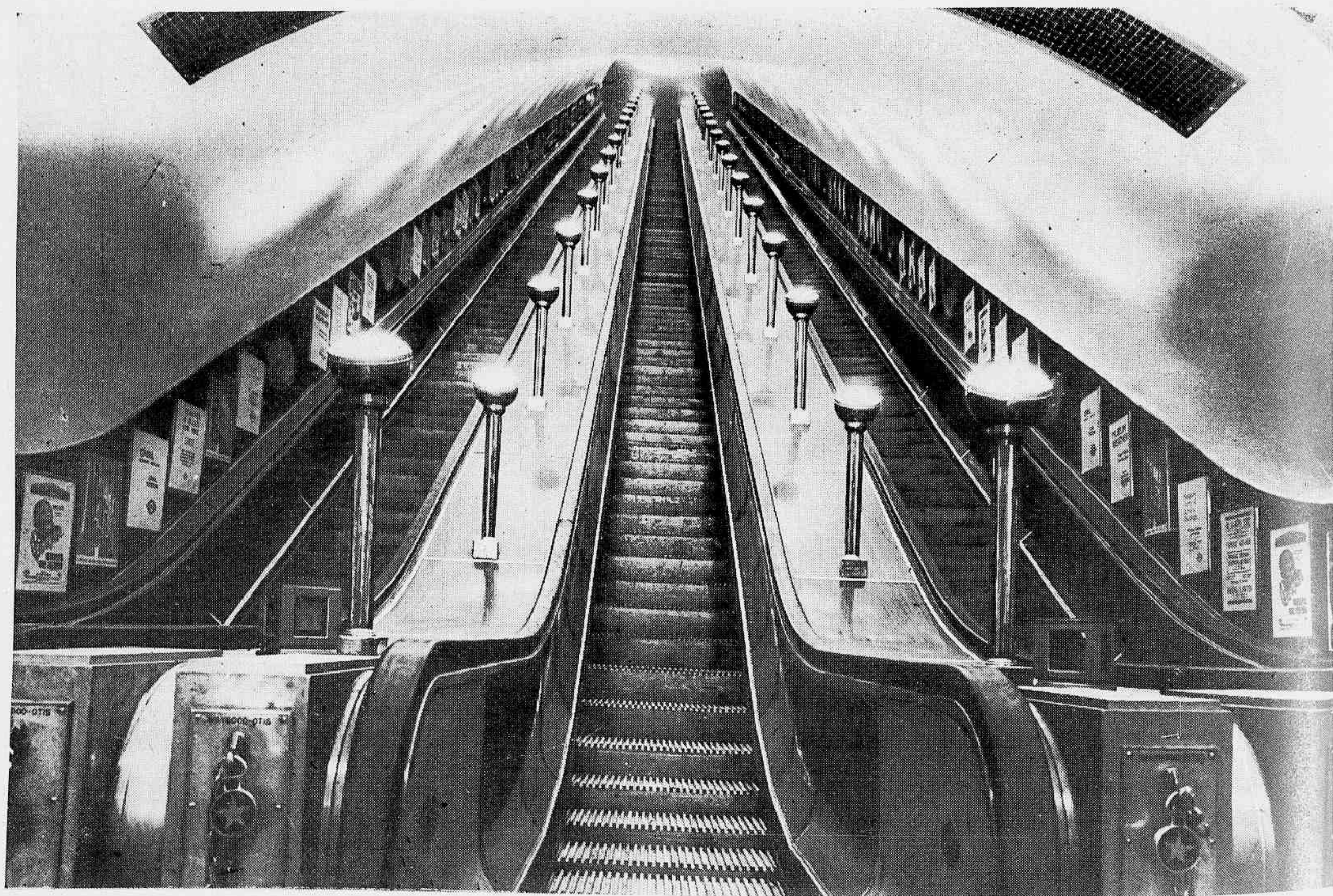
Ha pouco mais de cem anos, inaugurava-se, em Londres, a primeira estrada de ferro e trinta anos depois era construído o "Underground". Atualmente, a extensão da estrada de ferro subterrânea de Londres é de 127,139 quilômetros, correndo a linha a uma profundidade que varia entre 15,24 metros e 60,96 metros.

A media de passageiros é de 1.250.000 por dia e, contudo, até hoje não ocorreu um único acidente fatal com esses passageiros.

Todos os trens são elétricos. Anteriormente,

A MAIS NOTÁVEL ESTRADA DE FERRO DO MUNDO

De JOHN FULLER; do B. N. S., para
a "REVISTA DA SEMANA"



Uma das modernas escadas volantes, que substituíram os elevadores, nas estações do "Underground" de Londres.

te, eram movidos a vapor, devendo este ser canalizado, por meio de tubos, até uma caixa de condensação, localizada pelo trem, de sorte que os fumos não se enchessem de fumaça. Na verdade, as coisas nem sempre corriam bem, pois as caixas de condensação deixavam de funcionar e os tubos se entupiam frequentemente.

Viajar no trem subterrâneo, naquele tempo, não era das coisas mais aprazíveis. Além do cheiro desagradável e da fumaça, não havia janelas nos carros. Esses carros não passavam de caixas de madeira, muito compridas, colocadas sobre rodas. Os diretores da estrada de ferro subterrânea achavam que, não havendo paisagem que se visse, não havia necessidade de janelas, tanto mais quanto isso representava uma apreciável economia, tornando desnecessário o emprego do vidro.

Hoje, evidentemente, não há mais fumaça nem mau cheiro e os carros estão repletos de janelas.

Não há estrangeiro que tenha visitado Londres sem conhecer seu "Underground". Os próprios americanos admitem sua superioridade sobre o "Subway" de New York. De fato, esse último tem uma grande vantagem: é que, nos trechos mais movimentados, dispõe de quatro linhas, ao passo que o de Londres tem apenas duas linhas, em toda a sua extensão. Contudo, o serviço é tão bem executado que, numa hora, passam mais trens nas duas linhas da estrada de ferro subterrânea de Londres que nas quatro de New York.

A energia elétrica para o "Underground" é fornecida por duas usinas: a de Lot's Road, situada em Chelses, à margem do Tamisa, e a de Neasden, num suburbio de Londres.

Em Lot's Road tudo é feito por meio de maquinismos. Logo que as barcaças carregadas de carvão encostam no cais da usina, o carvão é transportado, por meio de maquinismos, pesado automaticamente e do mesmo modo levado até as caldeiras. Também a alimentação da caldeira é automática. Uma esteira metálica sem fim corre, vagorosamente, por baixo das caldeiras, levando o carvão incandescente. Desde o momento em que as barcaças encostam no cais até que o carvão seja transformado em cinza, ninguém encosta a mão nesse combustível.

O sistema ferroviário subterrâneo de Londres possui 181 estações e, como a maior parte dessas estações dista uma da outra menos de um quilometro, uma grande parte das viagens é gasta nas operações dos trens para aumentar a velocidade, ao partir de uma estação, e diminuir, ao entrar em outra. Como é fácil compreender, os segundos são preciosos nesse serviço ferroviário, bastando dizer que quasi de dois em dois minutos um trem chega e parte de cada estação. Sendo assim, a sinalização é de máxima impor-



Aspecto da plataforma da estação de Piccadilly Circus. Acaba de chegar um trem e as portas automáticas se acham abertas, para entrada e saída dos passageiros.

tancia e existem sinaleiros automáticos, mediante os quais os trens trocam seus próprios sinais.

Além desses, e do perfeito sistema de chaves de desvio, diversos outros dispositivos fornecem o máximo de segurança. Um deles são as portas automáticas, que se abrem e fecham, em toda a extensão do trem, mediante a pressão exercida num unico botão. Outro dispositivo utilissimo detem o comboio, automaticamente, se, por um acaso qualquer, o maquinista perder o controle do mesmo ou mesmo se desobedecer, simplesmente, aos sinais.

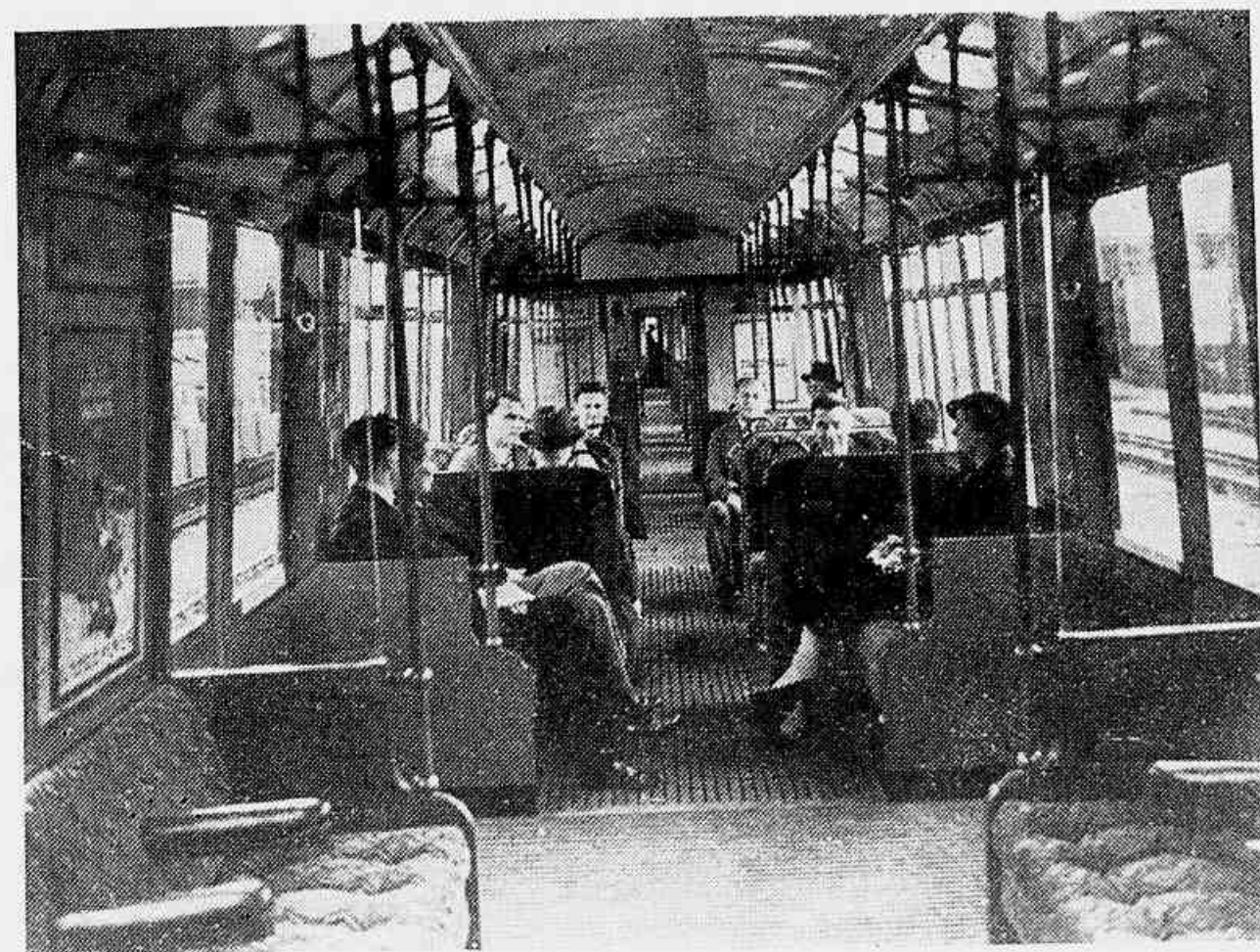
Se suceder uma interrupção na corrente elétrica, lampadas se acendem em toda a extensão do tunel e, como as estações são muito proximas umas das outras, é muito facil para os passageiros chegar até a mais proxima.

Dessas estações, a mais famosa é a de Piccadilly Circus. Nada menos de 32 milhões de pessoas passam por ali anualmente e, nas horas de maior movimento, cerca de 3.000 pessoas ali embarcam, de hora em hora. A venda de passagens é muito facilitada por máquinas automáticas

que não somente vendem as passagens como até mesmo trocam o dinheiro. Duas escadas volantes conduzem os passageiros até a plataforma e, em seu incessante movimento, andam mais de 4.000 quilometros por dia, o que equivale a fazer, de dez em dez dias, um trajeto igual á volta do mundo.

Tambem sob o ponto de vista da arquitetura, as estações do "Underground" de Londres são as melhores do mundo. Antes de construir a estrada de ferro subterrânea de Moscou, os russos enviaram diversos engenheiros a Londres, afim de estudar o "Underground", que foi tomado como modelo. Foram adotados o sistema de construção dos tuneis, arquitetura das estações e escadas volantes do mesmo tipo.

Durante 24 horas de cada dia, o "Underground" de Londres serve á população da maior cidade do mundo. E, durante os bombardeios da aviação alemã, sua utilidade se tornou ainda maior, pois transportava os trens hospitalis, bombeiros e grupos de socorro para os pontos da cidade onde sua presença se tornava necessaria.



A fotografia acima mostra o bom gosto e o conforto dos carros empregados pelo "Underground" de Londres. Todos os carros são igualmente "democraticos", não havendo carros diferentes para primeira, segunda e terceira classe.

Quando emerge do subsolo, num dos suburbios de Londres. Depois de correr kilometros debaixo da terra, nas trevas do subsolo, o passageiro pode, ao sair, repousar os olhos na paisagem amavel da cidade "fora dos muros".



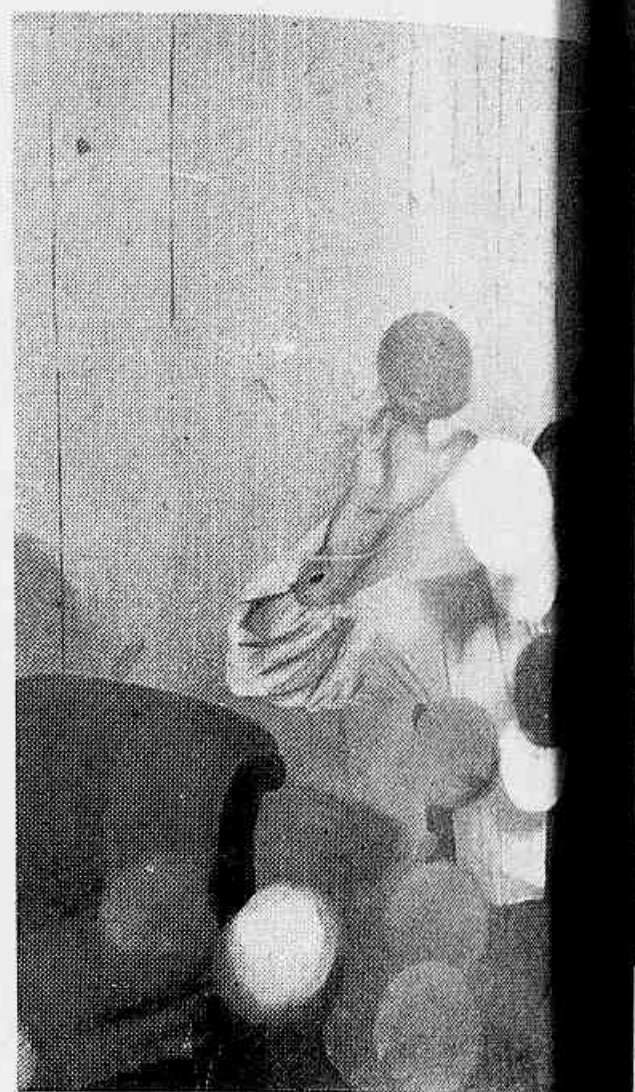
Para rir

IMAGINE se ha um cavalheiro de alma tão desconsolada que nunca tenha confessado a si mesmo o desejo de fazer uma pilheria com algum dos seus semelhantes. Se houver tal "avis rara", podem jurar que se trata de alguém que sofreu de anemia perniciosa na infância e foi vítima, por algum diabólico descuido, de uma transfusão de sangue de rã...

Sim, pois os homens gostam de fazer troça com os outros.

Chamem a isso uma fraqueza, se quiserem, mas essa fraqueza dá margem a um negócio de 250.000 dolares (cerca de cinco milhões de cruzeiros) por ano, a certo cidadão de New York. Desde 1906, esse camarada vem procurando meios e modos de atrapalhar os outros, dando-lhes sustos ou causando-lhes ligeiras e amolantes decepções, á custa dessa boa renda.

Mr. Adams — que é o tal! — acre-



Esta caixa de surpresas é excelente. A caixinha ao alcance da mão doze a cinquenta bolas de papel estão a cabeça.

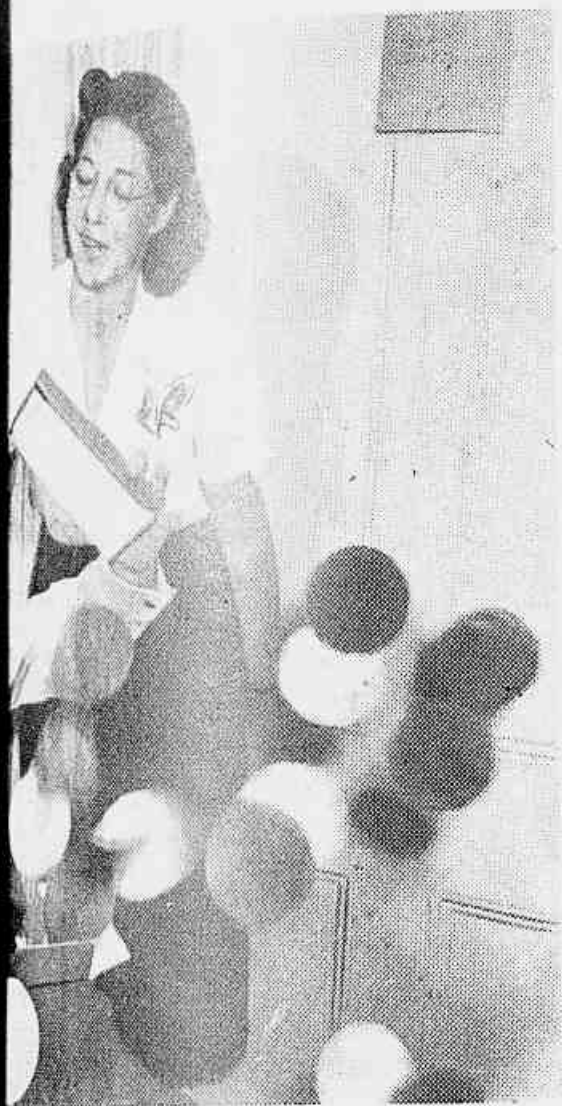
Esta cópia duma aranha daquelas venenosas chamadas "viúvas negras" é perfeita. Parece mesmo uma aranha viva, sendo apenas um pouco maior do que o original. Veja como a pequena se comporta depois do susto.

Este rapaz está brincando com a pequena, com os fósforos saltadores. A caixa parece com todas as caixas de fósforos, até que se tente acender um deles. Então todo o conteúdo salta no ar.

A vítima da troça com o telescópio não tem por que se zangar. Está mesmo achando graça na brincadeira. Foi olhar pelo pequeno aparelho e ficou com a marca legítima dum tapaolho.



m pouco



dita na velha crença segundo a qual, se você rir, o mundo inteiro rirá com você, exceto quem justamente acabou de ver uma cobra de dois metros saltar-lhe à cara. A maioria dos americanos concorda com Mr. Adams.

Quasi todos os aparelhos mostrados nestas fotografias, próprios para essas partidas aos amigos, na sala de festa familiar ou à mesa do jantar comemorativo, partiram do cérebro do negociante. Nem todo indivíduo pilhérico terá coragem de usar indistintamente as brincadeiras de Mr. Adams. É preciso, naturalmente, saber com quem nos havemos em semelhante caso.

O leitor mesmo talvez já tenha sido vítima de pilhérias semelhantes. Sabe então como se reage a essas coisas. De qualquer fôrma, é difícil deixar de achar graça, quando vemos os outros escolhidos para alvo.

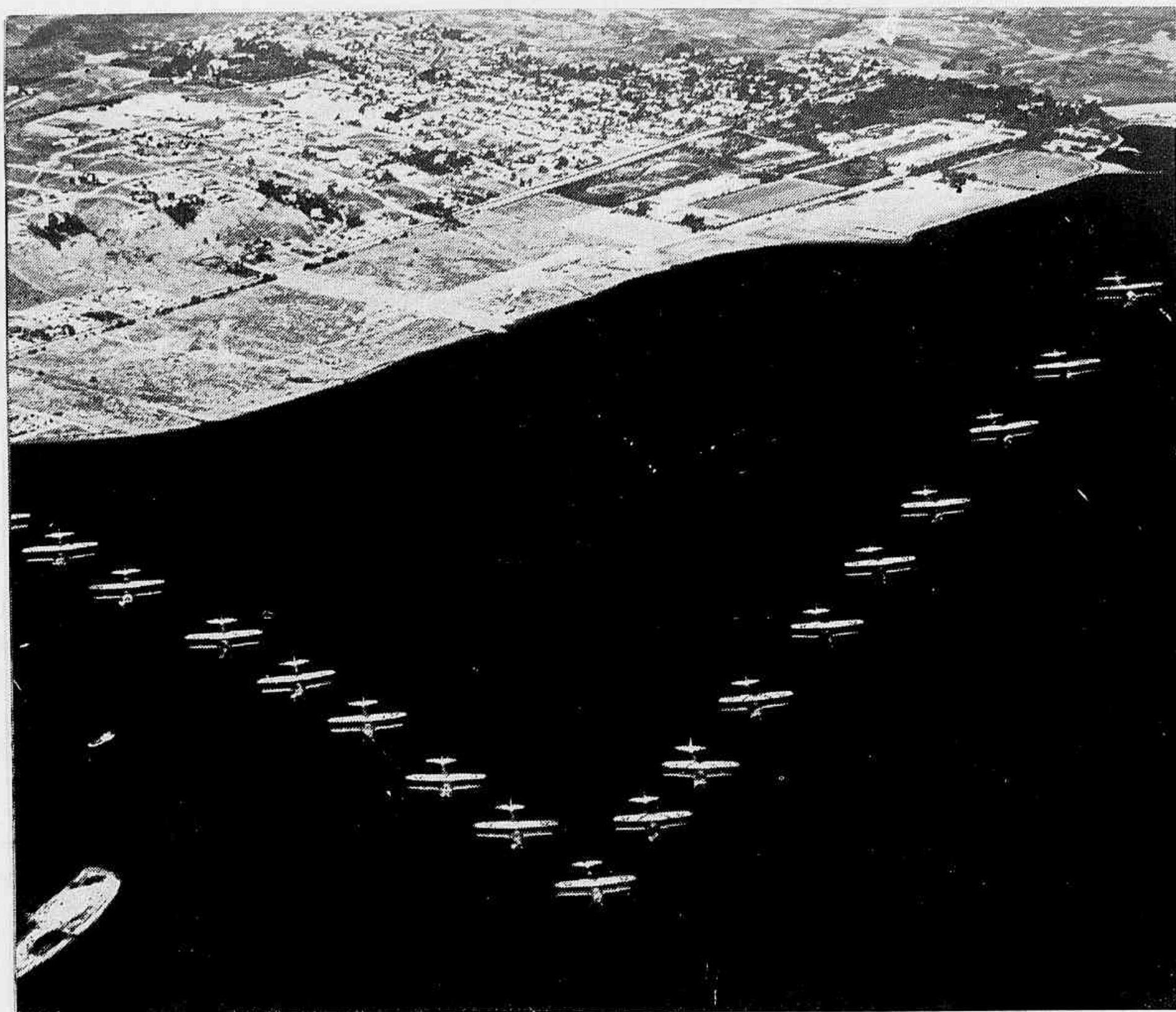
Parece cartucho de caramelos, como o rotulo está dizendo. A pequena acredita na etiqueta e abre o pacote. As três cobras pulam de dentro, dando-lhe um susto respeitável.

Se você tiver coragem, experimente esta pilheria com a arrumadeira. Trata-se dum cinzeiro com um botão que faz o fundo da peça cair, quando levantado para jogar lá a cinza.



Esta borboleta foge de dentro dum cartão de felicitações e voa perto de 10 metros de altura. As borboletas são de várias cores e em cartões próprios para aniversários, boas festas, etc.



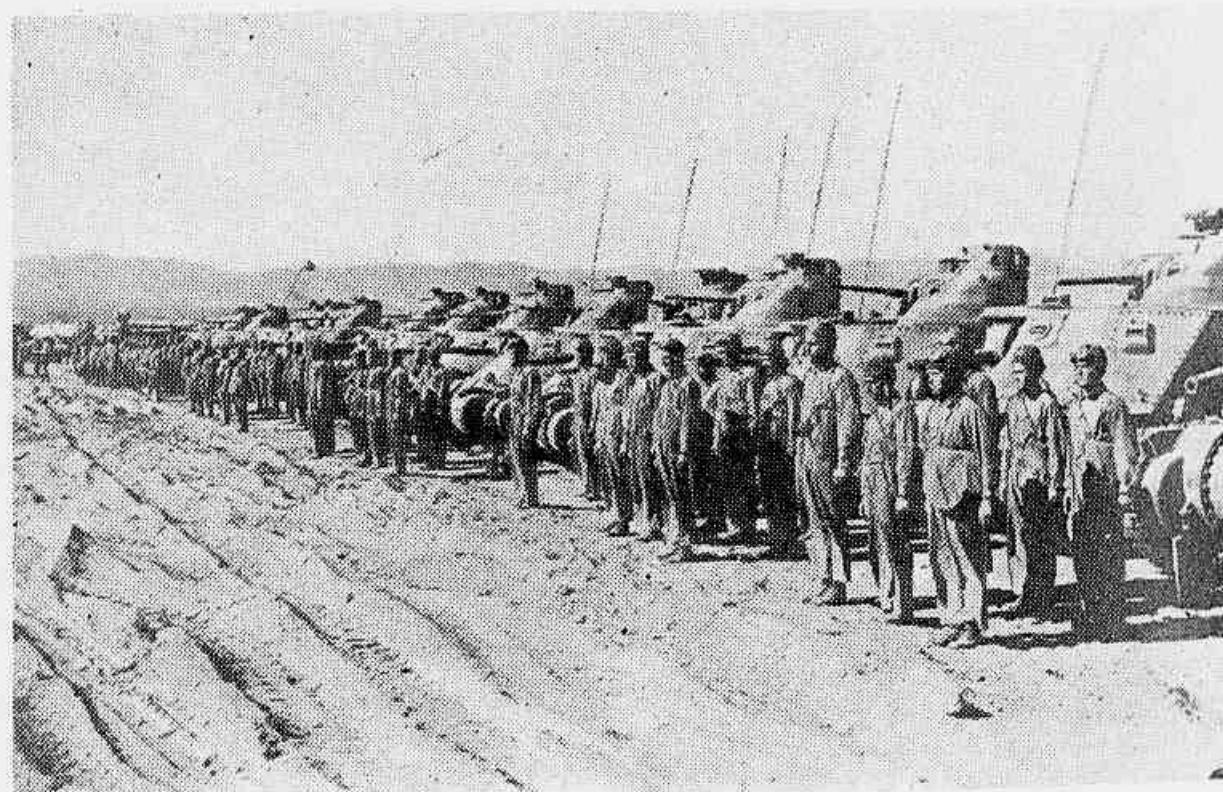


Fotografia dum esquadrão de caça, tomada na área da costa ocidental. Esses aviões são também usados para vôos de mergulho.

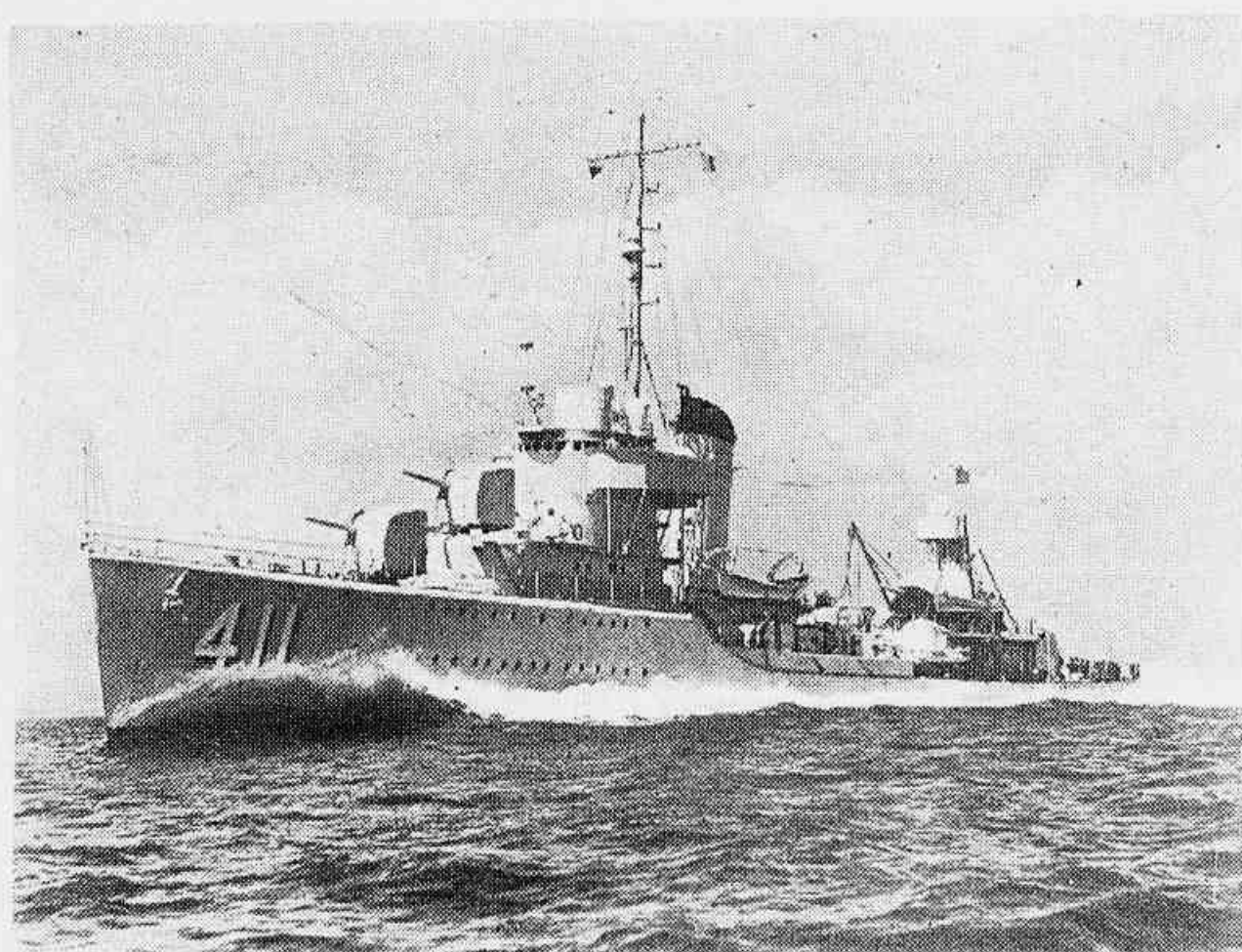
A guerra gráfica



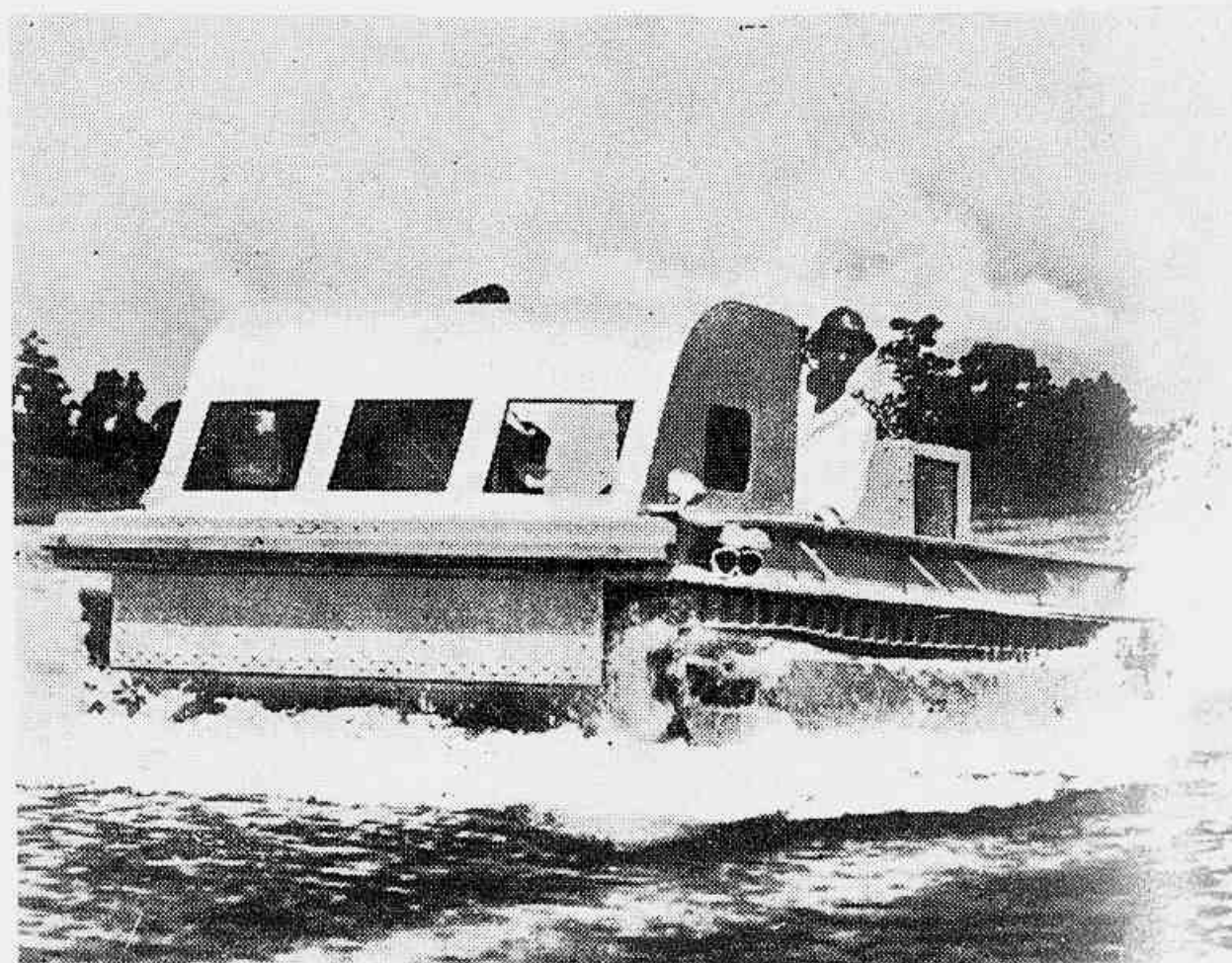
Tropas americanas equipadas com mosquiteiros para defesa do rosto e das mãos nas regiões da zona do Pacífico infestadas desses insetos.



Uma formação de "tanks" alinhada nas areias do deserto em qualquer parte da África do Norte, na atual investida contra as forças de Von Rommel.



Um destroyer do tipo "miniatura", que tem produzido o mais brilhante resultado na luta do Pacífico.



"Tank" anfíbio do exército americano, em plena ação, na travessia dum rio. Com a velocidade de dez metros de água, que parece uma lanchinha de recreio.



Acima e ao lado, dois flagrantes da inauguração das "Lojas Brito". No da direita, quando falava o sr. Jayme Adour da Camara.

O comércio "chic" de Copacabana acaba de receber mais uma valiosa contribuição, representada na filial que as "Lojas Brito" instalaram à avenida Copacabana n.º 643-A, no Posto 4, inaugurada festivamente no dia 26 do mês p. passado. Estabelecimento moderno, dotado dos mesmos requintes de bom gosto que fizeram da loja matriz, à avenida Rio Branco, um ponto de frequência do nosso "grand-monde", nele encontrarão as nossas elegantes praianas vestidos de meia confecção, artigos finos para esportes e novidades em geral para senhoras; isto num ambiente de sóbria distinção que caracteriza as "Lojas Brito", que o Rio deve à iniciativa do sr. Manoel de Almeida Junior.

A cerimonia inaugural teve o comparecimento de destacados elementos da sociedade carioca, tendo a nossa reportagem anotado, entre outras pessoas, as seguintes: sra. e sr. Drault Ernany, viúva Manoel de Almeida Alves de Brito, srs. Alvaro e Alfredo Chaves, sra. e sr. Paulo Rodrigues Alves, sra. e sr. Heitor Bracet, sr. Danilo Bracet, sra. e sr. Fernando Almeida, sra. Gratuliano Brito, sr. Jayme Adour da Camara, representantes da imprensa e outras personalidades.

Inaugurada a filial de Copacabana das Lojas Brito



Trocam brinde a viúva Manoel de Almeida Alves de Brito, a sra. Drault Ernany, os srs. Manoel de Almeida Junior e Drault Ernany.



A sra. Drault Ernany cortando a fita simbolica no ato da inauguração.

Depois que a sra. Drault Ernany cortou a fita simbolica, procedendo assim á inauguração, foi servida aos presentes fina mēsa de doces, tendo ao champagne feito uso da palavra o sr. Jayme Adour da Camara, que saudou o sr. Manoel de Almeida Junior, lembrando, nessa ocasião, a figura do seu falecido pai Manoel de Almeida Alves de Brito, a quem tantos e tão assinalados serviços deve seu Estado natal, Pernambuco.

Foi uma bela festa a da inauguração da filial de Copacabana das "Lojas Brito", que decorreu num ambiente de encantadora cordialidade e cujos aspectos, colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, ilustram esta página.

À esquerda — A fachada das "Lojas Brito" no dia da inauguração notando-se o interesse despertado pelas suas belas vitrines. Em baixo — Brindam-se os srs. Jayme Camara e Manoel de Almeida Junior.





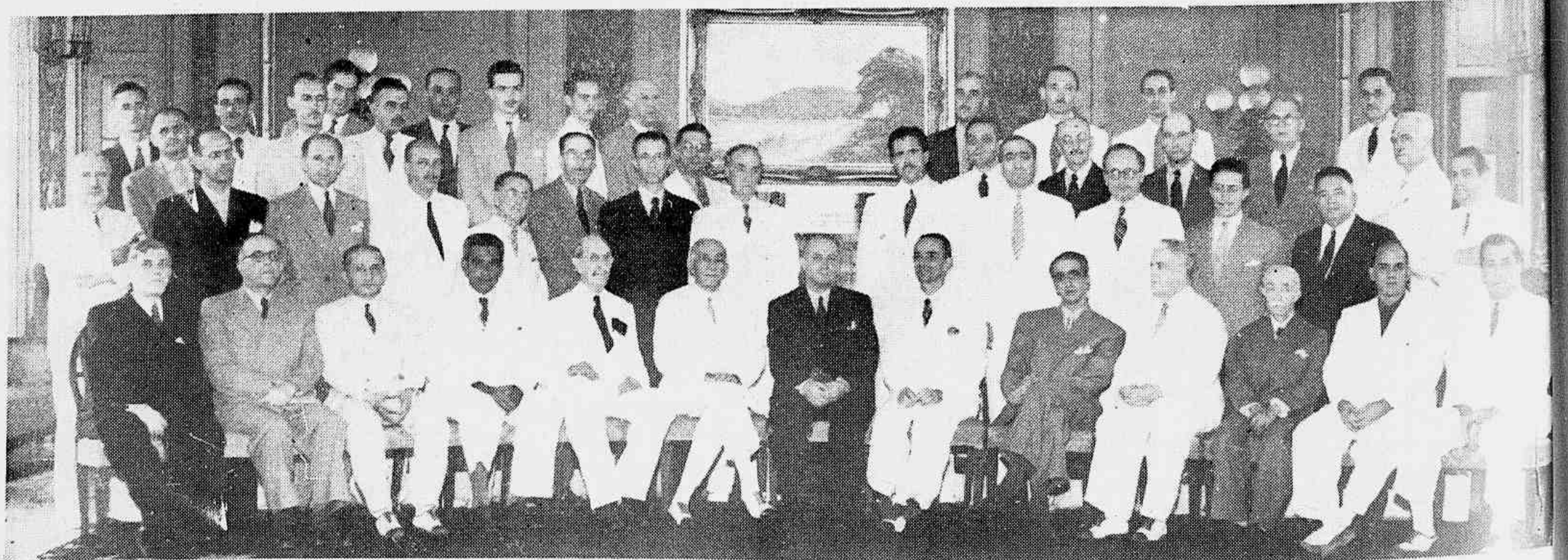
Teve um cunho de particular significação o almoço deste mês oferecido na A. B. I. pelo Clube dos Diretores e Principais Redatores de Jornais desta capital e no qual serviu de anfitrião nosso confrade Mario Magalhães, diretor do "Correio da Noite".

Ao alegre ágape compareceram, além dos membros do clube, vários convidados de honra, sendo a mesa presidida pelo embaixador inglês, Sir Noel Charles, achando-se presentes, entre outros, os srs. General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra; General Pinto Guedes, secretário geral do Ministério da Guerra; sr. Jefferson Caffery, embaixador americano; srs. John Simmons e Walter Donnelly, conselheiro e adido comercial dos E. Unidos; srs. R. G. Stone e William Wieland, respectivamente adidos de imprensa da Embaixada inglesa e americana e ministro Atila Soares.

Como ficou acentuado no correr dos discursos, a festa foi uma verdadeira confraternização entre a pena e a espada, deixando a mais viva impressão nos presentes a palavra dos diversos oradores, srs. Roberto Marinho, Ozéas Motta e Mario Magalhães.

O General Eurico Gaspar Dutra, num gesto de gentileza para com o anfitrião, que era avô pela primeira vez, brindou á saúde do netinho do nosso confrade Mario Magalhães.

Para próximo anfitrião, foi indicado o nome do sr. Paulo Filho, do "Correio da Manhã".



HOMENAGEM AO MAJOR PUNARO RLEY — Realizou-se há dias, no Automovel Club do Brasil, uma expressiva homenagem ao ex-interventor do Espírito Santo, pelos seus bons serviços á Terra Capichaba durante os doze anos do seu governo. Afastando-se agora desse posto, para ser um dos diretores da Cia. Vale do Rio Doce, seus amigos e admiradores promoveram este almoço de 50 talheres, durante o qual fez-se ouvir o sr. Manoel Ferreira Guimarães, ex-presidente da Associação Comercial desta capital, ofer-

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

6: Doutores Porto d'Ave e Carlos Guinle; Desembargador Pires Sexto; Senhor Edmundo Siqueira; Professor José Marques de Azevedo; Capitão José Pereira Guimarães.

7: Senhorita Dulce Lisboa Barbosa, filha do nosso confrade Doutor Julio Barbosa; Senhoras: D. Maria da Graça Carvalho Guilhem, esposa do almirante Aristides Guilhem, Ministro da Marinha; D. Guiomar Gomes, esposa do Doutor Edgar Gomes Pereira; Doutores: Roberto Moreira, ex-Deputado Federal; Jair Romano Milanez; Guilherme Romano; Americo Caparica; Maestro Villa Lobos;

8: Senhoras: D. Christy Beltrão, esposa do nosso confrade Heitor Beltrão; D. Julieta Faria Teixeira, esposa do major Euclydes Teixeira; D. Anita Vallim Cesar, esposa do Senhor Henrique Cesar; D. Zulmira da Silva Sanches, esposa do Senhor Otto Sanches; Senhoritas Jacy Cruz e Zely Deschamps C. Nazareth; Doutor Heitor Beltrão, nosso confrade do "Jornal do Comércio"; Almirante Raul Tavares,

ENLACE ALDA MOREIRA ROCHA — NELSON WEDEKIND

— A 14 de Fevereiro p. passado realizou-se o enlace matrimonial da senhorita Alda Moreira Rocha, filha do industrial sr. Antonio Pedro C. Rocha e esposa, snra. Maria Natividade Moreira Rocha, com sr. Nelson Wedekind, contador, filho do sr. Alvaro Wedekind e esposa, snra. Ana Wedekind. E' da senhorita Alda a foto que temos o prazer de estampar ao lado.

Ministro do Supremo Tribunal Militar; Senhores: Danton Jobim, jornalista; Belmiro Santos; Walter Maciel, nosso colega de imprensa; Engenheiro Alfredo Americo Pinto Pacca.

9: Senhorita Dulce de Paula, filha do Senhor Maximino de Paula; General João Gomes Ribeiro Filho, ex-Ministro da Guerra; Doutores: Antonio Bento Vidal, advogado em S. Paulo; Arthur Marques Lins e Albuquerque; Martins de Oliveira, nosso confrade; Comandante Gastão Moutinho.

10: Senhoras: D. Isabel Simões Veiga, esposa do Senhor Americo Mesquita Veiga; D. Jurema de Albuquerque, esposa do Doutor Jesuino de Albuquerque; Professor Hermenegildo Militão de Almeida; Doutores: Ivan de Oliveira Lima e Heitor de Faria; Senhor Eurikino de Almeida Pires, da E. F. C. do Brasil; Doutor Clovis de Almeida.

11: Doutores Tasso da Silveira, poeta e jornalista; João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil.

12: Doutores: Costa Rego, redator-chefe do "Correio da Manhã"; Ribeiro Couto, da Academia Brasileira; Ugo Pinheiro Guimarães; Bastos Tigre, poeta e jornalista; Ismael Maia, jornalista; Senhor Carlos Marques de Oliveira; e Senhora D. Gilka Machado, poetisa.

tando um belo quadro de autor espiritosantense, representando o porto de Vitória. Estiveram presentes, entre outros, os seguintes senhores: Desembargador Carlos Xavier, Cel. Baldomiro Barabá, Major Coelho dos Reis, Drs. José Sette, Eronildo de Carvalho, Silvestre Péricles Gois Monteiro, Simões Lopes, Carvalho Brito, Raul Chagas, Osvaldo Guimarães, Marcelo Miranda Ribeiro, Máximo Luz e Francisco Gonçalves.

O Jockey Club Mundano

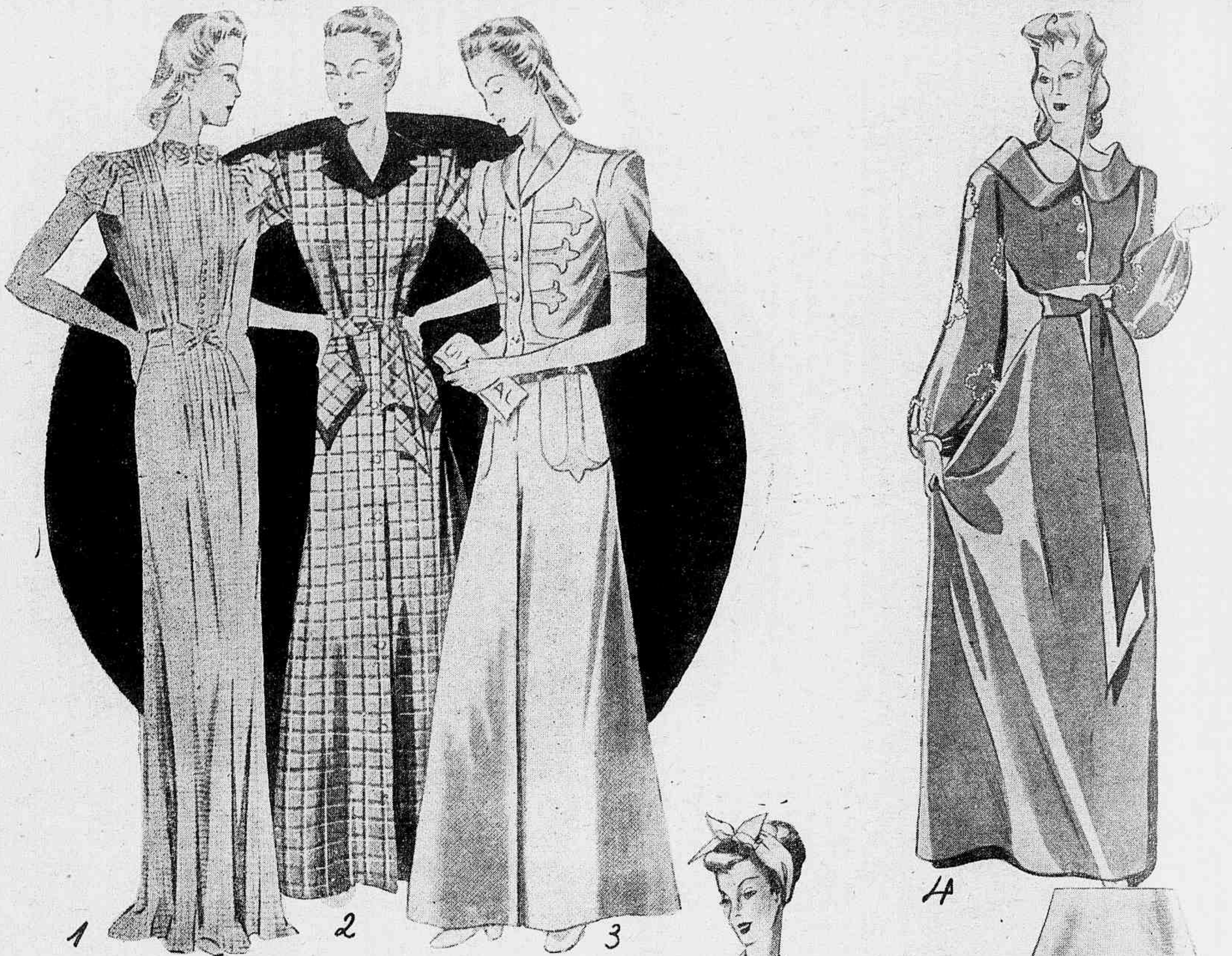
Jantar dansante na terça-feira gorda

Como nos anos anteriores, o Jockey Club Brasileiro abrirá na terça-feira os seus salões para um jantar dansante revestido das características de luxo e elegancia que apresentam as festas ali realizadas.

Vão ter os socios da fidalga associação uma tarde cheia, em homenagem a Momo.

Nesta pagina, alguns flagrantes da tarde de domingo no Hipódromo da Gavea.





Para usar em casa

- 1 — Modelo em marquisette, ornado com pequeninos botões brancos.
- 2 — Em tafetá azul e preto, este modelo é bem comodo e elegante.
- 3 — Em crepe setim rosa pálido este figurino ficará muito original.
- 4 — Interessante modelo em setim preto com pequenos bordados em missanga branca.
- 5 — Conjunto com jaqueta branca em setim com "matelasse" e calça em setim preto.
- 6 — Quimono em flanela branca com linda guarnição em cordonnet e gola vieux rose.



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Uma história para os homens livres

(Continuação da pag. 18)

los. Mas eu tinha lutado muito, para desistir agora e com o coração alanceado de costas a minha família e continuei a marcha na direção da costa.

Lá encontrei Roberto, esperando por mim, em casa dum amigo. Nós dois ficamos num esconderijo, onde mais tarde se juntaram a nós outros três que deviam, fazer conosco a travessia do Mar do Norte. Um era João, antigo piloto dum navio cargueiro, o segundo, Pedro, marinheiro, e o terceiro um jovem vizinho meu, Hans.

Enquanto permanecemos escondidos numa "villa" vazia, amigos nossos roubaram dos alemães setenta litros de gasolina para nós, compraram um pequeno motor de explosão, fizeram um mastro e uma vela e economizaram comida e vinho de suas próprias rações minguiadas. Em poucas semanas estávamos prontos para a nossa aventura.

Escolhemos uma noite escura, um sábado. Um por um, fugimos em direção à praia, passando rente a três sentinelas boches. Pulamos para baixo do parapeito, jogando-nos na areia. Vinte metros adiante estava outra sentinela. Mal respirávamos, tão silenciosamente tínhamos que agir. Cortamos a linha que mantinha o bote ao mourão, na praia. O bote era dos que têm de ser postos nagua em cima de rodas. Essas rodas estavam enteradas na areia e tivemos de erguê-lo a pulso, empurrando-o em seguida. De vinte em vinte minutos passava uma patrulha alemã e tínhamos que enterrar-nos na areia, cobrindo de terra a boca e o nariz, para que os cães que acompanhavam os soldados não nos farejassem. Trabalhamos três horas, antes de pormos o bote a flutuar, temendo a cada minuto que a lua rompesse através das nuvens e nos denunciasses.

Fazia duas horas que estávamos remando, quando a R. A. F. começou um raide de bombardeio contra Zebruge. Sabíamos que o estampido das bombas e o barulho dos canhões encobriria o som de nosso motor, e assim o ligamos. João, o antigo piloto, era o patrão. Ele acreditava que poderíamos, atingir a Inglaterra com mais um dia ou pouco mais. Pela madrugada de domingo, nosso motor deu o prego e fomos absolutamente incapazes de fazê-lo trabalhar de novo. Mas ainda tínhamos as velas e os remos.

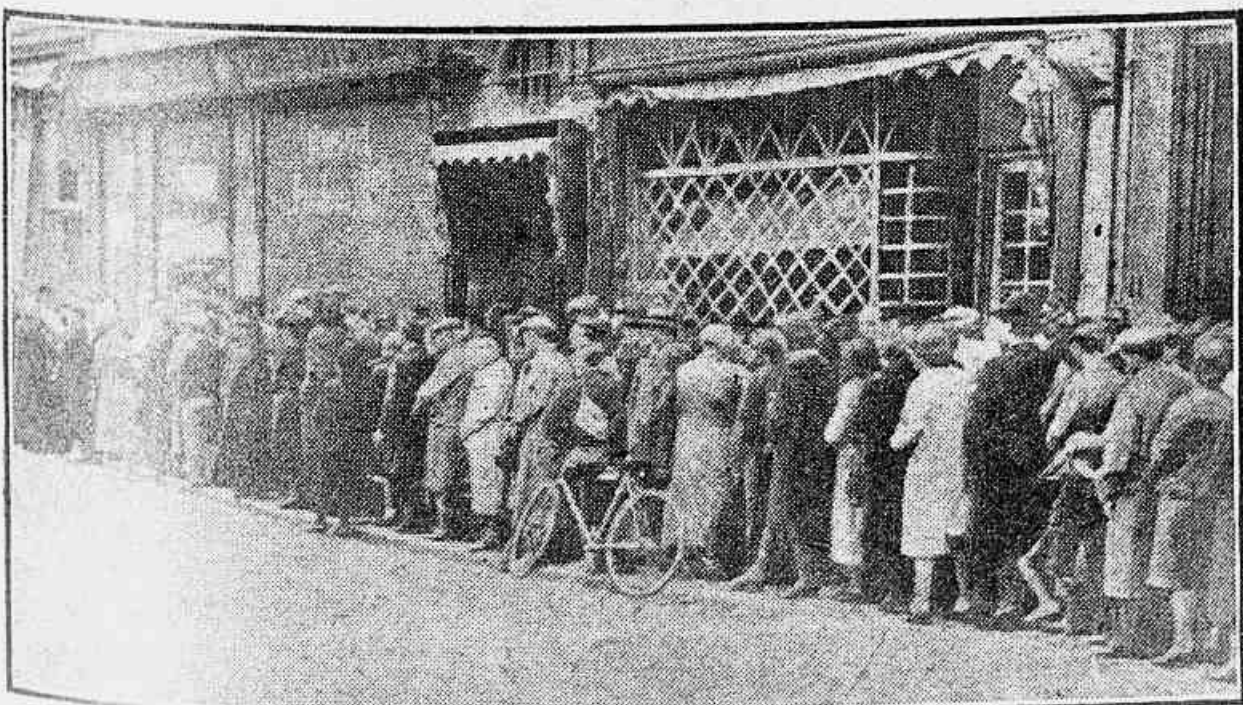
A brisa nos impelia para a Inglaterra, quando um bombardeiro alemão passou por cima de nós. O avião voltou, para fazer um círculo à nossa volta e de repente apareceram quatro Messerschmitts. Começaram a voar de mergulho sobre nós, um a um, enquanto jazíamos tremendo no fundo do bote. Balas de metralhadora choviam dentro da embarcação. O comandante foi atingido, o marinheiro que tinha pulado pela borda foi morto instantaneamente, Hans ferido gravemente nas costas e meu amigo Roberto ferido na cabeça e no braço direito. Cada avião voltou quatro vezes, ficando por cima de nós, tão baixo que podíamos vê-los a cara dos pilotos. Quando pensaram que todos nós estávamos mortos, então nos deixaram.

Eu fui o único que escapei sem um arranhão, embora minha roupa estivesse esburacada de balas. Fiz o que pude em ajuda dos feridos, com as poucas ataduras que tínhamos, e tapei os rombos do nosso escaler servindo-me de algumas mantas. Então, enquanto os feridos gemiam e gritavam de dor, comecei a remar.

Durante quatro dias e meio remei, até que a carne das minhas mãos se despregou.

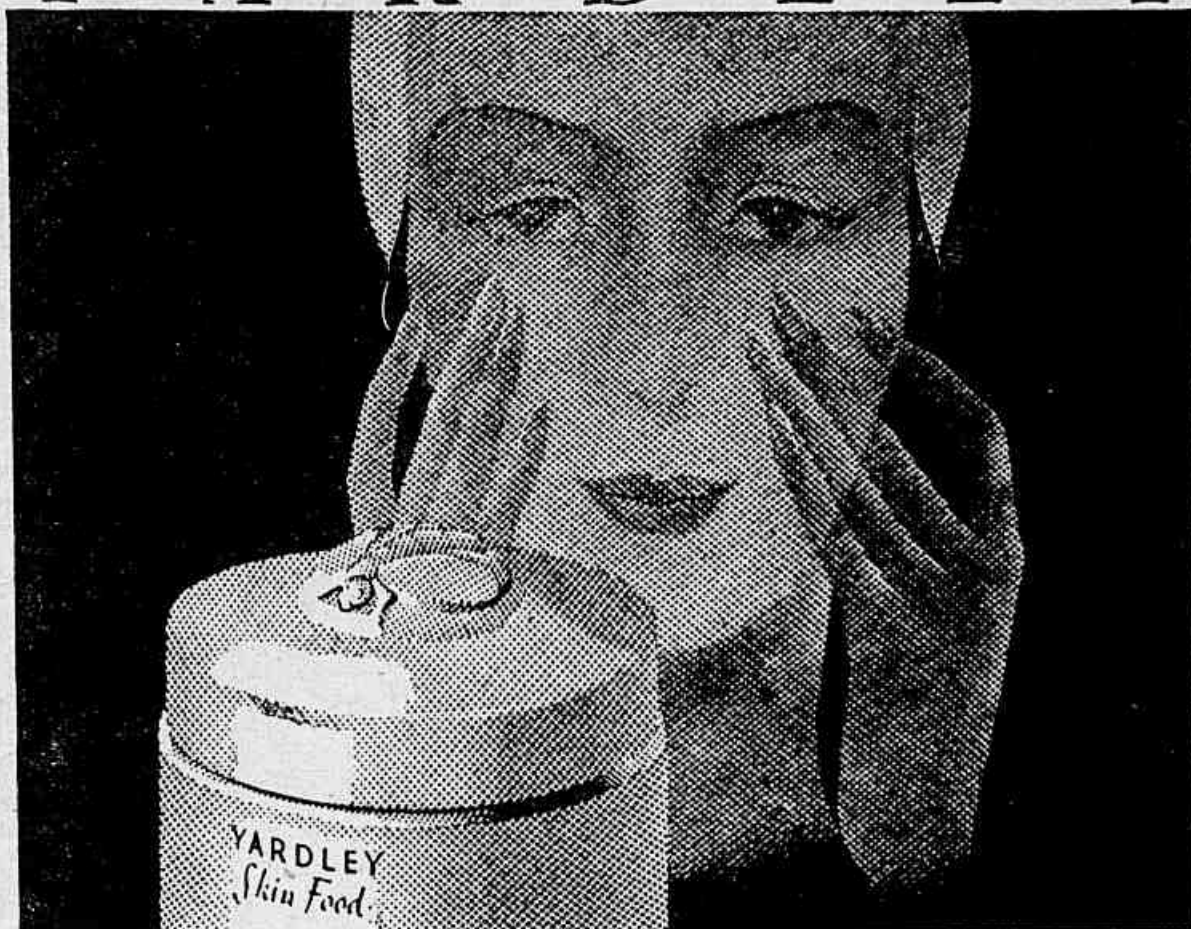
Minha lembrança do que se passou nos cinco dias posteriores é nevoenta e confusa. João, nosso comandante, o único que entendia de navegação, morreu depois de terríveis sofrimentos, como também Hans. Sepultamo-los no mar. Roberto e eu delirávamos a maior parte do tempo. Conseguíamos ficar despertos, esmurçando-nos um ao outro, nos queixos. O frio era terrível e não tínhamos nada para comer nem beber. Durante três dias vivemos com um tubo de pasta de dentes muito perfumada a hortelã que fingíamos ser açúcar candi.

Minha mãos doíam tanto que eu tinha de ranger os dentes, para continuar remando. Roberto jogava o balde mecanicamente, enquanto a água



Baixas sob o regime nazista esperando a sua vez, deante dum açougue.

O Caminho da Beleza com YARDLEY



Os complicados processos de beleza já estão fóra da moda. O sistema de Yardley para o cuidado da pele, procurando realçar a beleza natural da cutis, é agradável porque é simples e seguro. Os Cremes e loções Yardley, poucos, mas essenciais, contêm tudo o que é necessário para purificar e dar à sua cutis um encanto



juvenil. Os retoques finais, com o delicado Pó de Arroz Yardley, o Batom e o Rouge, na tonalidade apropriada à sua pele — lhe darão um encanto pessoal de pureza e aristocracia.

Para o Cuidado da Pele
Alimento para a pele • Loção Tônica • Creme de Limpeza Liquescente • Leite para a Cutis.

Para Maquillage
Creme Base • Pó de Arroz • Bond Street • Batom • Creme Rouge.

42/4

YARDLEY • 31 OLD BOND ST., LONDON • ENGLAND

inundava o bote. Eu me lembro de ter pedido uma chicara de café quente e ouvido Roberto descrever uma partida imaginária de "foot-ball". Todos os nossos remos, exceto um caíram no mar, durante uma tempestade e na quarta feira nosso quarto dia no mar, remei e guiei o barco com um remo só.

Procurávamos animar-nos um ao outro, jurando remar e esvaziar o bote, até chegarmos à Inglaterra. Pela quinta feira de manhã nossas pernas estavam geladas e mal podíamos mover as mãos. Desmaiámos diversas vezes. Num momento de delírio, comecei a escalar a amurada do bote, mas meu amigo me derrubou para dentro com o remo. Remei toda a noite de quinta-feira, mal sabendo se ainda estava vivo.

Pela sexta feira de manhã eu não podia mais. Estava ao fim de minhas forças. Roberto e eu trocamos um aperto de mão. Viesse o que viesse, não podíamos fazer mais nada. Caiamos ambos adormecidos, sabendo que nosso fim chegaria mais depressa. Absolutamente não pensávamos em despertar mais.

Não sei quanto tempo estivemos dormindo, quando ouvimos o entrecortado estalido duma metralhadora. Abrindo os olhos, vi duas lanchas a gasolina atirando uma contra a outra. Depois uma delas desapareceu. Arranquei a camisa, amarrei-a no remo e acenei, procurando gritar ao mesmo tempo. A lancha remanescente veio na nossa direção, as metralhadoras de bordo apontadas para nós. Eu não sabia se se tratava de alemães ou de ingleses. Estava indiferente a qualquer preocupação. Acabara-se. O horrível pesadelo tivera fim. Isso era tudo o que me importava.

Era um bote inglês. A tripulação desviou de nós as metralhadoras e fizemos o sinal dos "Polegares para cima". A outra coisa de que me lembro é de ser desembarcado, enrolado num lençol branco, como uma salchicha.

Brinquedos de Guerra

Bandos de garotos nos parques de New York estão adquirindo um aspecto puramente militar. Uma coleção de brinquedos desenhados como miniaturas de tanks, canhões anti-aéreos, lanchas mosquito, aeroplanos e autos de campanha têm sido ultimamente lançados no mercado. Foram criados por uma fábrica americana, como brinquedos de Natal. Negociantes de brinquedos que os viram gostaram tanto dos modelos que logo os colocaram como novidade da estação, sendo as vendas em grande numero.

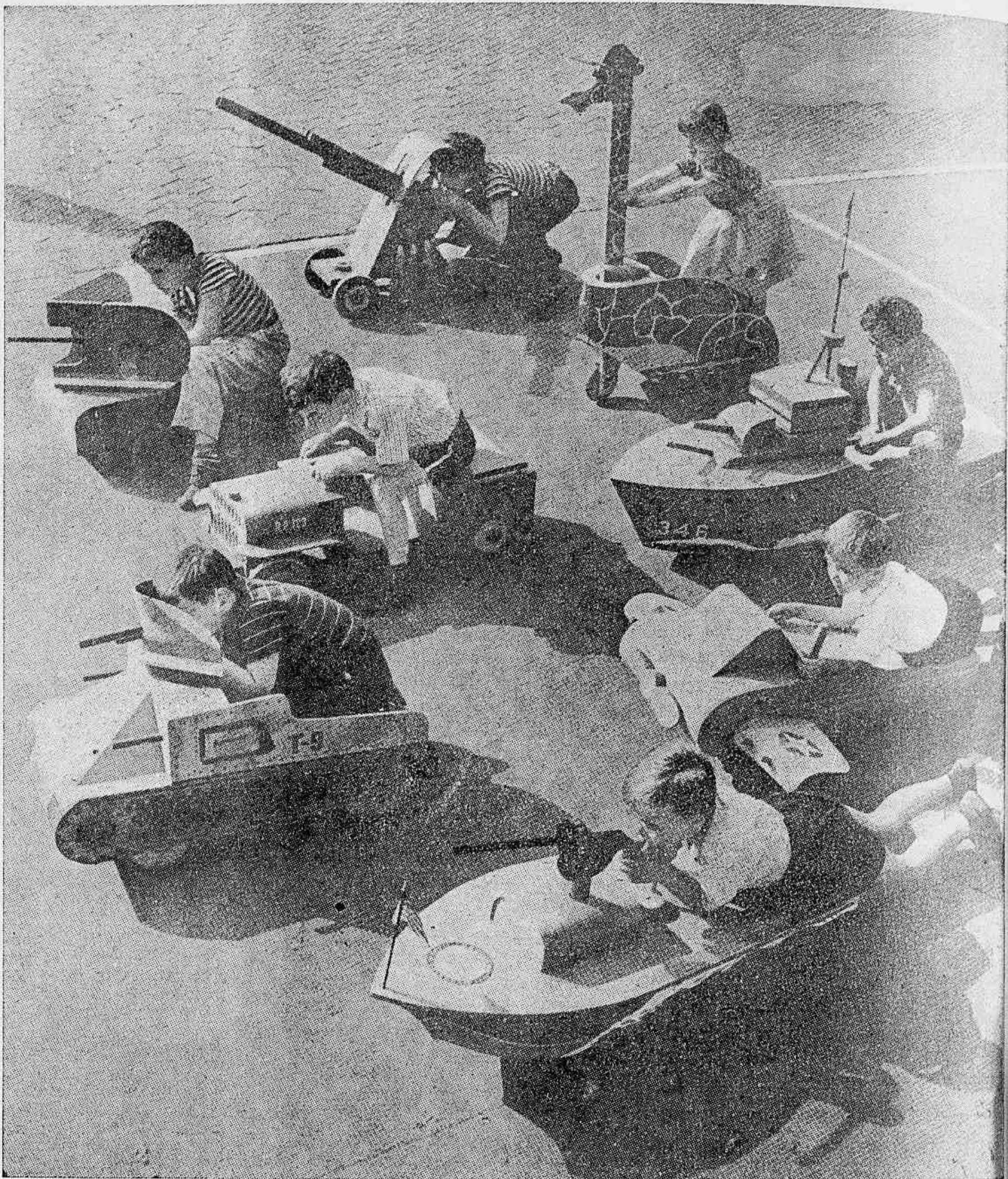
Embora os preços variem de vinte dólares a quarenta (quatrocentos a oitocentos cruzeiros em nossa moeda), certas lojas, nas regiões de trabalhos de guerra, esgotam todos os "stocks" que vão chegando.

O traço principal desses brinquedos militares — é que são feitos de material sem uso na guerra.

Rodas e armações de metal, como também pneumáticos de borracha, foram eliminados. A principal materia empregada é a madeira.

Desde o principio da guerra os pacíficos parques americanos vêm sendo animados pelo barulho realístico de metralhadoras e pequenos canhões de brinquedo.

Um grupo de garotos, iniciando uma blitzkrieg num parque novaioquino.



Canhão anti-aéreo, que faz barulho como um de verdade.



Ao lado, em cima — Carrinho de campanha como os autos usados pelo exercito.

Ao lado — Avião de caça tipo "Tigre".
Custa 500 Cruzeiros.

CONTO BRASILEIRO

FIRMO, O VAQUEIRO

De COELHO NETTO

(Ilustração de Euclides Santos)

SENTADOS na soleira da palhoça, em face do verde campo, á hora vespertal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumávamos, lembrando passagens alegres da vida de outr'ora.

Firmo era meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que ele sabia de histórias! e como as contava fazendo a voz enternecida e meiga para imitar as princesas que imploravam, ou arremetendo com um vozeirão terrível para que eu tivesse a impressão exata do bradar horrível dos gigantes antropofagos. E não só histórias dos livros, outras sabia que eu jamais em letras vira: a que descrevia a lára branca seduzindo o remador do Itapicuru e o conto do curupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinencia. Algumas eram inventadas por ele, diziam; outras o velho Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esses sertões de Deus por onde caminhara.

Andava pelos oitenta anos, mas quem o visse a cavalo, no campo não lhe daria tanta idade. O diabo era o reumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguém levava o melhor ao Firmo do Curral novo. Raparigas, que uma vez o viam montado no garboso "fabrica", o laço em volta da cinta, a agulhada firme sobre a coxa coberta de couro cru, perdiam-se de amor por ele.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo: grandes olhos negros brihavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos.

Velho, embora "ninguém lhe chegava ao pé sem muito jeito" como ele proprio dizia sorrindo com os seus dentes limados, agudos como pontas de frechas. Apesar de alquebrado e enfermo andava com arrogancia e notava-se-lhe na voz, aspera e forte, o habito de comando.

Em tempos de festa, quando vinham para a mesma eira moças do lugar e moças de mais longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a "tirana" dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo?! As taboas morenas sorriam com os olhos fascinados e unidas desfaziem-se das flores para que o cantador as fosse pisando no sapateado... por isso o Firmo andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante acabou varrido a faca; mas quem ficasse do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fugiu de arelia, fosse com um, fosse com dez ou mais.

"Mãezinha", a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado, pitando o seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa:

— Isso, ahn! isso foi o diabo!

Firmo "via encostado no tempo de d'antes", a saudade era o seu conforto. "Hoje em dia qu'ê qu'a gente vê? má lingua e moleza só" dizia e citava os valentes d'antão e mostrava as velhas gabando-lhes a beleza que a idade fanara: "Serapião, homem que nem o diabo!... Ana Rosa, essa curumba... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa dela. Filomena, com essa cara de peixe moqueado, teve o seu luxo e foi gente... Eu também pisei duro, ora!"

Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um para outro lado, visitando as palhoças, ou á beira do rio para ver e ouvir as lavadeiras, quando não se metia em casa a fazer bодоques para as crianças.

Á tarde sentava-se em um pilão quebrado, á porta da casa, e deitava-se estar inerte, os olhos ao longe: "Estava vivendo..." dizia quando eu lhe perguntava que fazia ali sozinho. Estávamos, ás vezes, sentados juntos, ele a contar-me histórias, quando nos chegava, nitido e agudo, o grito do campeiro. Firmo calava-se, um estremecimento agitava-o, os olhos dilatados recobravam o brilho antigo e punha-se de pé, devassando a paisagem triste, á luz crepuscular.

De repente aparecia a nuvem de poeira anunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote, os bois juntos, emaranhando os chifres; um mugia, outros imitavam-no levantando os focinhos ou ferravam-se ás marradas, sendo, ás vezes, necessaria a intervenção do vaqueiro que apartava os dois a ponta de vara. E a marcha aproximava-se morosa.

Firmo ficava enlevado acompanhando os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando soffego. De repente batia as palmas e juntava, logo em seguida, as mãos na boca á guiza de porta-voz, bradando:

— Eh! eh! eh! cou! ruma! ruma! Eh! lou...

E ficava longo tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripécias e, se um touro espirrava, correndo aos galões pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto, tão alto que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou socando o arroz, paravam assusta-



das erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho. Mas ninguém o acomodava antes de ser laçado o boi fujão e quando o vaqueiro aparecia, arrastando o animal laçado, Firmo suspirava baixinho:

— Ah! Nossa Senhora! meu tempo!

Foi pelo Natal que o vi pela ultima vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sítio. Nas casas dos escravos as velhas, á noite, ensaiavam as crianças. Na eira os rapazolas preparavam girais; colhia-se o arroz novo para os presepes e de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao DEUS-MENINO e as falas dos infantes que figuravam no MISTERIO.

Firmo estava doente, mal podia mover-se: passava os dias na rede. Subi, a vê-lo, uma noite, justamente na vespera do grande dia. Encontrei-o deitado, fumando, os olhos semicerrados.

— Eh! vaqueiro velho... Então que é isso?!

— Estou derrubado, patrãozinho.

— Mas que diabo tem você?

— Molestia má, patrãozinho; parece que desta feita vou mesmo.

— Ora qual...

— Eu é que sei como me sinto, patrãozinho. Se até o pito me faz nojo...

— Pois eu preparei uma surpresa que te vai fazer mais bem do que todas as "mezinhas" de mãe Tude. Quem está aí fóra? adivinha...

— Ah! patrãozinho, alguma alma boa... Quem ha de ser?!

— Raimundinho.

O velho sacudiu-se nervosamente na rede e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa noite á gente da casa! — disse da porta o cafuso.

— Entra, negro!

O cafuso, um codôense de fama, atravessou o limiar da porta:

— Então, tio Firmo, a febre pode mais, hein?

— Sim, porque eu não vi quando ela entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogareus no "Curral" novo...

(Continúa na pagina 42)

A CASA REAL DO IRA

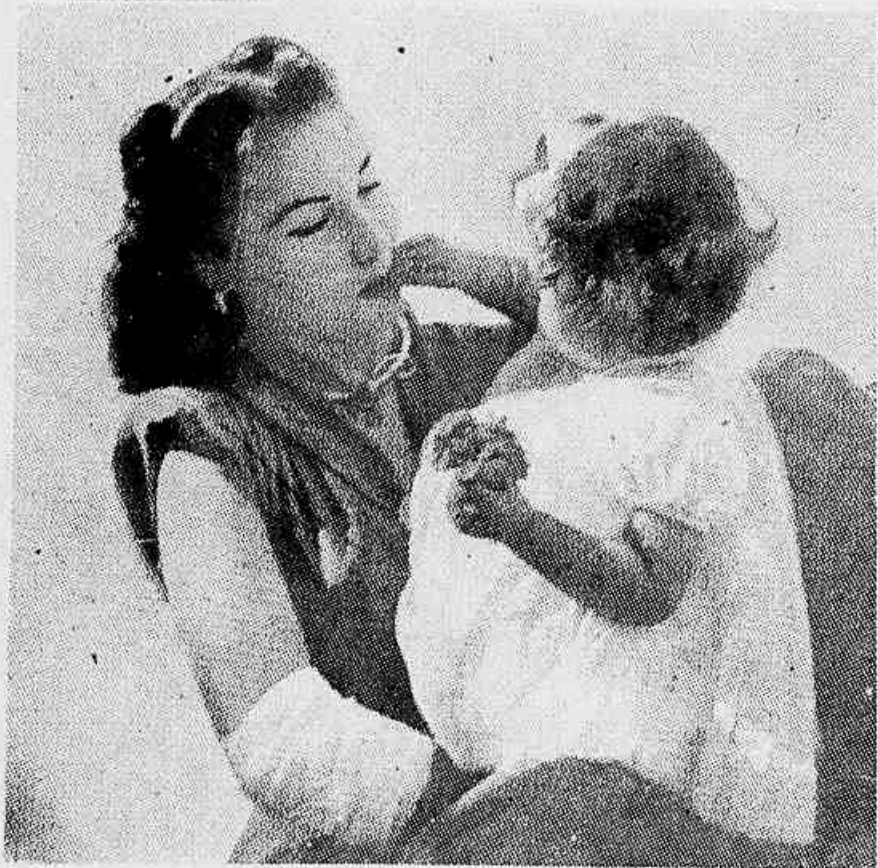


O Irã é a ponte de fornecimentos entre a Rússia e os aliados, como se sabe. Daí a sua importância enorme neste momento, embora seja verdade que a ameaça, há muito tempo pairando sobre o pequenino país tenha sido bem neutralizada ultimamente com as vitórias russas sobre os nazistas.

Ha pouco mais de um ano, o velho Shah do Irã foi deposto pelos ingleses e pelos russos e exilado, sucedendo-lhe o filho, Mohammed Reza Pahlavi. E' do jovem rei e de sua familia que apresentamos nesta página as fotografias, mostrando como na intimidade as criaturas reais não diferem muito dos mortais em comum...

Em todas elas pôde-se apreciar a grande beleza da jovem rainha Fawzia, que é irmã do rei do Egito. O Shah conta atualmente 23 anos e sua esposa apenas 21. A filhinha do casal, Shahnaz, tem 3 anos de idade.

Na fotografia acima, o Shah do Irã, a rainha e a princezinha real posam diante da piscina de natção, nos jardins do palacio em Teheran.



Shahnaz, que se parece com o pai, oferece pétalas de rosa á jovem mãe.



A princesa Ashraf, uma das quatro irmãs (tem mais cinco irmãos) do Shah, sentada com a filhinha, á beira da piscina.



Uma linda atitude da rainha Fawzia, que mostra nas feições os sinais da ascendencia requintada: o avô era albanês e a avó meio francesa, filha dum dos soldados de Napoleão.



A rainha Fawzia olhando através do gradil de madeira dos jardins do Palacio. Ela tem os cabelos negros e os olhos verdes.

Modelos Juvenis

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Saia escossesa. Blusa rósea com a guarnição igual á saia.

Gracioso vestido em shantung bege com guarnição de outro tecido *imprimé*.

Linho azul em que o realce é feito por outro tecido *imprimé*, acompanhado de leve bordado.

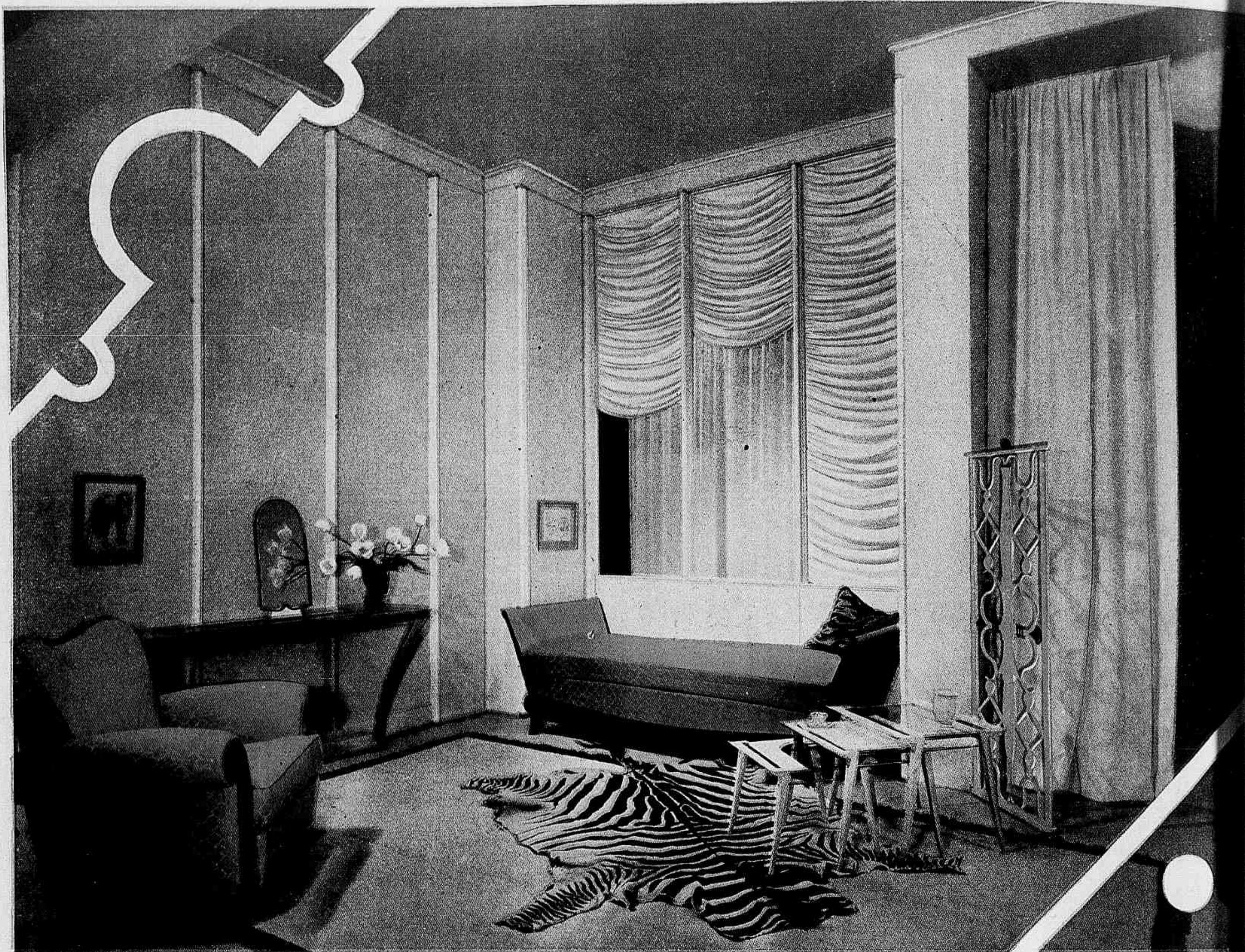
Saia com *pois* multicoloridos sobre tom liso. Blusa vermelha com golinha de tecido de *pois* e gravatinha de veludo que e reproduz em laços nas mangas.

TANAGRAN



Tonico sexual feminino. Asthenia, frieza, memoria fraca, insônia, tristeza sem motivo etc. Sempre aconselhado pelo medico
Dr. A. TEPEDINO
Em todas as Drogarias
TANAGRAN!

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os melhores.



ESTE canto de "boudoir" denota a apurada e rara sensibilidade de alguém que, saturado de "estilos", quiz desanuviar o espírito na leveza de contornos simples. Mas não pode, todavia, livrar-se de uma reminiscência teimosa que — traiçoeiramente — se mostra nas linhas esbeltas de épocas pre-românticas, desde o Diretório até Luís XV, demonstrando que a arte é, quase sempre, uma sequência lógica de *motivos* que evoluem, mais ou menos vigorosamente, em harmonia com a época e a personalidade dos que os idealizam e interpretam.

Como o aposento ou as preferências de sua proprietária não suportariam o "raffinement" de um estilo puro, o decorador saiu-se magistralmente, com a aplicação sutil e discreta de uma porção de novidades que, bem combinadas, deram em resultado um arranjo original, mas despretencioso.

A grade de apoio, indicando a d'v'são para o banheiro cont'guo é de um desenho pr'moroso, que repete, quase, o *motivo* do tecido do estofado aplicado no divan e na poltrona; a mesinha multipla; a "console-toilette"; a pele sobre o grande tapete aveludado; as "vitragens" que, correndo perpendicularmente sobre cada caixilho, graduam a luz independentemente das cortinas que correm por fora da janela; as colunas esguias das paredes, que "elevam" a pequena altura do teto, tudo isto... são apenas acessórios das duas peças principais — o divan e a grande poltrona, com acolchoado e almofadas soltas. A madeira lustrada das suas armações condiz com o total do conjunto, dando-lhe um cunho de unidade que repousa e acalma.

SIMPLICIDADE

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

VERÃO NA PRAIA



- 1— Short em sêda rayonne lavavel.
 2— Short branco. Blusa azul rei.
 3— Vestido original chemisier.

4— Capa de linho branco. 7.ª. Garantia pespontada.

5— Para trazer sobre o maillot. Para banho de sol.

6— Short original em sêda quadriculada escocesa. Bolsos em forma original.

**VEIAS
DAS
PERNAS**

Tel. 42-7871. RUA DA CANTANDA, 22 - 1.º - De 10 às 12 e 15 às 19 horas

As veias dilatadas ou salientes trazem a beleza e a elegância das pernas e predispoem a infecções (artrite), úlceras, varizes, edemas (inchagem) etc. INSTITUTO HELCO de Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Casa MUNDIAL
MALAS
 Artigos para viagem
 PASTAS - CINTOS - CARTEIRAS
 RUA CARIOCA, 65 - T. 22-2948
 OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS

Para mocinhas



1—Sáia franzida de linho rosado. Blusa lilaz. Cinto franzido.

2—Vestido de rayonne verde claro. Capeline de palha marrom. Leva duas rosas em dois tons de encarnado. Acessórios marron.

3—Tailleur de faille branco. Blusa azul. Canotier branco, guarnecido com fita pespontada.

4—Vestido de rayonne estampado, com ramos de flores lilazes e azuis. Capeline branca, tipo mexicano, com fita de veludo preto.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

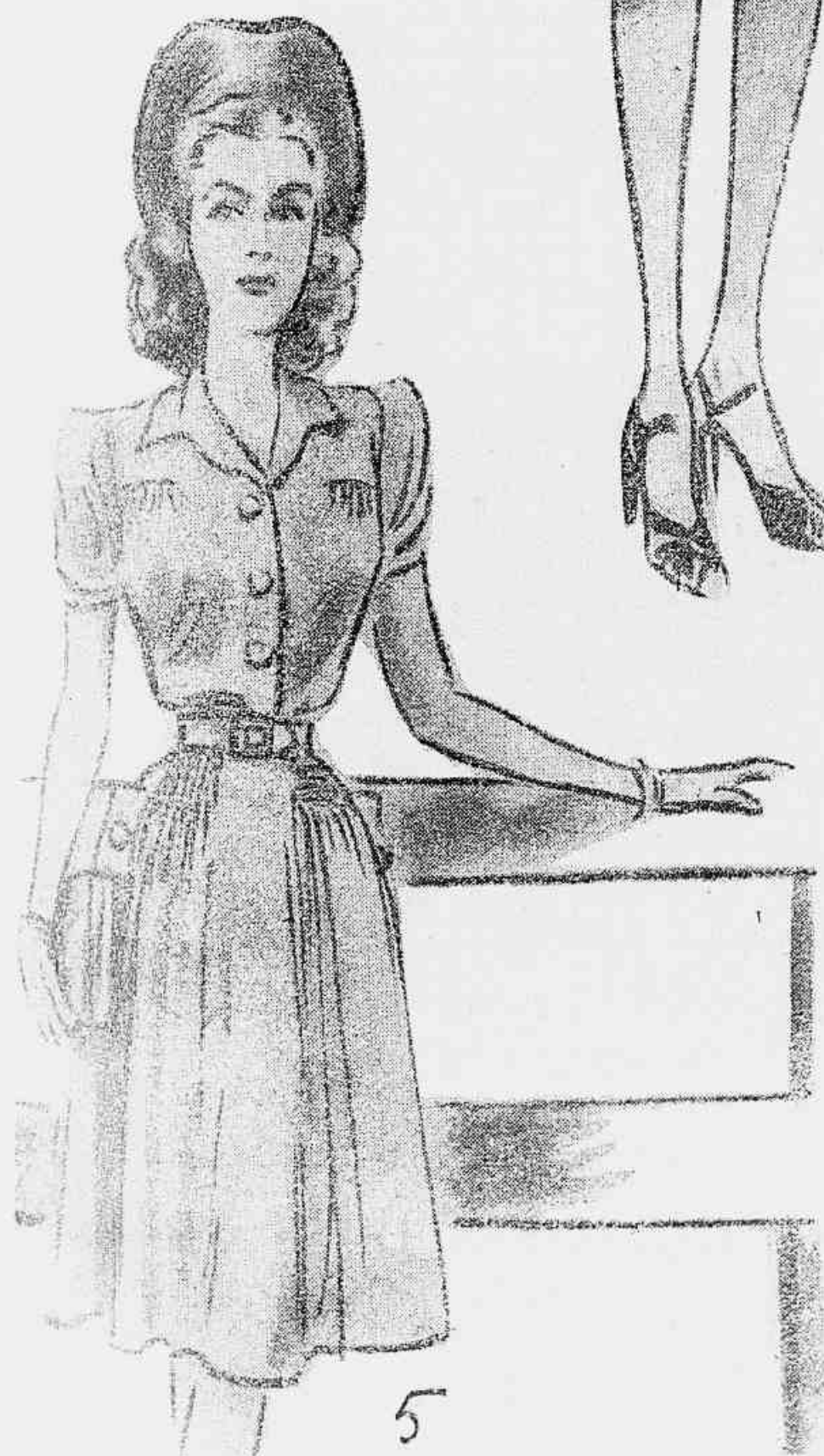
5 - Vestido chemisier em tussor turquesa. Chapéu igual. Acessórios brancos.

6 - Vestido de linho estampado com chapéu de palha verde-amarelo.

7 - Vestido de crepe romano gris. Chapéuzinho com flores matizadas de rosa e bordado.



6



5



7

V. PODE TORNAR-SE
AINDA MAIS BELA... HOJE MESMO!

diz

GEORGETTE MICHEL

da Michel Cosmetics, Inc.,
de New York

Está claro que V. deseja possuir a formosura que só uns lábios encantadores podem dar. E ser lhe-á muito fácil obtê-la. Lábios suaves, sedutores, com todos os atrativos da beleza: assim serão os seus, se usar o Baton Michel. Michel, e só Michel, lhe dará um aveludado novo, diferente, mais suave e luminoso, que não se racha nem descora. Os matizes de Michel conservam toda a sua beleza, durante horas e horas. O Baton Michel tem por base um creme, que é uma garantia de beleza para seus lábios.

Agora, mais do que nunca, é importante a escolha do seu baton. Uma das 10 tonalidades Michel corresponderá exatamente ao matiz do seu rosto, acentuando sua formosura.

10 SEDUTORAS TONALIDADES: AMARANTH - VIVID - CHERRY - BLONDE
BRUNETTE - SCARLET - RASPBERRY
CYCLAMEN - CAPUCINE - AMAPOLA

Quatro tamanhos: De Luxe - Grande - Popular - Pequeno

Em guarda! para proteção da beleza!
Para proteção do nosso hemisfério!



BATON *Michel*

MICHEL COSMETICS, INC., NEW YORK



Para combater o nervosismo e criar rapidamente novas energias, Quaker Oats é a aveia indicada pela sua triplíce riqueza em Thiamina (vitamina B1). É também, 3 vezes mais rica em ferro, elemento indispensável ao enriquecimento do sangue. Pela sua triplíce riqueza em fósforo, beneficia ossos e dentes. E com tudo isso, econômica e de fácil preparo, a aveia Quaker Oats é ainda um prato verdadeiramente delicioso, que se come com prazer todos os dias. Compre hoje mesmo uma lata e dê Quaker Oats a todas as pessoas da sua família.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para esbranquear, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, os manchas, as espinhas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Bilbanta".

Experimente-o.

DOR DE ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



MENAGOL

PARA ALTA DE MENSTRUÇÃO

100. 100. 100. 100. 100. 100. 100. 100. 100. 100.



PERFIS

LUCIEN LELONG

É um perfeito "gentleman".

Os ingleses, seus compatriotas, o chamam "capitan", porquanto serviu na guerra passada, havendo merecido o título ao mesmo tempo que a Legião de Honra.

Descende de antiquíssima família irlandesa, mas seus avós eram franceses.

Lucien Lelong é genuinamente franco-britânico. Tem olhos cinzentos e cabelos castanhos. É fleumático, espirituoso, tem uma suprema elegância e requintada amabilidade.

Desenha modelos para as mulheres e o faz desde o tempo em que começou em Paris, mas só usa ternos talhados em Londres. Gosta de colarinhos moles, e gravatas com salpicos.

Gosta de fumar cigarros ingleses, naturalmente... Joga "bridge", "box", monta admiravelmente bem, dança, possui cavalos e cães de raça.

É Lucien Lelong muitíssimo supersticioso. Possui uma casa em Londres mas, dantes, só se sentia disposto a trabalhar — quando em Paris.

Na Rue Royale desde 1919, num pórtico gigantesco, se via o seu nome em letras prateadas. Um porteiro de estatura avantajada, com farda cinzenta, cheia de decorações como um almirante, atendia aos que chegavam. Depois, viam-se salões e mais salões, todos tapetados, com mobiliário cinzento-andorinha, gênero: Luiz XV, perfeito. Altas janelas, enormes espelhos, reposteiros cor de ouro que corriam. E as suas "vendeuses" inúmeras, todas trajando uniformes igualmente cinzentos.

Neste momento, Lucien Lelong armou sua tenda na América e ali trabalha, incansavelmente, formando coleções que modelos adoráveis levam de país em país.

AS VIRTUDES DO TOMATE

Só em fins do século XVIII começou o tomate a ser considerado como planta alimentar, legume comestível.

Originário do Perú ou do México foi o tomateiro (*solan lycopersicum*) de começo apreciado apenas como planta ornamental.

Atualmente, devido à voga das vitaminas, tornou-se o tomate um elemento indispensável à alimentação.

O tomate — em inglês "love apple"; em alemão — "liebes apfel"; em italiano — "pomodoro", tem, pois, uma cotação enorme.

Embora contendo ácido oxálico ao que atribuem efeito nocivo sobre o fígado, gota, etc., há pouco tempo, em pesquisas de laboratório verificou-se que os ácidos málico e cítrico superam em muito o ácido oxálico.

O tomate contém: cobre, ferro, manganês, zinco, proteínas, graxa, açúcar total, amido, fibras, cinza, albuminas. Contém o tomate as vitaminas: — A B C e D.

É considerado como tônico para os intestinos, vesícula biliar, músculos do estômago, etc.

O tomate pôde ser usado ao natural como — suco, ou creme, saladas, em cocktails, em sandwiches, sopas, tortas, compotas...

Como sobremesa temos entre muitas outras as seguintes receitas, autorizadas por Lucia C. Santos:

"Compota de tomates": Com a polpa deste fruto faz-se uma excelente compota, preparada do modo seguinte: tiradas a pele e as sementes, corta-se em duas partes iguais, coloca-se em seguida numa caçarola com igual peso de açúcar branco, refinado e reduz-se a massa pela coação dando a consistência de marmelada espessa, que se aromatiza com canela ou baunilha.

"Geleia de tomates": Toma-se 500 grs. de tomates maduros, passa-se ligeiramente em água fervente, retira-se-lhe as peles, então vão para uma panela com pouca água. Logo que estejam cozidos esmaga-se, passa-se em peneira. Ao líquido obtido adiciona-se igual porção de açúcar e dá-se ponto de geleia.

"Gelatina de tomates": 500 grs. de tomates preparados pelo mesmo processo acima mencionado. Junta-se açúcar à vontade e mistura-se gelatina previamente dissolvida na razão de 1 folha branca e outra vermelha para cada copo de suco. Serve-se de maneiras diversas e muito especialmente com creme chantilly.

Miss CAKE.



NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866



PREDOMINIO DO BRANCO

Os vestidos mais indicados para o verão nos países tropicais, como o nosso são os brancos. Para eles o tecido mais prático será sempre o lavalinho ou sêda, pouco importa.

O branco pôde ser usado por jovens ou velhas — pelo menos assim pensam em muitos países europeus, na Inglaterra, por exemplo, onde soberanas o tem imposto, desde a admirável — Vitória.

A rainha Alexandra a imitou usando-o, embora depois de viúva e idosa, outros tanto tem feito a rainha Mary, no seu grande apêgo á tradição...

Para os modelos em branco que aqui apresentamos, recomendarei além do linho, do crépon, sempre tão distinto, a sêda albene, o jersey, ultimamente apreciadíssimo nos Estados Unidos, o marrocaim...

Ao branco poderão as elegantes, para variar, unir notas de côr em frisos, botões, acessórios. Uma questão de gosto, apenas.

Madô



PARA ESPORTE

Este "pullover" leva 335 grs. de lã fina rosa; 2 agulhas nº 3; 3 botões cobertos de camurça marron; 1 cinto igual, tendo guarnição rosa. Variantes: o modelo ficará igualmente bem em azul turquesa e em tom de opala. "Pontos empregados: ponto nervura ponteadada; ponto de renda; ponto de arroz".

"Frente": tomar 108 ms., tricotar em pontos nervura ponteadada. No correr do trabalho: 1.º, a 0,05 de alto começar a enviezar os bordos diminuindo para cada um 4 ms. de cada vez de 2 em 2 cent. de alto (10 carreiras aproximadamente); continuando em linha reta. 2.º, com 0,17 de alto, aumentar para cada lado 7 vezes 1 m. de 8 em 8 carreiras, 3 vezes 1 m. de 6 em 6 carreiras. 3.º, com 0,36 de altura total, formar as cavas, diminuindo para cada uma de 2 em 2 carreiras: 5 ms., 3 ms., 2 ms., 8 vezes 1 m., continuar em linha reta; mas 4.º com 0,41 de altura, tricotar todas as ms., em ponto de renda; 5.º, quando as cavas tiverem 0,12 de altura, enviezar o bordo aumentando 4 vezes 1 m. de 6 em 6 carreiras; mas 6.º com 0,49 de altura total, formar a gola tirando 10 ms., no meio de trabalho (deixar um lado esperando) tricotar o outro lado diminuindo para arredondar a gola de 2 em 2 carreiras: 3 vezes 2 ms., 5 vezes 1 m.; 7.º quando as cavas tiverem 0,19 de altura, enviezar o ombro tirando 5 vezes 6, ms. de 2 em 2 carreiras (30 ms), terminar o lado que ficou de espera igual ao primeiro...

"Costas": tomar 114 ms. No correr do trabalho: 1.º, com 0,06 de altura, começar enviezando os bordos diminuindo para cada um 3 vezes 1 m. de 10 em 10 carreiras, continuar em linha reta e 2.º, com 0,23 de altura, aumentar para cada bordo 5 vezes 1 m. de 3 em 3 centímetros; 3.º com 0,36 de altura total, formar as cavas diminuindo cada uma de 2 em 2 carreiras: 4 ms., 2 vezes 2 ms., 4 vezes 1 m., continuando em linha reta; mas 4.º, com 0,41 de altura dividir o trabalho em 2 partes iguais para obter o corte no meio das costas, deixar o lado direito das costas á espera; tricotar o lado esquerdo, mas ajuntar 2 ms., tomadas entre as que ficaram á espera do lado direito para o cruzamento da abertura. Executar 1.º 6 ms. em ponto de arroz para o bordo da abertura; 2.º as outras ms. em ponto de renda; 5.º quando o bordo da abertura tiver 2 cent. de altura, formar a primeira casa tirando 3 ms. depois das 2 de bordo; fazer as 2 casas com a distancia de 0,04 1/2 de altura; quando as cavas medirem 0,16 de alto, enviezar o ombro diminuindo 4 vezes 7 ms. de 2 em 2 carreiras (28 ms.) depois



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

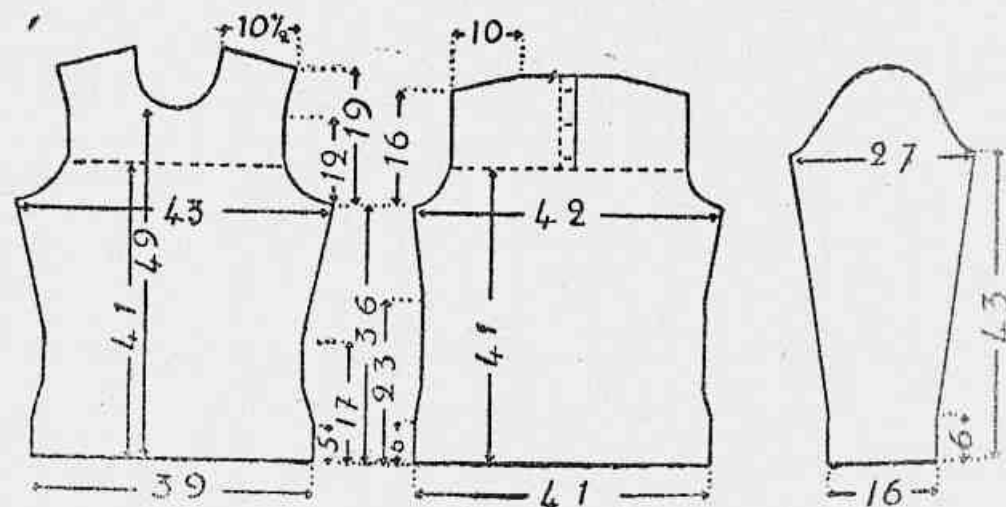


INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

as 21 ms. que ficam para a gola. Terminar o lado direito como o esquerdo; tomar 4 ms. para o cruzamento da abertura, suprimindo as casas.

"Mangas": direita — tomar 45 ms., tricotar em ponto de nervura ponteadada. No correr do trabalho: 1º com 0,06 de altura, começar a enviezar os bordos aumentando para cada 8 vezes 1 m. de 2 em 2 cent. de altura, 7 vezes 1 m. de 3 em 3 centímetros de altura; 2º com 0,43 de altura total, fazer a frente e as costas da manga diminuindo as ms. á direita e á esquerda do trabalho de 2 em 2 carreira para a curva da frente diminuir 4 ms., 2 vezes 2 ms., 14 vezes 1 m., 6 vezes 2 ms.; para a curva nas costas, diminuir: 2 ms., 3 ms., 15 vezes 1 m., 6 vezes 2 ms., depois das 9 ms. que ficam. Executar a manga esquerda igual á direita, de maneira que a curva da frente da manga fique em contraposição com a outra.

"Tira da gola": tomar 6 ms., tricotar e ponto de arroz; fazer 0,43 de comprimento.

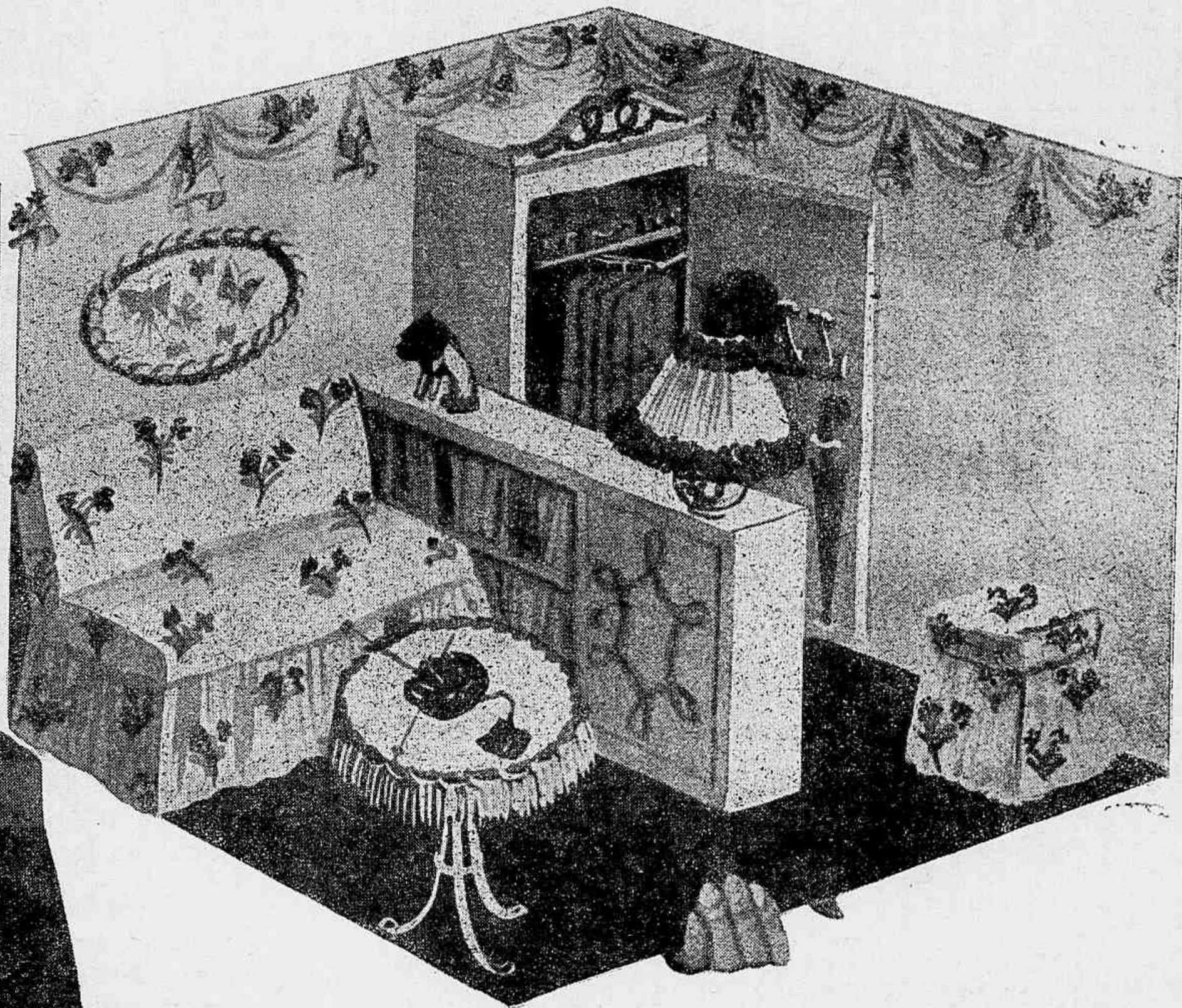
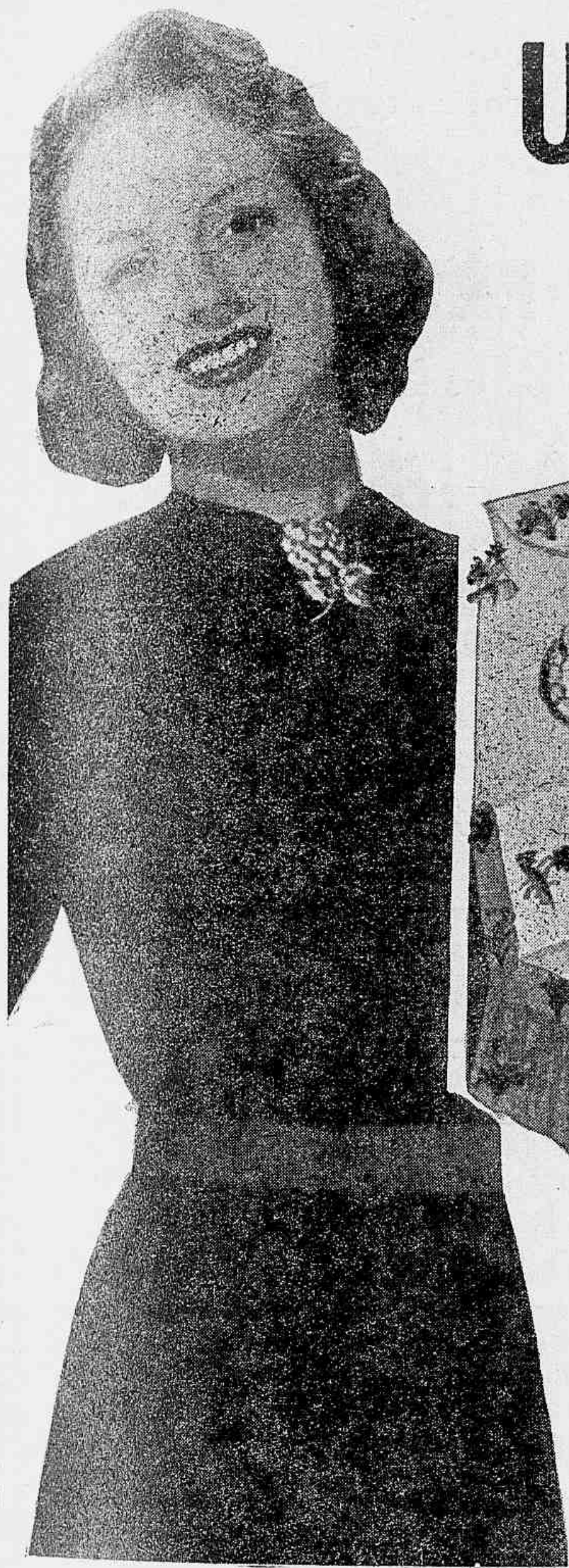


O molde com as suas medidas.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero e que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

UM LINDO RECANTO



A vida moderna tem exigências. Entre elas se impõe esta: viver com beleza, pondo em tudo que nos cerca o encanto da personalidade, do gosto requintado.

Observem as leitoras como transformou esta linda moça dispondo de engenhosidade, um recanto feio e antiquado neste outro tão aprazível.

As paredes foram pintadas de amarelo claro, o chão com um tapete azul vivo, ou de linoleum que fará realçar o tecido florido que reveste as cadeiras, tamborete e frisa.

O grande armário será pintado de esmalte branco, com um cordonnet azul vivo.

O aparador muito leve, poderá ser movido com facilidade. Pintado em creme, levando o cordonnet azul vivo.

A pequena "farmácia" poderá comportar em prateleiras diferentes os preparados de beleza e certos medicamentos indispensáveis, os tais chamados de — emergência. Nessa "farmácia" haverá um lugar para guardar o trabalho de agulhas, a caixa de costuras.

Pequena biblioteca se unirá ao conjunto para torná-lo ainda mais tentador.

O Lar

PENSAMENTOS

O homem consola-se de um grande numero de dores; a coragem começa a obra, o hábito continua e o tempo acaba.

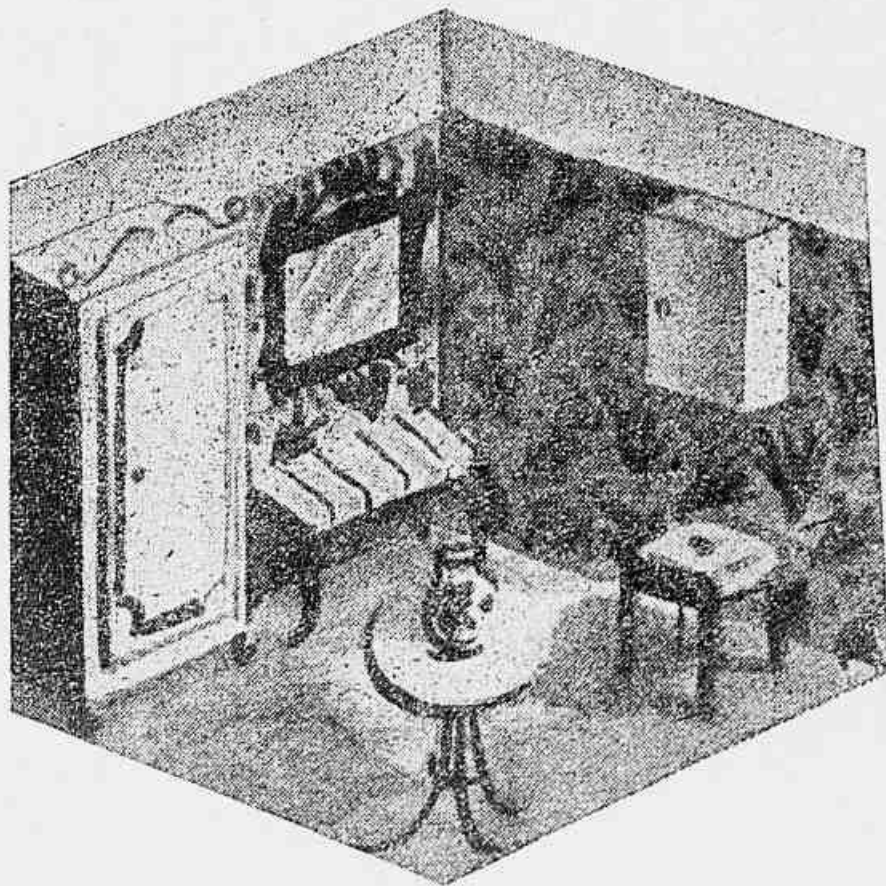
G. Diane.

O sábio não se exalta na alegria nem se humilha na tristeza, porque sabe que a onda que traz o cisco é a mesma que o há de levar.

J. Duplene.

Nem sempre é bom dizer tudo quanto se tem no coração, mas é necessário não ter no coração senão aquilo que se póde dizer!

Padre Janet.



MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliarios nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

MAGUA DE VAQUEIRO, que oferecemos hoje aos nossos leitores do conto brasileiro — é uma simples e iocante narrativa do sertão. Num estilo claro e leve, a que não falta, no entanto, a marca da emoção das boas paginas do genero, vale como o desmentido mais formal áqueles que só enxergavam no escritor maranhense um perdedor de verbalismos orientais.

Nesse, como noutros conceitos pejorativos, estriba-se um dos mais injustos preconceitos de certa critica atual, que vem sistematicamente procurando diminuir a gloria do autor de quasi uma centena de livros, muitos deles de vida efemera, — é certo, pela propria substancia, como ele mesmo haveria de esperar, mas entre os quais não será difícil encontrar alguns grandes livros, capazes de figurar, perenemente, entre os mais representativos da nossa literatura de ficção.

REI NEGRO, SERTÃO, JARDIM DAS OLIVEIRAS, INVERNO EM FLOR, A CONQUISTA, BANZO, MIRAGEM, encerram paginas duma ardente beza, um profundo amor á terra, uma emoção humana que transparece na frase mais simples, um penetrante poder de observação das almas e do meio brasileiro.

Nesta pagina de comovida evocação Coelho Netto deixa transvasar toda a sua nostalgia do torrão natal, o seu querido Maranhão de grandes poetas e prosadores de escol, povoado de florestas e de rios, por onde o caipora anda com pé de vento e a uiara vem de noite tentar os Ulisses das palhoças humildes, levando-os ora ao fundo das aguas ora ao turbilhão das cidades encantadas, como aconteceria um dia a ele proprio...



Firmo, o vaqueiro

(Continuação da pagina 31)

- Como vai Noca?
- Boa.
- E Ana? Está na cidade, mais o pai?
- Hen, hen, — afirmou o cafuso.
- Negro, você não vai daqui hoje. Ah! patrãozinho, vosmecê vai ver que é um diabo. Negro, ajunta a madeira ali atrás da arca...
- Está encordoadá?
- O danado! Onde você viu viola de homem sem corda? e afinada. Ajunta.
- O codôense agachou-se, apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ageis pelas cordas.
- Passa pra luz, cafuso.
- Lá vou...
- Sentou-se no centro da sala, cruzou as pernas e, tombando a cabeça, gemeu a toada sertaneja.
- Anda com Deus.
- Lá vai; pigarreou e desferiu:

“No coração de quem ama
Nasce uma flor que envenena.”

- Ehl! gritou o Firmo entusiasmado, concluindo a quadra:

“Morena, essa flor que mata
Chama-se paixão, morena...”

- Pega, negro... não deixa o verso no chão!
- De fora, continuo e doce, vinha o coro longinquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.
- Quando o cafuso descansou a viola, Firmo disse da rede com esforço, arrastando a voz fraca:
- Canta, canta mais, cafuso... Quem não tem Nosso Pai, ouve a cantiga. Canta.
- Era tarde quando desci o outeiro. Raimundinho lá ficou cantando.
- No dia seguinte, á hora em que saía o gado, estava eu debruçado á varanda quando ví o cafuso que preparava o animal viajero:
- Raimundinho, como vai ele?...
- De longe apontou para a palhoça:
- Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar á boca fazendo estalar a unha nos dentes: “A’s quatro da manhã...Atirei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho! — Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado!... estava morto”. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lagrimas.

Subi ao outeiro...Pobre Firmo! Lá estava no fundo da rede, cercado de gente. Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto de casa o mugido dos rebanhos. E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que eles estavam louvando o Senhor Menino; chorando o companheiro é que eles estavam, os grandes bois que pressentem todas as desgraças e que vêem a Morte passar, á noite, com a Foice de rastro, através das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois: de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo.

Para a compra, venda, hipoteca ou financiamento de imóveis

PREFIRA

os corretores do

PREGÃO IMOBILIARIO

selecionados dentre os mais idoneos e capazes da classe

Sessões publicas todas as sextas-feiras, ás 11 1/2 horas, no Salão Nobre do Liceu Literario Português

Não ha duvida: está no fim

Restam poucos exemplares do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943, edição largamente distribuida por todas as livrarias e bancas de jornais do Brasil.

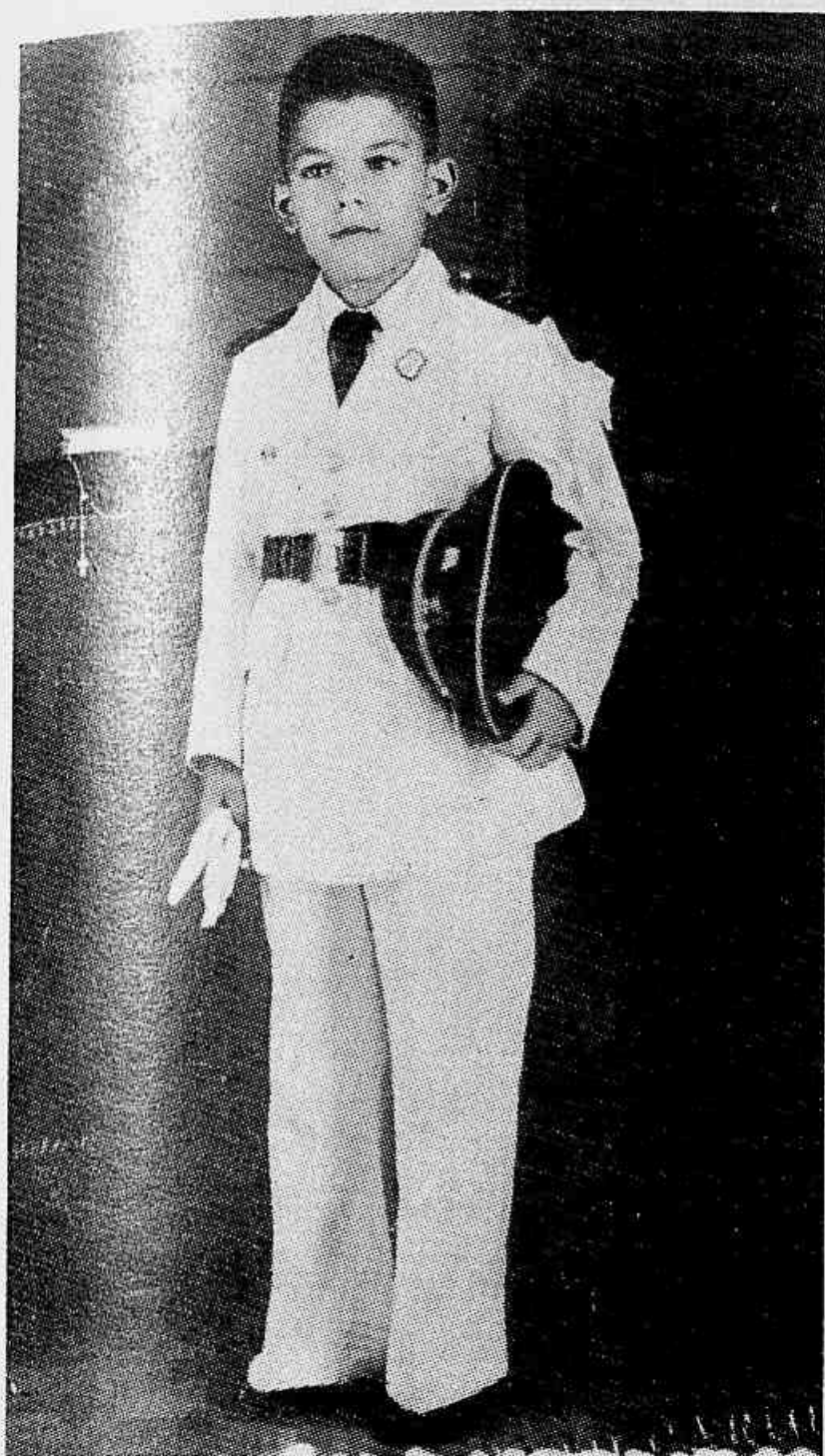
E, em verdade, outro não poderia ter sido o destino de um livro com trezentas páginas, muitas das quais coloridas, cheio de assuntos interessantíssimos, informações utilíssimas, leitura variada para todas as classes, condições e idades.

Ter por oito cruzeiros uma enciclopédia composta de assuntos por assim dizer “concentrados”, embora variadíssimos; ter em mãos uma soma de informações que, de outra forma, só seria obtida mediante longo trabalho de consulta a toda uma biblioteca; conduzir facilmente para qualquer parte, uma obra que educa e diverte, porque é ao mesmo tempo instrutiva e repousante, são privilégios de quem compra o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** — o livro dos mil assuntos.

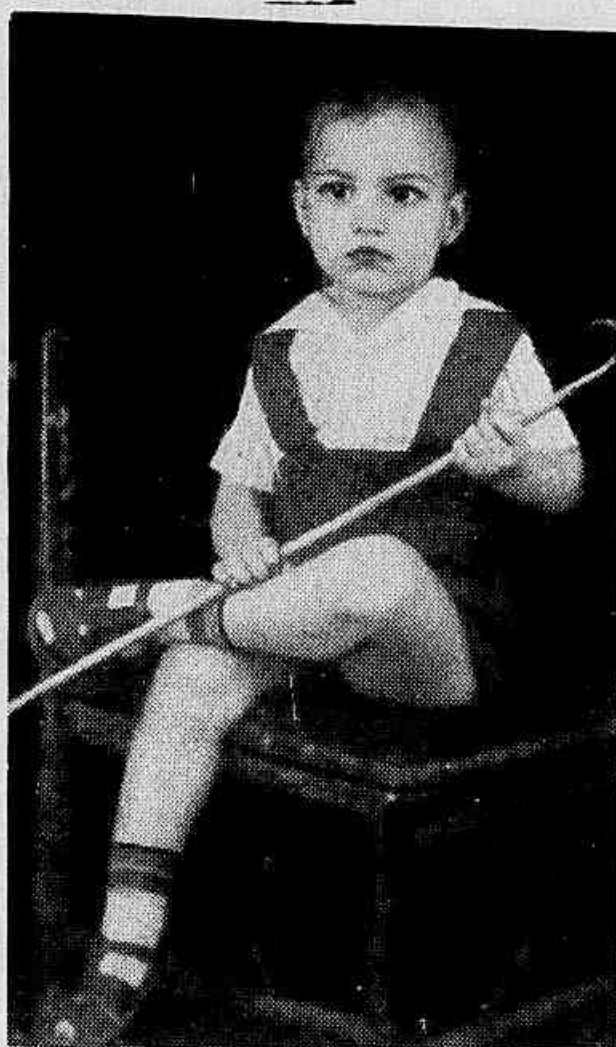
Assim, antes que seja tarde, peça a seu jornaleiro ou a seu livreiro um **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943.

Leia-o, deixe que todos os de sua casa também o leiam e, depois, mande-o ao encadernador para que passe a figurar em sua estante, confundindo-se com os seus melhores livros.

Se o fornecedor não atender a seu pedido, solicite um exemplar, mediante o envio de oito cruzeiros em vale postal ou pelo reembolso dos Correios, á CIA. EDITORA AMERICANA: Rua Maranguape, 15 — DISTRITO FEDERAL.



Arthurzinho, filho de d. Carmen Torres Cabral.

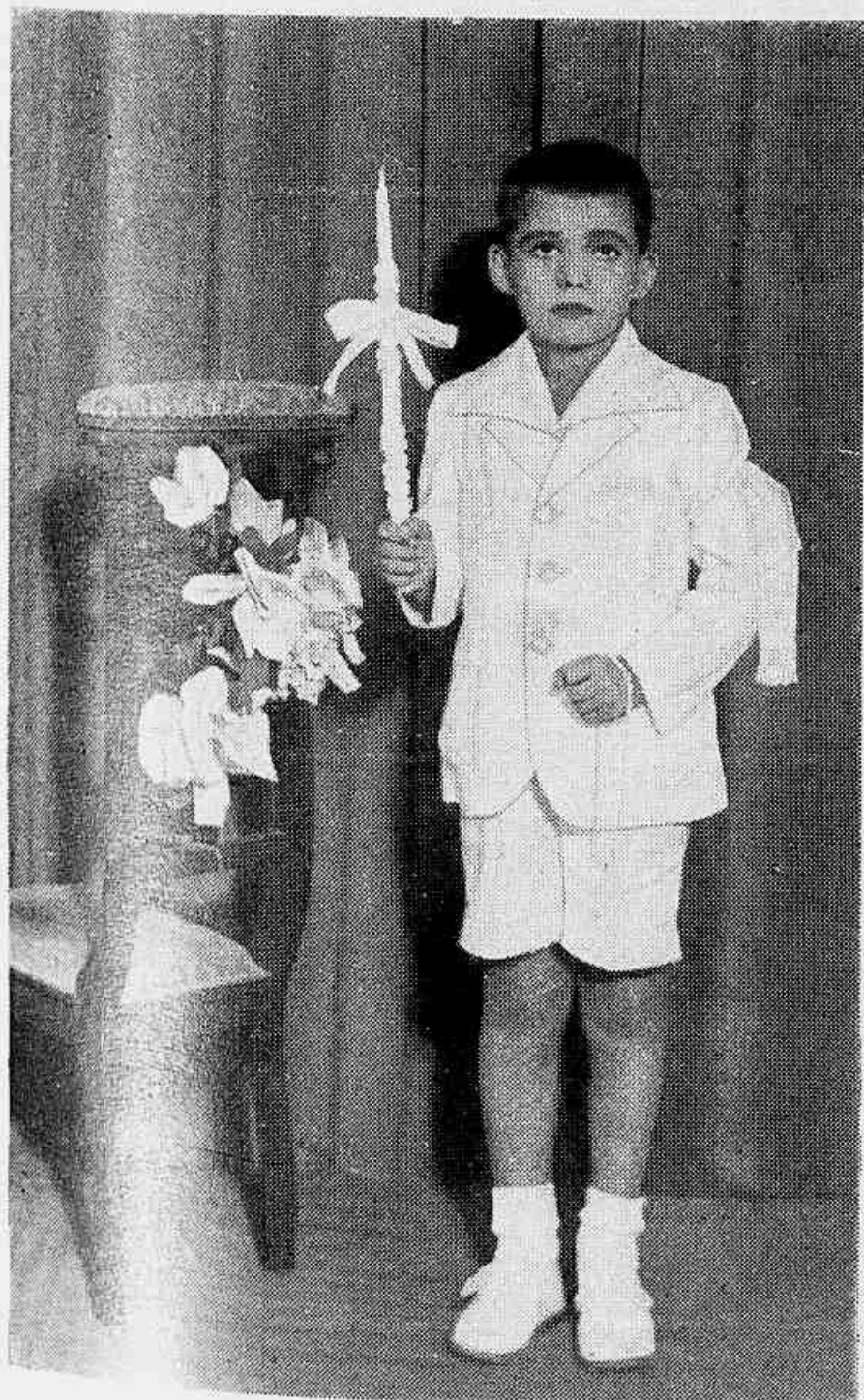


Jorge Alfonso Fonseca, filho do casal Antonio Altamirando Fonseca e d. Elza Araujo Fonseca.

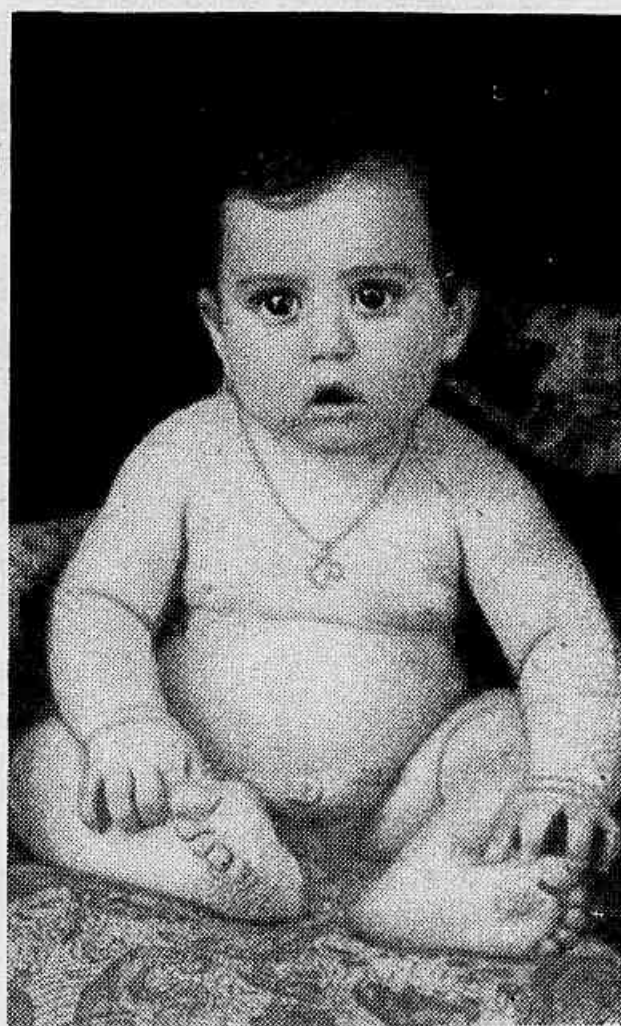


A joven pianista Maria Luiza, filha do sr. Ruggero Furlanetto e d. Mercedes Rezende Furlanetto (S. Paulo).

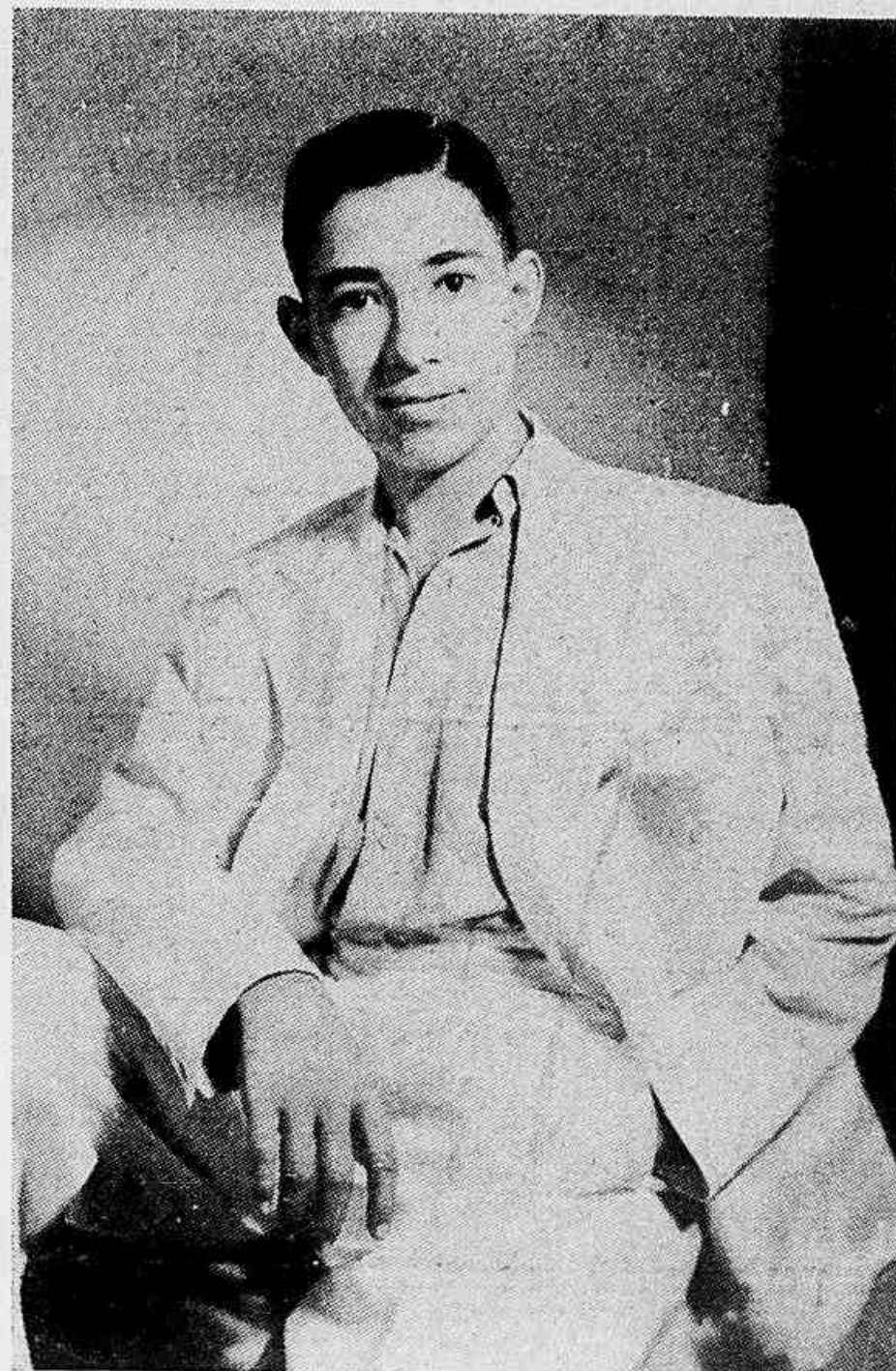
C R I A N Ç A S



Raimundo, filho do sr. Antonio Cunha Leite e de Maria da Luz Leite, no dia de sua 1.ª Comunhão — Bahia.



Nelson Araujo Fonseca, filho do casal Antonio Altamirando Fonseca e d. Elza Araujo Fonseca.



Helio, filho do sr. Vidal Rodrigues Bairos e de d. Nair Moreira Bairos.



Epoca